

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO CURSO  
JORNALISMO - BACHARELADO

KAIS RICARDO NIDAL HUSEIN

**O ASSASSINATO DA JORNALISTA SHIREEN ABU AKLEH COMO  
ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO E POLÍTICO**

Frederico Westphalen, RS  
2023

**Kais Ricardo Nidal Husein**

**O ASSASSINATO DA JORNALISTA SHIREEN ABU AKLEH COMO  
ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO E POLÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/FW,RS) – Campus Frederico Westphalen, como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Orientador: Prof. Janaína Gomes

Frederico Westphalen, RS  
2023

**Kais Ricardo Nidal Husein**

**O ASSASSINATO DA JORNALISTA SHIREEN ABU AKLEH COMO  
ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO E POLÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/FW,RS) – Campus Frederico Westphalen, como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Aprovado em 04, de Julho de 2023:

---

**Janáina Gomes  
(Orientadora)**

---

**Ângela Maria Zamin (UFSM)**

---

**Tainan Paulli Tomazetti**

Frederico Westphalen, RS  
2023

## DEDICATÓRIA

*À todos os corajosos jornalistas palestinos,  
que ousaram desafiar as trevas da opressão,  
expondo a verdadeira realidade em seu  
território, dedico este trabalho com profundo  
respeito e admiração.*

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento de profunda reflexão e gratidão, quero dedicar este agradecimento a todos os jornalistas palestinos que perderam suas vidas enquanto expunham a dolorosa realidade da opressão resultante da ocupação em nosso território. Sua coragem e determinação em buscar a verdade são um exemplo inspirador para todos nós.

Em particular, gostaria de homenagear a jornalista veterana palestina da Al-Jazeera, Shireen Abu Akleh, cuja vida foi tragicamente tirada no dia 11 de maio de 2022. Sua bravura e compromisso com a justiça e a liberdade são inesquecíveis. Que este trabalho de conclusão de curso seja um legado que reforce a memória de sua coragem e conte sua história com o respeito que ela merece.

Agradeço à minha amada nação palestina, que enfrenta diariamente a opressão e clama pela libertação diante da ocupação israelense, minha devoção é inquebrantável. Sua resiliência e resistência são uma fonte de inspiração para mim e para todos os que testemunham sua luta. Que a voz do povo palestino nunca seja silenciada e que a justiça prevaleça.

Agradeço meus queridos familiares, amigos, professores e a todos que fizeram parte desta jornada fascinante, sou imensamente grato. Seu apoio inabalável, palavras de incentivo e orientação foram fundamentais para o meu crescimento e sucesso. Obrigado por compartilharem essa jornada comigo e por lembrarem constantemente da importância representativa dos meus trabalhos, pesquisas, diálogos constantes e de apoiarem meus diversos sonhos, choros, frustrações, conquistas, enfim, muito obrigado.

Que este trabalho, fruto de nossa união e inspirado pela coragem dos jornalistas palestinos, seja um pequeno passo em direção à justiça e à conscientização. Que nossa dedicação e empenho contribuam para um futuro onde a liberdade e a paz prevaleçam.

Com profundo apreço e tamanha felicidade, Agradeço.

## RESUMO

### O ASSASSINATO DA JORNALISTA SHIREEN ABU AKLEH COMO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO E POLÍTICO

AUTOR: Kais Ricardo Nidal Husein

ORIENTADORA: Janaina Gomes

Este trabalho visa compreender o impacto duradouro da notícia sobre a morte da jornalista Shireen Abu Akleh como um acontecimento jornalístico e político de interesse global na agenda midiática. O estudo monitorou, durante um ano, diferentes categorias do texto jornalístico e encontrou 469 textos que reportaram o acontecimento. O estudo utilizou a abordagem de acontecimento político de Weber (2011), Quéré (2005) e França (2017) e Benetti (2010), Traquina (2005) e Alsina (1993) para responder à questão de pesquisa que destaca o assassinato desta jornalista palestina frente as mortes de todos os jornalistas que trabalham em conflitos ao redor do mundo e, especificamente na Palestina. A metodologia empregada é qualitativa, permitindo a agregação de outros pressupostos metodológicos para alcançar os objetivos da pesquisa. Os resultados revelam que a morte de Shireen Abu Akleh pode ser dividida em dois acontecimentos: morte e o funeral e é tanto um acontecimento jornalístico quanto um acontecimento político. Sendo considerada uma voz de esperança pelo povo palestino devido às suas reportagens sobre os crimes de guerra israelenses a morte dessa jornalista carrega importante valor simbólico do acontecimento. Quanto à repercussão, verificou-se que a dupla cidadania da jornalista, palestina-americana, também atraiu a atenção pública tanto do oriente como do ocidente, o que se reflete na permanência do caso na agenda midiática, conforme evidenciado pelos dados coletados um ano após sua morte. Em suma, este estudo proporcionou uma compreensão sobre o processo de construção do acontecimento e suas características nos diferentes produtos jornalísticos analisados.

**Palavras-chave:** Acontecimento jornalístico. Acontecimento político. Palestina. Shireen Abu Akleh.

## ABSTRACT

### THE ASSASSINATION OF JOURNALIST SHIREEN ABU AKLEH AS A JOURNALISTIC AND POLITICAL EVENT

AUTHOR: Kais Ricardo Nidal Husein

ADVISOR: Janaina Gomes

This work aims to understand the lasting impact of the news about the death of journalist Shireen Abu Akleh as a journalistic and political event of global interest in the media agenda. The study monitored, for a year, different categories of journalistic text and found 469 texts that reported the event. The study used the political event approach of Weber (2011), Quéré (2005) and França (2017) and Benetti (2010), Traquina (2005) and Alsina (1993) to answer the research question that highlights the murder of this journalist Palestinians in the face of the deaths of all journalists working in conflicts around the world, and specifically in Palestine. The methodology employed is qualitative, allowing the aggregation of other methodological assumptions to achieve the research objectives. The results reveal that the death of Shireen Abu Akleh can be divided into two events: death and the funeral and is both a journalistic event and a political event. Considered a voice of hope by the Palestinian people due to her reporting on Israeli war crimes, the death of this journalist carries an important symbolic value of the event. As for the repercussions, it was found that the journalist's dual citizenship, Palestinian-American, also attracted public attention from both the East and the West, which is reflected in the permanence of the case in the media agenda, as evidenced by the data collected one year after her death. In short, this study provided an understanding of the construction process of the event and its characteristics in the different journalistic products analyzed.

**Keywords:** Journalistic event. Political event. Palestine. Shireen Abu Akleh.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>JORNALISMO INTERNACIONAL: ORIGEM E INFLUÊNCIA</b>	<b>12</b>
2.1	A CONEXÃO DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS OCIDENTAIS COM O ORIENTE MÉDIO	18
2.1.1	<b>Particularidades das agências no Oriente Médio e Norte da África</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO</b>	<b>27</b>
<b>4</b>	<b>O ACONTECIMENTO PÚBLICO E POLÍTICO</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>PALESTINA</b>	<b>38</b>
<b>6</b>	<b>ACORDOS METODOLÓGICOS</b>	<b>46</b>
<b>7</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>49</b>
7.1	A MORTE DE SHIREEN ABU AKLEH COMO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO	56
7.2	O ASSASSINATO DE SHIREEN ABU AKLEH COMO ACONTECIMENTO POLÍTICO	88
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>90</b>
	REFERÊNCIAS	93



## 1. INTRODUÇÃO

A Palestina, numa narrativa ocidental, é um lugar onde a população recém chegada de judeus<sup>1</sup> europeus, chamados de sionistas<sup>2</sup>, realizou muitos feitos relativos às construções e à civilização. Esses judeus lutaram pelo domínio da Palestina em guerras tecnológicas e saíram vitoriosos contra a população de árabes<sup>3</sup> que sempre foi retratada como incivilizada (SAID, 2011, p. 71). Nesse contexto político e geográfico subsistem as duas populações: judeus e árabes. Na hierarquia do imaginário ocidental, os árabes-palestinos são interpretados como suprimidos e, por sua vez, são subjugados pelo segundo, mesmo sendo os habitantes originários daquele território, que hoje vivencia uma ocupação colonial dos judeus (SAID, 2011, p. 71).

Historicamente os árabes-palestinos são vistos como retrógrados e tradicionais (SAID, 2011, p. 71). Segundo Said (2011), Alphonse de Lamartine, em 1833, em seu livro *Viagem ao Oriente*, registrou os encontros com árabes camponeses na “terra santa”. Em seus escritos relatou que o território não era exatamente um país e os moradores árabes, provavelmente, eram cidadãos ilegítimos daquela região, logo, um espaço de oportunidades para a França empreender com seu projeto imperial e colonial (SAID, 2011, p. 72).

Illan Pappé (2016, p. 49-50), afirma que, após a Primeira Guerra Mundial, o sistema do mandato estabelecido pela Liga das Nações prometeu levar a independência de todos os Estado-nação do Oriente Médio. No entanto, a Palestina não teve o mesmo tratamento e permaneceu sob domínio britânico. Após a Segunda Guerra Mundial (1948), a Organização das Nações Unidas (ONU), que, segundo Pappé, estava despreparada e inexperiente, confiou as deliberações sobre o destino da Palestina ao Comitê Especial para a Palestina, *United Nations Special Committee on Palestine* (UNSCOP) criado em 1947, que recomendou a partilha da Palestina em dois Estados. Em 1948 ocorreu a criação do Estado de Israel, com um

---

<sup>1</sup> Judeus: Grupo étnico-religioso que profere a qualquer pessoa pertencente ao grupo mundial que constitui, por descendência ou conversão, uma continuação do antigo povo judeu, que eram eles próprios descendentes dos hebreus da Bíblia (Antigo Testamento). (THE EDITORS OF ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Jew, 1 jun. 2023b. (Nota técnica))

<sup>2</sup> Sionismo: Segundo PAPPÉ (2016, p.30) “Um movimento de ressurgimento nacional, estimulado pela crescente pressão sobre os judeus da Europa Central para que arriscassem a perseguição contínua [...] a maioria dos líderes associava o sionismo à colonização da Palestina, local reverenciado pela religião judaica como local de peregrinação religiosa mas, nunca como estado secular.

<sup>3</sup> Árabes: “Árabe” refere-se a qualquer um dos habitantes semíticos em grande parte nômades da Península Arábica. No uso moderno, abrange qualquer um dos povos de língua árabe que vivem na vasta região que se estende desde a Mauritânia, na costa atlântica da África, até o sudoeste do Irã, incluindo todo o Magrebe do Norte da África, Egito e Sudão, a Península Arábica e Síria e Iraque. (THE EDITORS OF ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Arab, 1 jun. 2023a. (Nota técnica)).

território de grande maioria árabe, com uma população de 1.912.112 palestinos e 608.225 judeus recém chegados ao território.

Atualmente, segundo dados da *Amnesty International* (2021, p. 4), a Palestina vive sob um regime de *apartheid*. Um sistema discriminatório imposto pelo seu atual colonizador, o estado de Israel, que “comete diversos crimes à população Palestina com a premissa de construir um estado absoluto judaico”.

Nesse contexto, o Oriente Médio inclui-se no cenário da composição de imagens e narrativas da imprensa, que atua sobre o imaginário coletivo do público por meio das informações veiculadas sobre a história da região, sua cultura, suas populações, organizações políticas, entre outros fatores (PEREIRA, 2021). Nesse sentido, algumas características orientalistas com a prerrogativa da superioridade ocidental estão presentes e comuns no ocidente. Banaji (2019) aponta que o debate público pela mídia contribui para uma visão dualista sobre o tema, trazendo consigo características racistas que validam a dominação branca.

Este trabalho pretende colaborar com esse tensionamento sobre a compreensão do Ocidente da realidade da Palestina pelo viés jornalístico a partir do estudo do acontecimento jornalístico e político do assassinato da jornalista Shireen Abu Akleh, que recebeu atenção internacional. Segundo o Manual da *Folha de S. Paulo* (1996, p. 27), “quanto mais um fato puder gerar consequências para o mundo, para a sociedade ou para a maioria dos leitores, mais relevante ele é. Quanto mais inesperado, mais noticioso; quanto maior a força de quem está interessado em ocultá-lo também.”

Portanto, um fato precisa romper a normalidade do nosso cotidiano para ser um produto jornalístico, logo, quando gera repercussão, automaticamente o interesse público transparece. Importante ressaltar que o interesse não é propriedade do fato. Quem possui interesse não é o fato mas sim, o sujeito, logo, fica implícito aqui que um fato para tornar-se jornalístico precisa despertar o interesse do sujeito ao seu entorno. Isso fica explícito quando analisamos a perseguição de jornalistas em contextos de conflito armado. A organização Repórteres Sem Fronteiras relatou que, em 2022, pelo menos 57 jornalistas foram mortos em todo o mundo em decorrência de seu trabalho (RSF, 2022, p.13). Segundo o Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ, 2023) 20 jornalistas foram assassinados pelas Forças de Defesa Israelenses em 22 anos. Dezoito eram palestinos.

Shireen Abu Akleh foi correspondente para diversos veículos de comunicação internacionais, incluindo a *Rádio Montecarlo*, *Voice of Palestine*, *Al Jazeera*, *Reuters*, *Al-Arabiya*, e recebeu reconhecimento internacional por seu trabalho. Ela se destacou por sua

cobertura jornalística na Palestina, principalmente na Cisjordânia, onde cresceu. Ela ficou conhecida por seu compromisso em trazer à tona as vozes dos palestinos em meio ao conflito com Israel. Abu Akleh cobriu de perto a colonização, revelando os crimes de guerra cometidos, tornando-se, assim, uma das principais vozes nas questões políticas e sociais na Palestina.

No dia 11 de maio de 2022, Shireen foi assassinada pelas forças de ocupação israelenses enquanto cobria um confronto no campo de refugiados de Jenin, na Cisjordânia. Segundo relatos, ela foi atingida por um tiro na cabeça, bem abaixo do capacete de proteção, disparado por um soldado israelense enquanto se identificava como jornalista e tentava se afastar do local do confronto.

A morte de Shireen Abu Akleh gerou grande comoção entre os jornalistas e na população palestina, em função das denúncias de violência e de injustiça da ocupação israelense. Após o fato, 34 organizações de defesa dos direitos humanos pediram uma investigação sobre o caso. No dia 29 de maio de 2022, destacou-se o apoio do Instituto de Paz Internacional no abaixo-assinado que solicitava “uma investigação imediata, completa e independente sobre o assassinato de Abu Akleh”<sup>4</sup>.

Os ataques ao cortejo fúnebre de Shireen Abu Akleh, por parte das forças militares israelenses, revelaram a estrutura do racismo e da violência cometida com o povo Palestino. Segundo a Anistia Internacional (2022, p. 30), as “violações regulares dos direitos dos palestinos por Israel não são repetições acidentais de ofensas, mas parte de um regime institucionalizado de opressão e dominação sistemática”.

Por fim, é importante destacar que a morte de Abu Akleh é um acontecimento político que tem implicações significativas para o conflito entre Israel e Palestina. Como argumenta Galtung (1998), eventos políticos podem ser vistos como um reflexo da estrutura e dinâmica de um conflito mais amplo. A morte de Abu Akleh é um exemplo disso, uma vez que sua morte levanta questões sobre a liberdade de imprensa e a perseguição de jornalistas que arriscam suas vidas para informar o público.

A problemática deste trabalho se estabelece a partir deste contexto e se expressa na pergunta: Quais as características do acontecimento jornalístico que explica a seleção e a permanência da notícia sobre a morte da jornalista Shireen Abu Akleh? O objetivo deste trabalho é analisar os títulos dos produtos jornalísticos sobre o assassinato nos jornais do

---

<sup>4</sup> **34 rights groups demand an independent investigation into the killing of Shireen Abu Akleh.** Disponível em: <<https://liberties.aljazeera.com/en/34-rights-groups-demand-an-independent-investigation-into-the-killing-of-shireen-abu-akleh/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

Oriente (Al-Jazeera, Monitor do Oriente e A agência Palestina Wafa) e do Ocidente, (The New York Times, The Guardian e O Globo) e, assim, compreender o impacto duradouro do acontecimento na mídia e entender como a morte de Shireen Abu Akleh, uma jornalista palestina nascida em Jerusalém em 1971, tornou-se um acontecimento jornalístico.

Para cumprir esses objetivos, este trabalho de conclusão apresenta o referencial teórico que será base da pesquisa, apresentando, no capítulo dois, os conceitos de Jornalismo Internacional e o contexto da prática jornalística a partir da estrutura das agências de notícias que fazem a cobertura internacional, e as particularidades do Oriente Médio nesse contexto, trazendo os autores Natali (2004), Pereira (2021), Espinosa de Los Monteros (1988) e Abreu (2018). Os capítulos três e quatro versam sobre o acontecimento em sua dimensão jornalística e política com os autores, Alsina (1993), Benetti (2010), Traquina (2005), Quéré (2005), Weber (2011) e França (2017). O capítulo cinco apresenta uma breve apresentação da Palestina, seu contexto histórico e conflitos com Pappé (2016) e Decolonize Palestine (2023). O capítulo seis apresenta os acordos metodológicos que nortearão a pesquisa. O capítulo sete oferece os resultados da pesquisa, seguido das considerações finais da pesquisa.

## **JORNALISMO INTERNACIONAL: ORIGEM E INFLUÊNCIA**

Segundo Pereira(2021), uma das tarefas primordiais do Jornalismo é servir o interesse público, levando à sociedade conhecimentos sobre os acontecimentos relevantes ou com potencial em influenciar na vida dos cidadãos. Inclui-se nisso notícias nacionais e internacionais.

A segmentação do jornalismo que aborda as notícias de fora do país de origem é chamada de Jornalismo Internacional. Trata-se de uma especialização que reporta fatos ocorridos além da fronteira nacional de origem do veículo de comunicação que os noticia, sejam eles de ordem econômica, científica, esportiva ou ligada a qualquer outra temática (AZEVEDO, 2012 apud PEREIRA, 2021, p. 44). Silva (2011 apud PEREIRA, 2021, p. 44) defende que, a imprensa voltada para assuntos estrangeiros acaba por transformar cidadãos nacionais em globais ao estabelecerem uma comunidade imaginada de escala global, onde eventos ocorridos em outras regiões ou continentes geográficos ligam-se ao resto do mundo (ANDERSON, 2008 apud PEREIRA, 2021, p. 44).

Segundo Los Monteros (1988, p. 416), o Jornalismo Internacional é um “[...] fenômeno da atividade intelectual e econômica [...]” que parte do século XIX. Sua trajetória está “[...] ligada ao desenvolvimento da escrita, à imprensa, à indústria editorial, às

tecnologias de comunicação e ao transporte”. Segundo o autor, o desenvolvimento do jornalismo impresso para a produção em massa de papel na era industrial abriu caminho para o reconhecimento de organizações acadêmicas e sindicais, fazendo com que o profissional possuísse proximidade das ciências sociais e humanas.

Na visão do autor, o Jornalismo possuía ligação direta com a economia:

O jornalismo é uma atividade econômica do capitalismo, que em suas origens satisfaz a necessidade de comunicação de comerciantes e banqueiros, para saber preços de mercadorias e mercados de grãos e metais. (LOS MONTEROS, 1988, p. 418).

De acordo com Los Monteros (1988, p. 419), um francês chamado Charles Hava foi o pioneiro na entrega de informação política. Hava também colocou à venda uma tradução de documentos com informações sobre o que ocorria no exterior, sendo considerado o primeiro produto jornalístico internacional. O inglês Julius Reuter era empregado de Havas e introduziu ao seu serviço a divulgação de “acontecimentos súbitos e imprevistos”, abrindo a profissão para uma esfera intelectual que era algo inimaginável na época por conta da carência de desenvolvimento político e tecnológico.

Todavia, Natali (2004) defende que o Jornalismo nasceu internacional por ser datado entre os séculos XV e XVIII, período demarcado pelo mercantilismo. Para o autor, a origem do jornalismo internacional, provém de um influente banqueiro europeu Jacob Függer von der Lillie que foi o primeiro a criar uma espécie de boletim informativo que distribuía regularmente informações úteis para os negócios, como cotações de mercadorias, ocorrência de conflitos que pudessem afetar o trabalho, preços de apólices de seguros e mudanças na igreja que poderiam influenciar no comércio de alguns países da Europa.

As cartas de notícias, informações divulgadas para um público específico, eram denominadas de Corantos, destinadas a pessoas que compartilhavam interesses em comum e frequentavam o mesmo meio social e, assim, mantinham-se informados por meio desses folhetos. Foi assim que as primeiras folhas de notícias impressas evoluíram e começaram a ser distribuídas na sociedade e não somente a um certo grupo de pessoas (NATALI, 2004).

Foi nesse momento que o Jornalismo Internacional ganhou força de interesse, principalmente entre os comerciantes, que notaram o valor da notícia que circulava entre as localidades. Essa perspectiva comercial da informação, conferiu à notícia um *status* de formadora de relações de poder. Sendo assim, segundo Natali (2004, p. 23), “O jornalismo nasceu [...], sob forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de

notícias produzidas em terras distantes.” E por ser periódico tornou-se fundamental na tomada de decisões econômicas e também amenizando os riscos de negociação.

Natali (2004) comenta que o Jornalismo Internacional trouxe consigo uma particularidade, a construção de um espaço público com potencial de questionamento a respeito da realidade e do contexto em que viviam. Para Los Monteros, as guerras e os conflitos coloniais tiveram um papel fundamental para a ampliação das notícias estrangeiras, por exemplo na Inglaterra e França . “Até hoje as guerras são objeto de interesse primordial para os jornalistas; as motivações são as mesmas ontem e hoje: a vontade de relatar os dramas da guerra, a ambição de publicar as notícias que estremecem os leitores, a necessidade de relatar com imparcialidade os fatores de mudança social e política” (LOS MONTEROS, 1988, p. 416).

Além de interesses comerciais, jornalistas enviavam informações militares, diplomáticas e eclesiásticas na Europa. Logo, se por um lado havia uma necessidade do público por informações locais, por outro, o expansionismo europeu despertava curiosidade pelo que ocorria no exterior. Nesse sentido, Natali (2004) sustenta que as guerras são as fases de maior amadurecimento do Jornalismo Internacional, em especial a Guerra Civil Americana (1861-1865), que foi noticiada por 150 correspondentes de guerra. Foi nesse momento que os jornais foram vistos como empresas, procurando assim, mais informações por um preço menor.

No Brasil, a presença do jornalismo internacional veio a partir do século XIX. Até então, os veículos de comunicação eram voltados para assuntos políticos nacionais, sem interesse por informações de outros países (BAHIA; RIGUEIRA, 2010 apud PEREIRA, 2021, p. 45). Para Natali (2004), um dos motivos da ausência se deu pelas limitações técnicas advindas do uso de navios para circulação de notícias, impedindo, assim, a agilidade na distribuição das informações.

De acordo com estudo realizado por Bahia e Rigueira (2010 apud PEREIRA, 2021, p. 46), somente com o surgimento do jornal *Correio Brasiliense*, em 1808, começou a circulação de notícias estrangeiras. O crescimento no interesse em receber esse tipo de informação veio com a chegada de imigrantes ao Brasil (SILVA, 2011, apud, PEREIRA, 2021, p.46). Em 1808, nasceu a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que reportava informações das famílias reais europeias. Em 1874, Dom Pedro II fez uma ligação entre o Brasil e a Europa, o que permitiu a chegada do telégrafo que, conseqüentemente, acelerou o recebimento e envio de notícias.

Pereira (2021) comenta que, “apesar da existência do noticiário internacional, ainda não existiam equipes próprias para a editoria”. Os jornais estrangeiros e a possibilidade de

acesso maior às informações com o advento da internet nos Estados Unidos constituíram-se como duas inovações que ampliaram as fontes para o jornalismo internacional (GOMES, 2000).

No século XX, surgiram as redes internacionais de televisão especializadas em notícias, como a norte-americana *Cable News Network* (CNN), a britânica *British Broadcast Corporation* (BBC) e a árabe *Al Jazeera*, expandindo o número de fontes de notícias, que até então eram concentradas nas agências. Na década de 1950, o noticiário internacional ganhou equipes especializadas nesse tipo de segmento (AGUIAR, 2008).

A evolução tecnológica dos meios de comunicação e informação possibilitou o surgimento de outro tipo de negócios de notícias: As agências internacionais: “A ideia consistiu, então, em formar *pools* pelos quais um mesmo repórter ou equipe de repórteres produziriam material para muitos órgãos de imprensa.” (NATALI, 2004, p. 30). Essas empresas tornaram-se cada vez mais globais e complexas.

As agências surgiram em meados do século XIX como um grande e lucrativo negócio no jornalismo. A lógica era simples e inovadora, tanto que se mantém fundamentalmente inalterada até hoje: o alto custo de operação de uma rede de correspondentes espalhados pelo globo seria compensado por uma vasta carteira de clientes, entre jornais, revistas e outras publicações jornalísticas, numa espécie de “mais-valia informativa”.

Elas se consolidaram como o meio mais acessível para uma publicação obter informação sobre o maior número de lugares possíveis. Elas alimentam veículos de comunicação do mundo inteiro com os mais diversos assuntos, traduzem conteúdos, enviam informações de um país para o outro, fornecem conteúdos dos locais onde os repórteres não conseguem chegar, alertam para notícias urgentes que devem ser cobertas, disponibilizam materiais adicionais que aprimoram a cobertura jornalística (AGUIAR, 2008).

Segundo Viana e Lima (2012, p. 5), comentam que, inicialmente, os agentes internacionais serviam para informar dados econômicos, de agricultura e mineração e que, hoje, os mesmos investem em tecnologias, coberturas de eventos internacionais, “representando grandes conglomerados de comunicação que possuem como estrutura várias empresas em diversos setores”.

A primeira agência surgiu na França em 1835. Foi criada por Charles-Louis Havas com o objetivo de traduzir informações publicadas por jornais do exterior para uso dos jornais franceses. Havas pode ser considerado o fundador do conceito de agência de notícias. A *Agência Havas* é atualmente chamada de *Agence France-Presse* (AFP). Um de seus empregados se chamava Paul Julius Reuter, o futuro fundador da agência *Reuters*, fundada em

1851. As duas agências são consideradas, ainda hoje, como as maiores agências internacionais do mundo. Em 1849, foi fundada a agência alemã *Wolff*, batizada pelo dono, Bernard Wolff. Em 1949 foi denominada *Deutsche Presse-Agentur* (DPA), atual agência nacional (privada) da República Federal Alemã.

Segundo Pereira (2011), a melhor fase da *Agência Havas* foi alcançada nos anos de 1930 e 1960, quando o faturamento dos jornais estavam altos, e o aumento do interesse público crescia em relação às temáticas de guerra e celebridades internacionais. Julius Reuter possui marcos importantes na agência *Havas*. Em 1851, ele “[...] centralizou em Londres, para uso da imprensa econômica, informações captadas na Europa continental” (NATALI, 2004, p. 30).

A agência *Reuters* foi a primeira a noticiar o assassinato do presidente Abraham Lincoln (1865). A notícia, segundo Natali (2004, p. 30), “[...] vinha por malote, transportada por navio”. Com a situação política tensa nos Estados Unidos, a agência interceptou a correspondência quando o barco dos correios ainda percorria o litoral da Irlanda, de onde a notícia foi transmitida para Londres por telégrafo, trazendo um grande furo e provocando casos no mercado de ações e matérias-primas.

A norte-americana UPI, irmã caçula das veteranas e principal concorrente da AP, só nasceu em 1958, a partir da fusão entre a *United Press* (1907) e a *International New Service* (1909), mas entrou em franco declínio dos anos 1980 até 2000, quando foi comprada pelo grupo empresarial do Reverendo Moon, líder evangélico coreano (AGUIAR, 2008).

Natali (2004) aponta que a decisão de recorrer às agências de notícias, corresponde ao baixo custo econômico ao contratar os serviços, visto que, as despesas de correspondentes internacionais ou enviados especiais seriam pagas pelo próprio jornal. Porém a forma de produção das notícias pelas agências internacionais era diferente do que vemos atualmente. O material produzido tinha características de textos crônicos e depois, muitas vezes, eram transformados em contos literários, após as coberturas. Los Monteros conta que o material era produzido com estilo e liberdade, que cumpriam o propósito de levar a notícia mas, não deixavam de comover com histórias. “Hoje os textos de informação internacional são em geral informativos e sucintos” (LOS MONTEROS, 1998, p. 418).

A generalização desse serviço de agências trouxe consigo a consequência do apartidarismo do noticiário por conta de uma postura de mercado e não ética. “Como há clientes de diferentes orientações editoriais, nenhuma agência puxaria a azeitona para o lado de uma só empada”, aponta Natali (2004, p. 31). O apartidarismo tornou-se algo comum no Jornalismo Internacional no quesito de focar os acontecimentos. Com esse procedimento as



agências não perderiam seus clientes, no entanto, caso possuíssem um lado, acarretaria na perda do mesmo e afetaria o lucro e a relevância de tal empresa jornalística, exemplo efetivo de um jornalismo apartidário. Segundo Natali (2004), o jornal *The Guardian*, inicialmente conhecido como *Manchester Guardian*, com sua periodicidade semanal, foi considerado um dos jornais em destaque na área do Internacional por enviar, em 1871, correspondentes para o lado francês e para o lado prussiano da guerra entre aqueles dois países.

Natali (2004) propõe cenário imaginativo para que possamos refletir sobre o motivo que a ascensão das agências provinha principalmente de países imperialistas, trazendo exemplos e questionamentos do porque países como Hungria, Equador, Alemanha não terem a mesma ascensão da França, Inglaterra e Estados Unidos.

O motivo pelo qual países imperialistas obtiveram sucesso no Jornalismo Internacional vem pelo fato de que a industrialização tornou-os como projetos pelas suas ambições expansionistas, poder mercantil e seu poderio na imprensa. Visualizando dessa maneira, o autor traz a alusão de que países vencedores de guerras, doutrinação, avanço industrial e tecnológico enquanto, países considerados perdedores obtiveram uma história turbulenta em relação ao Jornalismo. Natali (2004, p. 32) exemplifica com o caso da Alemanha que perdeu duas guerras mundiais e, acessando o site da *Deutsche Presse-Agentur* a (DPA), em um canto da página onde cita a história da sua origem existe também o ano de criação que data 1949 e que a mesma é uma agência de fusão de três outras agências com siglas e prováveis raízes provindas do Terceiro Reich logo, algo que o mundo deseja esquecer. Para Natali (2004), a questão não é o ano em que essas agências surgiram ou como surgiram e, sim, que a Alemanha ou a Itália, como citado, foram perdendo praticamente toda sua credibilidade por conta do fascismo instaurado naquelas regiões na época.

Rossi (2000) lista que as maiores agências da atualidade são: a *Agence France Presse* (AFP), da França; as estadunidenses *United Press International* (UPI) e *Associated Press* (AP); a *Reuters*, da Inglaterra; a *Deutsche Presse-Agentur* a (DPA), com origem alemã; além da italiana *Agenzia Nazionale Stampa Associata* (ANSA) e da espanhola EFE.

## 2.1 A CONEXÃO DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS OCIDENTAIS COM O ORIENTE MÉDIO

A primeira conexão com as agências de notícias no Oriente Médio, mais especificamente no mundo islâmico, ocorreu logo após a criação das primeiras agências

europeias. Em 1835, Havas estabeleceu sua empresa em Paris, enquanto a França já havia ocupado a Argélia cinco anos antes. Durante esse período, as potências europeias estavam adquirindo territórios do império Otomano no norte da África. O Reino Unido ficou com o Egito, a Itália com a Líbia, a França com a Tunísia e um condomínio entre Espanha e França com Marrocos. Essas ações foram alternadas com políticas de apaziguamento e tentativas de agradar aos turcos. Em 1870, durante a divisão do cartel, o Império Otomano foi declarado parte do duopólio Havas-Reuters (que também exploraria a América do Sul), mas logo foi dividido, com o Egito ficando sob a agência britânica e as outras partes sob a agência francesa (NALBACH, 1999 apud ABREU, 2018).

No século XIX, as agências europeias começaram a se expandir pelo mundo islâmico como parte da construção da rota telegráfica entre a Europa e a Índia. O barão Paul Julius Reuter obteve concessões do xá da Pérsia para construir linhas de telégrafo e ferrovias que atravessavam o país de oeste a leste (da fronteira com a Mesopotâmia otomana até o Raj britânico na Índia) e de norte a sul (do Mar Cáspio, fronteira com o Império Russo, até o Golfo Pérsico e o Mar da Arábia, onde os navios europeus ancoravam após atravessar o Canal de Suez) (HERSHLAG, 1980 apud ABREU, 2018). Antes mesmo da conclusão do Canal de Suez, em 1869, que foi construído com capital franco-britânico, o Egito já era uma passagem para os cabos telegráficos em direção à Europa. Durante a década de 1860, a Reuters e a Havas estabeleceram seus escritórios em Alexandria e no Cairo (READ, 1999 apud ABREU, 2018).

A Agence de Constantinople, fundada em 1889 na cidade atualmente conhecida como Istambul, no Império Otomano (atual Turquia), foi a primeira agência de notícias sediada na região. Foi estabelecida pelo jornalista vienense Julius Grosser e financiada pelo governo austro-húngaro. Seu objetivo era garantir o fluxo de informações da Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria e Itália) para o império turco em declínio, cujo apoio era disputado pelos dois lados que estavam prestes a entrar na Primeira Guerra Mundial. A agência divulgava despachos em francês, que era a língua da diplomacia e de grande parte da imprensa internacional antes da guerra (KOLOĞLU, 1994 apud ABREU, 2018, p. 340).

Segundo Abreu (2018), vinte anos depois, surgiu no mesmo país a Agence Télégraphique Ottomane em 1909, também em francês. Foi criada por Salih Gourdjı e estava ligada ao movimento revolucionário dos Jovens Turcos, que buscava modernizar o país e torná-lo mais europeizado. Essa agência de notícias ilustra mais uma vez o papel das agências na globalização do projeto da Modernidade. No entanto, a Agence Télégraphique Ottomane encerrou suas atividades em 1923, logo após o início da implementação desse projeto por

Mustafá Kemal, conhecido como Atatürk, considerado o pai dos turcos. A Turquia se tornou o berço de outras agências de notícias no Oriente Médio durante o período entre a Belle Époque e a Primeira Guerra Mundial, todas com ênfase na língua francesa e na influência europeia. Essas agências incluíam a Agence Télégraphique Orientale (ou Eastern Telegraphic Agency, 1911-1924), a Agence Balkanique Ariel (1915) e a SumerAnatolie (1938). Atatürk, por sua vez, incentivou a fundação da primeira agência de notícias "nativa" do Oriente Médio, a Anadolu Ajansi (ou "Agência Anatólia", em turco), estabelecida em 1920, que continua existindo até os dias atuais como uma das maiores agências de notícias nacionais do mundo.

A derrota do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial resultou no colapso do império e na subsequente formação de estados nacionais árabes no Oriente Médio. O Hejaz se tornou o embrião da Arábia Saudita, enquanto a Transjordânia (atual Jordânia) e os protetorados britânicos do Golfo Pérsico (Bahrein, Catar e Emirados Árabes) e de Áden (atual Iêmen) foram estabelecidos. Além disso, a Síria, o Líbano e a Palestina passaram a ser governados por protetorados franceses e britânicos, de acordo com o Acordo Sykes-Picot de 1916. O Sultanato de Omã, que já era independente desde o século XVII, e o Egito, que havia conquistado a independência no século XIX, eram os únicos países da região que já possuíam independência formal, embora ainda estivessem sob forte influência política, econômica e ameaça militar do Reino Unido (ABREU, 2018, p. 341).

Boyd-Barrett (1980 apud ABREU, 2018, p.342) destaca que mesmo após o fim do cartel, a Havas e a Reuters continuaram a dominar em seus respectivos territórios de influência de cada potência europeia. Isso incluía a Síria, Líbano, Argélia e Tunísia para os franceses, e Egito, Palestina, Jordânia e Iraque para os britânicos. Em 1934, um ano antes da mudança de nome da Pérsia para Irã, o Estado persa estabeleceu a agência Pars (também conhecida como Fars), que ficava sob a supervisão do Ministério das Relações Exteriores. Essa agência foi criada por iniciativa do príncipe e ex-ministro Firuz Nosrat-ed-Dowleh. Com o fim do cartel europeu no mesmo ano, a Pars pôde firmar contratos com as agências americanas AP e UP, além da Reuters. Rapidamente, ela se tornou a principal provedora de notícias para a imprensa iraniana e a fonte privilegiada de informações sobre o Irã para a mídia estrangeira (SREBERNY-MOHAMMADI; MOHAMMADI, 1994 apud ABREU, 2018).

Após a Segunda Guerra Mundial, a AP e a UP começaram a competir com as agências europeias no mercado dos países árabes. O Cairo foi o primeiro centro de correspondentes e bureaux de agências na região, mas essa localização se tornou inconveniente para a Reuters e a AFP após o fracasso da invasão anglo-francesa no Canal de Suez em 1956. Em vez disso,

eles se mudaram para Beirute, que era uma localização mais prática para cobrir os territórios palestinos, Israel, bem como a crise no Chipre, Síria e Iraque (BOYD-BARRETT, 1980 apud ABREU, 2018, p. 342). Com a guerra civil no Líbano nos anos 70 e 80, e o crescimento das monarquias petrolíferas do Golfo Pérsico, o centro de correspondentes e bureaux foi transferido para cidades como Dubai, Doha e também Nicósia, a capital do Chipre.

A segunda metade da década de 1950 marcou o início da fundação de agências de notícias verdadeiramente nacionais no mundo árabe, seguindo o exemplo da África. Nessa época, surgiram a agência MENA (Middle East News Agency) no Egito em 1955, a MAP (Maghreb Arabe Presse) no Marrocos e a INA (Iraqi News Agency), ambas em 1959. Embora mantivessem nomes em inglês e francês para atender aos clientes estrangeiros, essas novas agências árabes direcionaram seus serviços principalmente para a circulação de notícias domésticas e intrarregionais, algumas alinhadas ao projeto pan-arabista de líderes como Nasser, Aflaq, Gaddafi e outros. Desde o início, a MENA investiu na abertura de escritórios em outros países da região e na assinatura por jornais de todo o mundo árabe, buscando se consolidar como uma agência regional, como sugere seu próprio nome. A agência egípcia estabeleceu relações amistosas com agências nacionais e transnacionais, chegando até a atuar como tradutora do serviço da AFP para o árabe (BOYD-BARRETT, 1980 apud ABREU, 2018, p. 342).

Os conflitos entre Israel e seus vizinhos árabes resultaram em uma maior presença das agências americanas na região, com a AP e a UPI expandindo suas equipes nos bureaux e conquistando mais clientes entre os jornais locais. Em 1969, a AFP inaugurou seu serviço em árabe, e a Reuters seguiu o exemplo no início dos anos 1970, produzindo a partir de Beirute. No entanto, o alinhamento editorial nessas disputas era claro: Boyd-Barrett (1980 apud ABREU, 2018, p. 343) observa que os chefes dos escritórios da Reuters e da AFP em Jerusalém durante os anos 70 eram jornalistas israelenses, não árabes.

Em 1963, durante o seminário da UNESCO em Túnis, agências de notícias dos países árabes do norte da África também estiveram presentes. Isso incluiu a APS da Argélia, a MAP do Marrocos, a TAP da Tunísia e a MENA do Egito (na época conhecido como República Árabe Unida, resultado da breve união com a Síria entre 1958 e 1961). Na ocasião, representantes da Líbia, Mali e Mauritânia informaram que seus países planejavam estabelecer suas próprias agências no futuro, o que realmente ocorreu nos anos seguintes.

A primeira crise do petróleo, em 1973, coincidiu com os esforços dos países não alinhados em promover cooperação econômica e comunicação, incluindo os países árabes e do Oriente Médio. Sob os auspícios da Organização da Conferência Islâmica (OCI,

atualmente conhecida como Organização para a Cooperação Islâmica), foi fundada em 1972 a Federação das Agências Islâmicas de Notícias, que posteriormente se transformou na IINA (International Islamic News Agency), sendo desmantelada em 2017 para dar lugar à UNA (União das Agências de Notícias dos países-membros da OCI). Em 1975, foi criada a Federação das Agências de Notícias Árabes (FANA), sediada em Amã, na Jordânia, e incluindo agências do Oriente Médio e do Norte da África. Nesse mesmo ano, o NANAP começou a operar. Durante a atividade do pool não alinhado, a MAP, a TAP e a INA foram os três principais centros de redistribuição das agências participantes na região.

Vale ressaltar que, ao mesmo tempo, a MENA, durante o governo de Sadat, pareceu se distanciar das estratégias de legitimação estatal na distribuição de informações, que estavam em ascensão na UNESCO. Em 1978, a MENA se aliou a instituições privadas nos Estados Unidos para apoiar a criação de uma MNA (Multinational News Agency), uma agência não estatal e supranacional destinada a promover a cobertura do "Terceiro Mundo" na imprensa dos países centrais (BOYD-BARRETT, 1980 apud ABREU, 2018, p. 343). No entanto, essa iniciativa não obteve sucesso.

Em 1979, a Revolução Iraniana resultou na queda do xá e na ascensão de um regime teocrático fundamentalista liderado por aiatolás xiitas. Como parte dessa transformação, a agência Pars foi renomeada como IRNA (Islamic Republic News Agency), apesar de seu nome em inglês em vez do persa Ajans-e Khabari Djomhuri-e Eslami. O último diretor da Pars, Mahmoud Jafarian, foi executado pelos revolucionários fundamentalistas (SREBERNY-MOHAMMADI; MOHAMMADI, 1994 apud ABREU, 2018).

Em 1980, o jornalista iraquiano Farid Ayar, secretário-geral da FANA, publicou um livro pela UNESCO sobre as agências de notícias árabes. Nessa obra, ele relatou que naquela época "quase todos os países árabes" já possuíam suas próprias agências nacionais, as quais controlavam cerca de "95% do recebimento e distribuição de informações dentro de suas próprias fronteiras" (AYAR, 1980 apud ABREU, 2018, p. 344). Esse notável desenvolvimento se deveu não apenas aos incentivos provenientes da NOMIC (Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação) e das políticas de desenvolvimento das comunicações promovidas pela UNESCO, mas também à prioridade dada pelas estruturas nacionais de distribuição de conteúdo jornalístico. Essa prioridade foi adotada não apenas pelos governos progressistas e nacionalistas, como os do Egito, Síria, Iraque e Líbia, mas também pelas monarquias absolutistas islâmicas, incluindo Irã, Marrocos, Arábia Saudita e os países do Golfo.

No mesmo ano, o início da Guerra Irã-Iraque teve um impacto desestabilizador no NANAP, juntamente com a morte de Tito e a crise de liderança na Iugoslávia, onde a agência Tanjug operava, além da transferência da luta pela NOMIC para o sistema da ONU, o que burocratizou e sujeitou a campanha a sanções de países do Norte, como os Estados Unidos e o Reino Unido. A INA e a IRNA passaram a divulgar despachos com informações contraditórias sobre a guerra, minando a cooperação dentro do pool (ABREU, 2018, p. 344).

A capitalização através dos petrodólares, impulsionada pelo aumento do preço do petróleo, viabilizou o surgimento de uma nova geração de agências, agora nas monarquias do Golfo. Foram criadas sequencialmente a SPA (Saudi Press Agency) em 1971, a QNA (Wakalat al-Anba al-Qatariya ou Qatar News Agency) em 1975, a WAM (Wakalat Anba'a al-Emarat ou Emirates News Agency) em 1977, a GNA (Gulf News Agency, posteriormente renomeada para BNA - Bahrain News Agency) em 1978, a KUNA (Kuwait News Agency) em 1979 e a ONA (Oman News Agency) apenas em 1997. Todas essas agências são estatais e tendem a ter recursos mais avançados do que suas predecessoras (ABREU, 2018, p. 344).

Na região do Norte da África, o estabelecimento das agências de notícias seguiu um padrão semelhante ao observado em outros países africanos, ocorrendo conforme os processos de independência se desenrolavam. No entanto, essas agências, como a AMAP no Mali (fundada em 1961), a JANA na Líbia (estabelecida em 1964), a ATPE no Chade (criada em 1966) e a AMI na Mauritânia (fundada em 1975), tendiam a ter recursos e infraestrutura menos desenvolvidos (ABREU, 2018, p. 344).

Em contrapartida, a IRNA (Islamic Republic News Agency) no Irã é uma entidade abrangente, possuindo um grupo de mídia próprio, que inclui sete jornais, revistas e portais em persa e inglês. Além disso, a IRNA mantém sua própria escola de jornalismo e também oferece serviços de internet (KHIABANY, 2010, p. 85-87). A agência está subordinada ao Ministério da Cultura e Orientação Islâmica. No Irã, além da IRNA, existem várias outras agências de notícias segmentadas, que geralmente não são diretamente estatais, mas estão associadas a entidades da sociedade civil apoiadas pelo Estado, como organizações de mulheres, estudantes, agricultores, sindicatos e intelectuais. Cada um desses setores possui sua própria agência de notícias (ABREU, 2018, p. 345).

Segundo Abreu (2018, p. 345), devido à guerra civil em curso na Síria desde 2011, a agência estatal do país, a SANA (Syrian Arab News Agency), viu suas operações serem reduzidas. Paralelamente, uma multiplicidade de organizações autodenominadas "agências de notícias" surgiu, muitas delas ligadas a facções beligerantes, com o objetivo de influenciar a narrativa do conflito na mídia internacional, apresentando suas próprias versões dos eventos.

Em alguns casos, essas organizações têm obtido sucesso, especialmente quando conseguem fornecer materiais, como vídeos, para agências de notícias internacionais, que os redistribuem mundialmente com créditos duvidosos, como "imagens retiradas da internet". Nessa categoria, encontram-se a Qasioun News Agency, Idlib News Agency, Hama News Agency, Himmam News Agency, Ibaa News Agency, Hawdh/7awdh Agency, SMART News Agency, STEP Agency News, Syrian Free Press e Independent Syrian News Agency, além das agências de minorias Ajansa Nûçeyan al Hawar (curdos) e Syriac International News Agency (síriacos, cristãos sírios), todas estabelecidas nesse período. Entre 2014 e 2017, a AMAQ, que era a agência de notícias "oficial" do grupo terrorista Estado Islâmico (conhecido como Daesh em árabe ou ISIS em inglês), operou tanto na Síria quanto no Iraque.

### **2.1.1 Particularidades das agências no Oriente Médio e Norte da África**

Na região do Oriente Médio e Norte da África, o jornalismo de agências é notavelmente mais dependente do Estado em comparação com outras partes do mundo. Ao contrário de outras regiões, há uma menor proporção de agências privadas ou não-estatais nesses países, e muitos deles contam exclusivamente com agências estatais, especialmente nas regiões do Sahel e do Golfo. Embora a imprensa na região árabe seja consolidada e relativamente diversificada, isso não resultou em um setor privado desconfiado do jornalismo de origem estatal, muito menos em uma postura de adversidade estratégica, como ocorre na América Latina. As agências estatais árabes e a agência iraniana são fontes regulares de fornecimento de notícias para jornais, programas de rádio e televisão, e portais digitais na região (ABREU, 2018).

É inegável a estreita associação das agências nacionais do Oriente Médio e Norte da África com as agências transnacionais, especialmente as europeias, que desempenham um papel importante na redistribuição indireta de notícias para os veículos de comunicação domésticos e servem como fontes privilegiadas na cobertura dos países da região. AFP e Reuters, por exemplo, possuem serviços em árabe, francês e inglês, e continuam a ter uma clientela direta ou indireta entre os meios de comunicação do Oriente Médio e do mundo árabe. No entanto, ao contrário de outros contextos, não há uma dependência tão forte no vínculo global-nacional, uma vez que as agências da região possuem redes de correspondentes próprios e uma estrutura autônoma de distribuição mais desenvolvida, com exceção da sub-região do Sahel (ABREU, 2018).

Uma característica marcante na região é a homogeneidade linguística que une a maioria dos países do Oriente Médio e do Norte da África, especialmente no que diz respeito à língua utilizada na imprensa e na mídia. O árabe desempenha um papel semelhante ao do espanhol na América Latina, embora haja variações dialetais entre o árabe magrebino, o árabe egípcio, o árabe levantino, o árabe do Golfo e o árabe peninsular, por exemplo. A forma escrita utilizada no jornalismo é mais próxima do fuṣḥā, o árabe clássico modernizado. Mesmo as agências não-árabes, como a IRNA e a Anadolu, oferecem serviços em árabe, além de seus principais idiomas, persa e turco, respectivamente. No entanto, é importante ressaltar que nesses serviços noticiosos há pouca atenção dada a idiomas de povos sem Estado-nação, como curdo, berbere, copta e balúchi (ABREU, 2018).

Segundo Abreu (2018), no contexto do Oriente Médio e Norte da África, observa-se uma intensa competição entre os serviços de transmissão internacional de origem externa e os serviços nativos da região. Os serviços europeus, americanos, australianos e asiáticos disputam o mercado com as emissoras árabes, turcas e iranianas. O autor destaca que emissoras renomadas como BBC, RT, Sputnik e Deutsche Welle oferecem transmissões e websites com conteúdo em árabe, persa e turco. Além disso, a presença de empresas como a Sky News Arabia, de propriedade do grupo de Rupert Murdoch, é notável. Emissoras como CGTN da China, NHK do Japão e KBS da Coreia do Sul também operam canais de notícias em árabe e persa. Abreu (2018) menciona ainda a presença digital da SBS da Austrália com o canal Arabic24, assim como a Radio Canada Arabic. Apesar de não transmitir mais em árabe desde 2002, a Voz da América mantém estações de rádio em persa, curdo e bambara. Vale ressaltar que o serviço em árabe da VOA foi substituído pelas emissoras Al-Hurra e Radio Sawa, financiadas pelo Congresso dos Estados Unidos, o que impactou negativamente a imagem dos Estados Unidos na região.

De acordo com Abreu (2018), a TV Al-Jazeera, sediada no Catar, desempenhou um papel significativo na transformação do cenário regional a partir de 1996. Com uma linha editorial crítica em relação aos regimes nacionalistas-seculares autoritários e às monarquias afins aos fundamentalismos salafista e wahhabita, a Al-Jazeera causou impacto na região, apesar de seu dono ser um emir. Em resposta, a Arábia Saudita estabeleceu a TV Al-Arabiya em março de 2003, durante a invasão anglo-americana ao Iraque. Ambos os canais possuem audiência em todo o mundo árabe e suas coberturas oferecem pontos de vista contrastantes. Além disso, existem dois canais baseados em Londres: o Al Hiwar, do grupo MBC de Dubai, que se dirige ao público do Golfo, e o Al Magharibia, argelino, que tem como alvo o público do norte da África. O Irã também ingressou no mercado com canais como o PressTV,



transmitido em inglês, Al-Alam e Al-Kawthar, em árabe, Jame Jam, em persa (para audiência externa) e HispanTV, em espanhol. A TRT turca transmite em curdo, assim como a Sputnik e a Voz da América.

Abreu (2018, p. 347) destaca que, “todos esses serviços, apesar de específico de televisão e rádio, são frequentemente citados por outros veículos de mídia como fontes, tal como fossem agências de notícias, ao mesmo tempo que, eles também, citam as agências nacionais da região.”

Conforme mencionado por Abreu (2018), há uma clara disparidade em relação aos recursos financeiros disponíveis para as agências de notícias nos países árabes. As monarquias do Golfo Pérsico, beneficiadas pela receita proveniente do petróleo, possuem investimentos significativos em suas agências estatais, como a WAM e a SPA. Isso permite que essas agências mantenham extensas redes de correspondentes próprios, ofereçam serviços multimídia com ênfase em conteúdo em vídeo, tenham canais diversificados de distribuição de conteúdo e possam contar com equipes qualificadas de redação, edição e tradução, além de oferecer serviços regulares em vários idiomas para clientes estrangeiros. Além disso, esses países também investem consideravelmente em telecomunicações e mídias digitais, resultando em altos índices de penetração da internet e de smartphones.

Por outro lado, as agências de notícias dos países do Sahel enfrentam condições precárias nesses aspectos. Elas geralmente não possuem correspondentes, oferecem apenas serviços de baixo custo, muitas delas não têm aplicativos móveis ou áreas de login em seus websites, e a cooperação internacional é limitada. A AMAP, do Mali, por exemplo, utiliza exclusivamente o idioma francês (ABREU, 2018).

Como resultado, a cooperação entre as agências no Oriente Médio é mais comum, embora não tão crucial quanto em regiões mais dependentes. Além de pertencerem à FANA (Federação das Agências de Notícias Árabes), à UNA (União das Agências de Notícias da Organização para a Cooperação Islâmica) e à FAAPA (Federação das Agências de Notícias do Atlântico Sul) no caso das agências do Marrocos, Mauritânia, Mali e Chade, outras agências da região também participam da AMAN (Associação de Agências de Notícias do Mediterrâneo) e da OANA (Organização das Agências de Notícias da Ásia). Três agências árabes, KUNA, QNA e MENA, também são membros do IPTC (International Press Telecommunications Council), uma entidade setorial que estabelece padrões técnicos para agências de notícias. A QNA, do Catar, é especificamente membro da WAN (World Association of Newspapers), a Associação Mundial de Jornais (ABREU, 2018, p. 348).

Conforme apontado por Bein (2017 apud ABREU, 2018, p. 348) e Black (1986 apud ABREU, 2018, p. 348), uma tipologia peculiar de agências de notícias surgiu no Oriente Médio, sendo utilizadas como fachadas para serviços de espionagem por potências ocidentais e Israel. Um exemplo disso foi a Al-Anba al-Sharqiya, operada pela Turquia entre o final dos anos 1920 e 1936 no Egito. Oficialmente estabelecida pelo correspondente da Anadolu no Cairo, essa "agência" foi usada para coletar informações sobre os exilados do movimento pan-arabista que estavam no Egito. Segundo os relatos, a agência recebeu apoio do governo iraniano e de influentes sionistas na Palestina sob mandato britânico, que estavam interessados em monitorar e desacreditar os pan-arabistas.

Essa estratégia de utilizar agências de notícias como fachadas para atividades de espionagem continuou no pós-guerra. O Reino Unido estabeleceu a Britanova na Turquia e na Índia, bem como a NAFEN (Near & Far East News), ativa entre 1948 e 1952 (JENKS, 2006 apud ABREU, 2018). No entanto, o exemplo mais proeminente dessa tipologia foi a Arab News Agency (ANA), uma falsa agência no Egito e países vizinhos que servia como fachada para o MI6, o serviço de inteligência exterior britânico. Criada em 1941 durante a Segunda Guerra Mundial para combater as operações nazistas no norte da África, a ANA foi comandada por James Swinburn, um ex-professor britânico que passou 25 anos no Egito. A operação da ANA durou 15 anos sem ser descoberta (ou foi tolerada) até ser desmascarada pelo governo de Nasser em 1956, após a malfadada invasão anglo-francesa em Suez. Swinburn foi preso, confessou o engano e foi executado (DORRIL, 2002; RILEY, 1999 apud ABREU, 2018).

Abreu (2018, p. 349) ressalta que essas agências de notícias funcionavam como “redações legítimas, com equipes de repórteres, editores e sistemas de transmissão, como telégrafos ou telex”. No entanto, suas lideranças eram, na realidade, agentes de serviços de inteligência estrangeiros. Embora os exemplos históricos sejam mais comuns durante a Guerra Fria, não se pode descartar a possibilidade de que alguns serviços atuais de coleta e distribuição de informações também atuem como braços de inteligência clandestina para governos, grupos militantes ou terroristas, como algumas das chamadas "agências" na guerra da Síria.

Na mesma linha o autor acrescenta que, “existem agências de notícias no Oriente Médio que são operadas por grupos militantes de minorias religiosas ou étnicas sem um Estado soberano, como separatistas ou grupos beligerantes” (ABREU, 2018, p. 349). Isso é especialmente evidente no caso dos palestinos, que transmitem notícias de seus territórios ocupados por meio de várias agências, como o Jerusalem Media and Communications Centre

(1988), a Ramattan News Agency (1998), o Palestinian Press Service (2003), a Quds Net News Agency (2003), a Ma'an News Agency (2005), a Shehab News Agency (2007), a Al Zaitona News Agency (2008) e a Milad News Agency (2009). Embora essas agências tenham estruturas, recursos e pessoal variados, todas compartilham o objetivo de fornecer informações sob uma perspectiva contra-hegemônica no contexto de ocupação. Vale mencionar que a agência oficial da Autoridade Nacional Palestina é a Wakalat al-Anba' al-Falastin ou Palestine News & Info Agency (WAFA), fundada em 1972.

Além disso, existem agências de notícias de separatistas curdos, insurgentes houthis no Iêmen, grupos berberes na Argélia e a guerrilha da Frente Polisário no Saara Ocidental, além dos rebeldes sírios mencionados.

## **ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO**

Segundo Traquina (2005), os acontecimentos constituem um imenso universo de matérias-primas e num produto: as notícias. Consiste na seleção do que irá ser tratado, logo, escolhe o que pode adquirir a existência pública, ou melhor, ter noticiabilidade.

Para Benetti (2010), o acontecimento jornalístico se define geralmente por volta de uma concepção positiva ou funcional da história: “o excepcional em relação ao comum, o desvio em relação à norma”. Alsina (1993) apresenta esse termo como acontecimento informativo, acontecimento jornalístico e acontecimento-notícia. São vistos como acontecimentos sociais. Para o autor, um ocorrido se torna acontecimento quando o sujeito aplica, sobre o ocorrido, uma percepção específica, colocado por Benetti (2010) como “derivada das normas de um ecossistema ao qual o acontecimento sempre está relacionado”: “O ecossistema, ou melhor dizendo, suas normas, é fundamental para definir um fato como acontecimento” (ALSINA, 1993, p. 140).

A visão do autor se aproxima da noção de Foucault (1995, p. 82, apud, ALSINA, 1993, p. 140) sobre um sistema de formação e suas regras:

Por sistema de formação é preciso, pois, compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve *o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva*, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal ou qual conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela *regularidade de uma prática*.

Os processos de produção das notícias iniciam-se com o acontecimento. Para Alsina (1993), o sujeito que é colocado como observador dá sentido ao acontecimento, ou seja, os respectivos eventos serão formados pelo reconhecimento do sujeito aos elementos externos que constroem esse acontecimento. O autor estabelece as seguintes premissas com relação a isso:

1. Os acontecimentos são gerados por fenômenos externos ao sujeito;
2. Mas os acontecimentos não fazem sentido fora dos sujeitos, pois são eles que lhes dão sentido;
3. Existe uma relação de inclusão em que fenômenos externos percebidos pelo sujeito tornam-se eventos por meio da ação deste sobre eles. Os acontecimentos são compostos pelos personagens dos elementos externos aos quais o sujeito aplica seu conhecimento.

Alsina (1993, p. 71) estabelece que para diferenciar o acontecimento de uma notícia precisamos estabelecer primeiro um ponto de referência: “O que pode ser notícia para um sistema, pode ser acontecimento para o outro”. O autor comenta que podemos diferenciar os dois quando assinalamos o acontecimento como uma mensagem recebida e a notícia como uma mensagem emitida:

Por tudo o que foi dito, poderíamos considerar os meios de comunicação de massa um sistema que trabalha com inputs, eventos, e que produz outputs que são veiculados: notícias. E essas notícias são recebidas como acontecimentos pelos indivíduos que recebem as informações. Ou seja, toda saída pode ser ao mesmo tempo uma entrada de outro sistema, e toda entrada também pode ter sido uma saída de um sistema anterior. Consequentemente, o ponto de referência a partir do qual podemos definir um acontecimento ou notícia é o sistema com o qual eles estão relacionados. Como aponta Edgar Morin (1972 C, p. 173), "a noção de acontecimento só faz sentido em relação ao sistema que afeta”.

Alsina comenta que Edgar Morin (1972) faz uma distinção entre o sistema aberto e o sistema fechado. Para Morin a diferença seria que o sistema aberto necessita do ecossistema para funcionar. Ainda sobre Morin, denomina o sistema aberto como sistemas auto organizadores que se caracterizam pela sua complexidade que impõe diversos subsistemas, elementos diferenciados e hierarquizados.

A nota mais característica dos sistemas auto-organizados é sua relação com o ecossistema: "cada entrada é potencialmente um acontecimento para o sistema a, cada saída é potencialmente um acontecimento para o ecossistema" (MORIN 1972 c, página 179). Ou seja, todo fato social é potencialmente um acontecimento para os meios de comunicação de massa e toda notícia é potencialmente um acontecimento para a sociedade. A partir dessa

perspectiva, podemos entender muito melhor a interação entre os meios de comunicação de massa e a sociedade. Eles usam acontecimentos sociais como matéria-prima e, por sua vez, constroem e transmitem um produto que pode se tornar um acontecimento social. (ALSINA, 1993, p. 72).

Moles (1972 apud ALSINA, 1993, p. 74) define os acontecimentos como “tipos de variações perceptíveis do entorno que não foram previstas pelo ocupante do centro desse entorno”. Ou seja, é dizer que o que ocorre ao acaso no ecossistema torna-se um elemento essencial do acontecimento, portanto, um ocorrido de forma imprevista o sistema controla ou causa o acontecimento.

Alsina (1993) afirma que o *mass media* demarca os acontecimentos e, assim, vão expressar uma valorização do fato. Para o mesmo, a forma mais clara a respeito da imposição do determinismo do sistema se dá quando o acontecimento é simplesmente excluído porém, podem haver acontecimentos que se impõem ao sistema dos meios. Cada meio de comunicação está inter-relacionado com outros meios de maneira que, entre todos, se forma um sistema comunicativo determinado dotado de uma certa homogeneidade:

Tenhamos em mente que cada meio de comunicação está inter-relacionado com outros meios de tal forma que juntos formam um sistema de comunicação específico dotado de certa homogeneidade. Um meio de comunicação específico não pode simplesmente impor sua liberdade, em todos os casos, ao determinismo do ecossistema. Em um evento de alguma importância, é muito possível que sua iniciativa de não registrar o evento não tenha sido seguida, na estrutura de comunicação ocidental, por outros meios do sistema de comunicação institucionalizado. Diante dessa circunstância, seu silêncio seria muito mais significativo do que a própria publicação. (ALSINA, 1993, p. 73).

O autor comenta que existe um certo determinismo no ecossistema que se impõem ao sistema dos meios tanto pela própria transcendência do acontecimento como, pelo comportamento comunicativo dos mass media do sistema, mesmo que estas duas estejam correlacionadas.

Ao longo da história da comunicação, os meios de comunicação nem sempre levaram em conta o mesmo tipo de acontecimentos sociais, ou seja, eventos com significado social ocorrido em algum momento do tempo que se diferem dos eventos em geral pois apresentam uma transcendência social. O problema dessa definição da transcendência social, seria quem teria a legitimidade para determinar que certo acontecimento tenha algum significado social. Trata-se de uma relação dialética entre o sistema e o ecossistema do acontecimento, assim, o *mass media* utiliza como matéria-prima os acontecimentos sociais que tornam-se, por sua vez, produtores de notícia para se converterem nesses acontecimentos (ALSINA, 1993).

Segundo Alsina (1993), quando se trata de eventos jornalísticos, é importante ressaltar que a imprevisibilidade não é uma característica fundamental. Existem, de fato, eventos totalmente previsíveis, como a visita de uma autoridade, coroações ou casamentos de personalidades. Morin (1972 apud ALSINA, 1993, p. 75) estabelece a noção de acontecimento a partir de duas características:

- a) “Tudo o que sucede no tempo”;
- b) “é todo o improvável, singular, acidental”.

Assim, o acontecimento toma sentido com relação ao sistema que o afeta.

Alsina (1993. p.75) destaca sobre a questão da dimensão temporal do acontecimento que “Devemos apontar que qualquer fato é acontecimento com relação ao tempo”. Ainda, o autor destaca que, “se tomamos o mundo como uma situação de estabilidade relativa, o acontecimento é o que aparece e desaparece dentro dessa estabilidade”.

Moles (1972 apud ALSINA, 1993, p. 74) define o acontecimento como “tipos de variações perceptíveis de um entorno que não havia sido previsto pelo ocupante do centro do ambiente” e Alsina (1993) por meio dessa definição extrai os seguintes elementos:

- 1) Um ambiente ou sistema.
- 2) Um ocupante do sistema.
- 3) Uma variação do sistema.
- 4) Percepção da variação.
- 5) imprevisibilidade da variação.

Segundo Alsina (1993), “estes cinco elementos podem ser agrupados conforme se refiram ao sistema ou ao elemento do sistema”. Teríamos assim: a) Uma variação perceptível do sistema e b) imprevisibilidade por um elemento do sistema. Como colocado pelo autor:

a) A variação do sistema pressupõe a existência de um sistema com normas estabelecidas que nos permitirão determinar quando ocorre uma variação. Qualquer variação precisa de um ponto de referência a partir do qual o estado inicial pode ser comparado com o estado final. A partir da comparação, pode-se verificar a variação produzida no sistema. Mas essa variação, por sua vez, requer uma circunstância essencial para ser um evento: ela deve ser perceptível. Por definição, qualquer variação não perceptível no sistema não será um evento. Mas aqui seria necessário diferenciar entre secreto e não perceptível, isto é, não comunicado e não percebido. Porque para que um evento social ocorra, a perceptibilidade do evento é uma condição necessária, mas não suficiente: a variação deve ser comunicável. Caso contrário, estaríamos lidando com um tipo específico de evento, ou seja, o evento secreto. Tanto a variação quanto a perceptibilidade ocorrem em relação ao sistema. b) Nas seguintes características produz-se uma subjetivação. O sujeito, elemento do sistema e, portanto, conhecedor das regras, não antecipa

a variação nele produzida. Consequentemente, o grau de previsão do sujeito em relação à variação é o que a definirá como evento. (ALSINA, 1993, p. 74-75).

Sabe-se que todo o acontecimento está relacionado a um sistema. Para Alsina (1993), um sistema serve como ponto de referência a partir do qual podemos estabelecer a existência dos acontecimentos. O autor coloca que as normas do sistema, são fundamentais para definir um fato como acontecimento:

Por exemplo, entre uma tribo da selva amazônica, o aparecimento de um avião pode ser um evento importante. Em um aeroporto o aparecimento de um avião é a norma, portanto não é um evento. Por outro lado, o aparecimento de um jacaré é um evento em uma cidade do oeste, mas não em uma selva onde os jacarés normalmente se reproduzem. (RODRIGO ALSINA, 1993, p. 76).

A variação do sistema pode ser entendida como um sentido amplo, uma ruptura da norma:

1- Toda variação se dá com relação ao tempo: possui início e fim. Caso a variação se prolongue por muito tempo, pode chegar a perder seu caráter de acontecimento. Podemos concluir que toda a variação do sistema depende do tempo, ou entra pelo sistema como norma ou desaparece restabelecendo o estado anterior das coisas.

2- Como colocado anteriormente, um acontecimento que possua um tempo excessivo, perde sua categoria como acontecimento. A agilidade do acontecimento significa que o mesmo deve aparecer e variar rapidamente. O acontecimento, segundo o autor, possui um vencimento, porque a variação, com o passar do tempo, se transforma em algo normal. Nem todos os acontecimentos possuem o mesmo grau de obsolescência; Em certos casos, um fato mantém sua categoria de acontecimento como resultado das novas variações que se introduzem sobre o acontecimento original.

3- A variação do sistema para a obtenção da categoria do acontecimento deve ser espetacularosa. A espetacularidade é considerada outra característica da variação. O autor comenta que categorizar um fato como extraordinário, é dizer que o mesmo vai além do ordinário da normalidade.

4- Uma categoria *a priori* em relação ao acontecimento é a imprevidência. A variação do sistema pode ser prevista ou imprevisível pelo sujeito. Se a variação for prevista ela deve ter outras características para ser denominada como acontecimento. Caso a variação seja imprevisível, considerada uma novidade, a mesma pode fazer parte da categoria do acontecimento.

A respeito do acontecimento jornalístico, Alsina (1933) coloca em destaque que “a característica da imprevisibilidade não é imprescindível”. Logo, existem acontecimentos que são totalmente previsíveis, como, por exemplo, visitas de autoridades, coroações, eventos de personalidades, entre outros.

O acontecimento jornalístico é considerado como toda a variação comunicada do sistema na qual os sujeitos do mesmo podem ser implicados. Rodrigo Alsina (1993) inicia sua análise a partir desta definição, estabelecendo alguns elementos essenciais do acontecimento:

- a) a variação no sistema;
- b) a comunicabilidade do fato;
- c) a implicação dos sujeitos.

Hausser (1973 apud ALSINA, 1993, p. 84) estabelece que “o jornal não se adapta ao acontecimento, é o acontecimento que é levado para atender o jornal. Um estudo da enunciação nos leva a avaliar o grau de adequação de um evento ao comportamento habitual de um jornal e não o contrário”. Na opinião de Rodrigo Alsina (1993) a relação acontecimento-jornal é mais dialética.

O autor foca no sistema de comunicação das massas da sociedade burguesa e liberal para, assim, descobrir alguns elementos determinantes na constituição do acontecimento jornalístico. Quando fala-se da relação entre o entorno e o sistema, mediante a relação de ambos estabelece-se uma racionalidade, que será definitiva do próprio sistema informativo, que é o resultante da necessidade produtiva do sistema e da aparição de determinados acontecimentos.

Wolf (1985, p. 284) denomina de “Limiar da noticiabilidade” quando se determina precisamente aquilo que vai permitir que um acontecimento se torne notícia. Já Tuchman (1983, p. 51) aponta claramente neste sentido: “Em suma, a avaliação da noticiabilidade é um fenômeno negociado, constituído pelas atividades de uma complexa burocracia destinada a supervisionar a rede de informações”.

Para Alsina (1993), em certos casos os acontecimentos podem impor a esta “complexa burocracia”. Tratando assim, dos acontecimentos excepcionais:

Não é preciso entender que esses fatos são impostos per se (intrinsecamente), mas que o fazem devido ao caráter de excepcionalidade socialmente estabelecido. Lembremo-nos de que um acontecimento excepcional assenta numa significação preexistente e que se actualiza. Pensemos que um assassinato político não seria conceituado como assassinato em uma sociedade que não condenasse tal ato como homicídio, mas o aceitasse como forma de determinar a liderança. (1993, p. 85).



A respeito da produção noticiosa Grossi (1981 apud ALSINA, 1993, p. 85) considera que o caso espetaculoso “não é apenas o simples acontecimento excepcional, o puro ato de ruptura, mas um tipo particular de acontecimento que é, além disso, politicamente relevante para a dinâmica social de determinado país, na medida que a sua gravidade e/ou centralidade implica no problema do controle social, da luta política, da legitimação das instituições, da identidade e das imagens coletivas.”

Alsina (1993) complementa que, de fato, a noticiabilidade dos acontecimentos seria uma avaliação socialmente assumida, embora não necessariamente compartilhada. Bockelmann (1983 apud ALSINA, 1993, p. 86) afirma “Que todos os indivíduos que participam da comunicação de massa "reconheçam" as regras institucionalizadas de atenção não significa que concordem com elas, que as justifiquem, etc. Mas o que isso certamente significa é que eles "entendem" essas regras e selecionam de acordo com ela..”

#### **4. O ACONTECIMENTO PÚBLICO E POLÍTICO**

Segundo França (2017), o acontecimento quando da sua irrupção no cotidiano, faz emergir sentidos, discursos e simbolizações, na busca de compreendê-lo, defini-lo, apreendê-lo e narrá-lo. Nessa perspectiva, o acontecimento torna também perceptível a movimentação de temporalidades. Dessa maneira, é possível identificar o que foi evocado ou perturbado pelo acontecimento e quais seus desdobramentos, os horizontes que descortina e para onde ele aponta.

Os estudos públicos encontram, no conceito de acontecimento, um operador analítico para desvendar que indivíduos são afetados por determinada emergência social, como eles se configuram e são convocados como público, quais suas (re)ações e afetações.

A operacionalização do conceito de acontecimento pela via de sua passabilidade orienta, assim, a identificação dos públicos criados e afetados por ele, as formas de comportamento e ações dele decorrentes. França (2017) define esse conceito quando, ao gerar afetação em indivíduos e coletividades, por conseguinte, o acontecimento também faz emergir sentidos na busca de defini-lo, apreendê-lo, narrá-lo e compreendê-lo.

Nesse sentido, o acontecimento possui poder de iluminar questões de interesse do coletivo, inserindo-se em algum campo problemático e suscitar o debate acerca delas, pois o acontecimento estrutura nossa experiência. Por um lado permite a identificação e a análise das

experiências individuais e coletivas, por outro, possibilita visualizar como se dá a construção de narrativas em torno de um acontecimento, as disputas de sentidos e a espetacularização de determinado evento a partir de discursos midiáticos que ganham significação e circulação na sociedade.

Quéré (2005a) afirma que podemos, intuitivamente, identificar diversos tipos de acontecimento. Eles variam em relação a sua independência, controle, frequência, importância, entre outros atributos. Um corte importante, no entendimento do autor, diz respeito ao poder dos acontecimentos “de afetar os seres e de impregnar as situações de qualidades difusas que as individualizam” (QUÉRÉ, 2005a, p. 59).

A individualização ou individuação de um acontecimento diz da sua singularização, do processo que o distingue de outros semelhantes. Os sentidos do acontecimento resultam de suas particularidades, mas são também iluminados e tensionados pelos significados do conjunto no qual estão inseridos. Tais operações podem ser mais ou menos estendidas.

Segundo Weber (2011), os acontecimentos públicos são capazes de mobilizar indivíduos, sociedade, instituições políticas e se impõem aos meios de comunicação. Esse acontecimento, segundo Weber (2011, p. 191), “é capaz de despertar paixões individuais ou coletivas e propicia a convergência política e da mídia, a partir de sua estrutura vital, autonomia, identificação com ideais coletivos e vínculos com ritos de origem”. São aqueles relacionados ao interesse público, aos direitos humanos, à vida e à morte, atraem imprensa, instituições públicas e privadas, desequilibra a ordem das coisas, etc.

Um acontecimento público é capaz de causar impactos, desordens e mobilizar indivíduos, sociedade, instituições políticas e organizações midiáticas, pois sua ocorrência está atrelada à vida, à morte ou ao interesse público, como escândalos, manifestações públicas, celebrações esportivas, catástrofes ou a morte de celebridades. Esse tipo de acontecimento é capaz de despertar paixões individuais ou coletivas e propicia a convergência da política e da mídia que ocorre a partir da identificação da sua estrutura vital, da sua natureza que contém qualidade, autonomia, passionalidade, identificação com ideais coletivos e vinculação com rituais de origem. (WEBER, 2011, p. 191).

Um acontecimento público, segundo Weber (2011), pode ser transformado em espetáculo político-midiático, permanecendo como pauta por tempo indeterminado, citado em diferentes discursos e sendo recuperado na grade de programação midiática, a autora afirma isso colocando parâmetros para que isso possa ocorrer:

[...] forem identificadas determinadas singularidades, especificamente: a natureza do acontecimento e a sua estrutura vital; a qualidade do acontecimento (a essência que permanece o mantém vivo); autonomia do acontecimento (em relação a instituições, tempo e modo de ocorrer); passionalidade no acontecimento (capacidade de mobilizar paixões individuais e coletivas); ideais coletivos do acontecimento

(identificação coletiva com ideais comuns) e os rituais de origem do acontecimento (reconhecimento de ritos atávicos). (WEBER, 2011, p. 190).

Ainda, a autora cita que caso o acontecimento seja suficientemente poderoso para provocar impactos na vida da sociedade, o mesmo acaba se impondo aos meios de comunicação de massa e atrai instituições políticas, permitindo com que essa convergência identifique a existência de um espetáculo híbrido entre a mídia e a política. Para a autora, esse processo exige enquadramentos do acontecimento na estética e linguagem da mídia, de modo a mobilizar a atenção pública, conseqüentemente, por traduções jornalísticas, propaganda e entretenimento. Esse raro evento permite identificar a confluência entre os poderes da sociedade, do indivíduo, da política e da mídia, “as paixões e os afetos são os dispositivos para a compreensão teórica do acontecimento e sua transformação em espetáculo”.

Para cada natureza ou fenômeno do acontecimento público existe uma qualidade específica, onde as instituições políticas detém os instrumentos de intervenção na vida cotidiana, da execução de políticas públicas à informação. Os acontecimentos políticos, segundo Weber (2011), em geral são planejados, abrangem cerimônias de posse de dirigentes políticos, eleições, mudanças na economia, na moeda, acordos nacionais e internacionais, entre outros fatores. Esse tipo de acontecimento possui investimento burocrático e institucional para obter visibilidade e produção de imagem pública favorável. A autora coloca que os acontecimentos da natureza fazem parte dos acontecimentos políticos, logo, fenômenos naturais provocam destruição e exigem decisões, pois atraem tanto solidariedade como expõe a incapacidade dos governos de responder e se promover.

Os acontecimentos sociais também fazem parte do campo político, determinados pelo movimento da sociedade organizada, assumem formatos de reivindicação, ataque ou apoio.

Na rua, perto aos palácios governamentais ou nas galerias dos parlamentos, diariamente, algum meio registra, em algum lugar do mundo, invasões, manifestações com a presença de centenas de pessoas em busca de igualdade, qualidade de vida, paz, comida, terra, justiça, enfim, direito à vida. A resposta a estas vozes está nas mudanças políticas ou no silêncio dos governantes, como em 2003, quando milhões de pessoas protestaram em todo o mundo contra a Invasão do Iraque pelos Estados Unidos e aliados com ampla visibilidade. Essa unanimidade repercutiu intensamente para uma esfera política surda. (WEBER, 2011, p. 192).

Os acontecimentos sociais possuem uma força única, na capacidade de mobilizar massas por motivos políticos, passionais e religiosos, sob o impulso da paixão que chega intervindo e constringido os poderes constituídos (WEBER, 2011, p. 192).

A qualidade do acontecimento público está na memória reativada pelo espetáculo político midiático que o reabastece mesmo longínquo da sua data e origem. A qualidade é a essência, a sua verdade e a sua integridade que o torna passível de

espetacularização e rentável a cada reapresentação. Nessa qualidade é possível identificar a permanência da estrutura vital do acontecimento, como algo que sobra, que vai além do espetáculo e remete à questão das paixões, do poder dos sujeitos dos quais depende a memória sobre o acontecimento. Trata-se do reconhecimento sobre a qualidade real dos desportistas e suas marcas de superação, dos ídolos artistas, de carismáticos políticos. Trata-se de algo genuíno que ultrapassa o tempo e sempre gera reações passionais públicas e privadas.

Segundo Weber (2011), os acontecimentos sociais têm mais autonomia em relação às mídias na medida em que, mesmo havendo necessidade de visibilidade para a defesa de interesses e reivindicações, não há uma dependência direta da ordem econômica, política ou midiática. A violência e os problemas sociais, mesmo banalizados, podem ascender a espetáculos político-midiáticos quando ocorrem confrontos explícitos e simbólicos. A subordinação a entidades de classe e associações faz desse acontecimento um modo de comunicação com a esfera política e a busca estratégica de visibilidade na esfera midiática. É o caso, no Brasil, do Movimento Sem Terra (MST).

Para Weber (2011), os espetáculos político-midiáticos não possuem semelhanças, logo, a singularidade é dada pelo acontecimento, assim, a sua tradução obedecerá às características da mídia.

A fabricação e grandiosidade do espetáculo dependem da participação e dos investimentos passionais, comunicacionais e financeiros de todos aqueles que dele se apropriaram, nas esferas política, midiática, pública e privada. Nesse sentido, pode-se afirmar que não há espetáculo midiático genuíno, na medida em que o sistema de comunicações depende da apropriação de acontecimentos com qualidade e força para permanecer. (WEBER, 2011, p. 196).

O poder midiático encontra-se na sua capacidade de produzir sobre o mundo e torná-las visíveis. Com espaços privilegiados e uma estética argumentativa e tecnológica, a mídia faz seu trabalho de expor, informar, persuadir e servir aos acontecimentos como mediador, suporte ou testemunha. Porém, por mais que existam sofisticadas super avançadas, ainda é a notícia que sustenta a legitimidade de algo.

Significa dizer que a passagem do acontecimento a espetáculo político-midiático ocorrerá primeiramente como matéria jornalística que identifica a intensidade do acontecimento. O grau de apropriação, repercussão e a transformação do acontecimento em matéria essencial ocorrerá enquanto for possível responder aos critérios editoriais. Todos os movimentos de produção, de inserção estratégica do acontecimento dependem de seu valor como notícia. (WEBER, 2011, p. 198).

Segundo a autora, a mídia além de mediar o acontecimento, reconstitui e o promove, reunindo peças, detalhes e opiniões, efetuando uma mensagem própria à personalidade e interesses de cada veículo e de cada contrato com o receptor.

Legitimada como matéria jornalística, a sua apropriação como espetáculo político-midiático ocorrerá, de maneira incontável, em todos os tipos de mídia e será adaptada a todos os gêneros que possam explorar algum ângulo desse acontecimento público. (WEBER, 2011, p. 198).

Acontecimento público é fundamentalmente um acontecimento inscrito e tematizado num registro específico, o dos problemas públicos e do seu tratamento pela ação pública. Os problemas públicos não se confundem com “os problemas sociais”, nem a ação pública com a ação colectiva ou a ação do Estado (ou a das instituições). Os problemas sociais são mais vastos que os problemas públicos – para se tornar um problema público, um problema social deve ser tematizado de certa maneira e num certo campo – e a ação pública pode também ser o resultado de movimentos sociais, de movimentos de opinião, de associações e de comissões de cidadãos, de intelectuais intervindo publicamente (QUÉRÉ, 2011, p. 27).

Há, contudo, uma outra fonte, que creio mais importante, dos problemas públicos: são os acontecimentos da actualidade. Parece-me não somente que são acontecimentos que estão na origem de numerosos problemas públicos importantes mas, também, que é através do exame público de acontecimentos proeminentes que problemas públicos são formulados, tematizados e convertidos em objetos manipuláveis. Nesse sentido, o inquérito sobre os acontecimentos públicos faz surgir e estrutura campos problemáticos onde eles encontram o seu sentido. Por campo problemático entendo um conjunto de problemas enredados, cuja análise está mais ou menos estabelecida (em termos de causas e consequências, de tipos de agentes e de tipo de razão de agir) e cujo tratamento é encarado em termos de alternativas relativamente definidas. (QUÉRÉ, 2011, p. 27).

Portanto, o acontecimento público forma-se por meio de fenômenos do acontecimento que rompem as esferas da realidade, assim, esses dois tópicos possuem forte poder em construir as narrativas da nossa realidade. Podemos entender como essas impulsionam a reconstrução de algum fator através da mídia e que ao mesmo tempo, conseguem apresentar um leque de novas problemáticas e discussões através de um único acontecimento.

Buscamos entender nesse capítulo como a construção de um acontecimento político e público se envolve no âmbito social, nas manifestações, nas vivências da sociedade. Independente qual for a maneira que se manifestam, a construção de um acontecimento político precisa, necessariamente, passar pelo âmbito social para tornar-se relevante no âmbito político.

## **5. PALESTINA**

A Palestina está situada na extremidade oriental do Mar Mediterrâneo e serve como uma ponte terrestre conectando os continentes da África e Ásia. É uma das regiões habitadas continuamente por mais tempo no mundo, tendo sido identificada como uma região geográfica distinta desde os tempos da Grécia e de Roma. O nome tem sua origem nos filisteus, um povo marinho que invadiu e se estabeleceu na região na antiguidade. O termo árabe para o país ainda é Filasteen (INSTITUTO PARA O ENTENDIMENTO DO ORIENTE MÉDIO, 2005).

Recentemente, a palavra Palestina tem sido empregada para fazer referência à Cisjordânia ocupada e à Faixa de Gaza, regiões parcialmente administradas pela Autoridade Palestina. No entanto, esses territórios correspondem a menos de um quarto do que antes era conhecido como Palestina (INSTITUTO PARA O ENTENDIMENTO DO ORIENTE MÉDIO, 2005).

As fronteiras modernas da Palestina foram definidas pelos britânicos após a conquista da região dos turcos otomanos durante a Primeira Guerra Mundial. Nessa época, a despeito da oposição explícita dos árabes palestinos nativos, os britânicos foram agraciados com um mandato sobre a Palestina. Esses mandatos também foram concedidos pela Liga das Nações à Grã-Bretanha e à França sobre antigas províncias otomanas, com o propósito de auxiliar seus povos rumo à eventual independência nacional. Originalmente, o mandato incluía a atual Jordânia, que os britânicos separaram para autogovernança em 1921. A administração britânica governou a Palestina diretamente por meio de um Alto Comissário nomeado de 1918 até 1948.

Os termos Palestina Histórica ou Palestina sob Mandato são às vezes utilizados para se referir a essa entidade, que tinha o tamanho aproximado do estado norte-americano de Vermont (INSTITUTO PARA O ENTENDIMENTO DO ORIENTE MÉDIO, 2005).

A maior parte da história da Palestina não teve a noção contemporânea de um estado-nação palestino. De acordo com Decolonize Palestine (2023), o conceito de estado-nação é uma ideia recente e não deve ser aplicado a contextos históricos. Como resultado, é essencial evitar a imposição de perspectivas contemporâneas obsoletas sobre o passado palestino. Essas perspectivas são frequentemente usadas para justificar posições etno-nacionalistas extremistas (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

Após seis dias de combates intensos, Israel conquistou o controle da Península do Sinai, que pertencia ao Egito; da Faixa de Gaza, que estava sob administração egípcia desde 1948, da Cisjordânia, que estava sob domínio jordaniano desde 1948; e das Colinas de Golã,

localizadas na Síria. Importante ressaltar que a Península do Sinai foi posteriormente devolvida ao Egito através do tratado de paz estabelecido entre os dois países em 1979.

De acordo com relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU, 2022) com relação a anexação dos assentamentos ilegais na Cisjordânia e Jerusalém Oriental ocupada, somente em maio de 2022 obtiveram expansão de mais 9.200 casas, sendo dessas, 7.200 estavam localizadas nos territórios da Cisjordânia e 2 mil casas nos territórios de Jerusalém Oriental. Segundo a própria ONU (2022), o estabelecimento e a expansão de assentamentos no território palestino ocupado, incluindo Jerusalém Oriental, constituem uma violação flagrante do direito internacional.

Ao longo dos milênios, a Palestina viu o surgimento e a queda de reinos, o surgimento de novas religiões e o início de conflitos armados de natureza religiosa e não religiosa, como em outras áreas. Ao longo dos anos, várias raças coexistiram, se misturaram, migraram e, em alguns casos, desapareceram, refletindo a dinâmica e a complexidade da história na região.

A região do Levante ficou livre para as conquistas das forças otomanas após a derrota definitiva dos mamelucos na batalha de Marj Dabiq, em 1516. Eles entraram em Jerusalém poucos meses depois e começaram um dos capítulos mais longos da história palestina, que durou mais de quatro séculos (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

Jerusalém, devido à sua importância religiosa e histórica, tinha um papel significativo no imaginário otomano. Desde o início do domínio otomano, grandes obras e construções marcantes foram feitas em Jerusalém. As imponentes muralhas construídas por Solimão, o Magnífico, são um exemplo disso (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

Os otomanos dividiram a Palestina ao longo de sua história em várias configurações políticas e divisões. Em 1887, a Palestina foi dividida em 3 distritos (sanjaks): Jerusalém, Nablus e Acre. O sanjak de Jerusalém, que era controlado diretamente por Constantinopla (que posteriormente se tornou Istambul), era muito importante para os otomanos (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

Naquela época, havia aproximadamente 600.000 pessoas vivendo nesses três distritos, a maioria delas sendo muçulmana sunita. Aproximadamente 10% da população palestina era composta por cristãos palestinos, enquanto cerca de 25.000 judeus palestinos viviam em Jerusalém, Hebron, Safad e Tiberíades (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

O sistema millet otomano deu às comunidades religiosas e étnicas minoritárias um grau de autonomia. Esse sistema era superior à perseguição e aos pogroms cometidos por vários grupos religiosos no continente europeu, apesar de apresentar várias falhas

significativas e sua abrangência e tolerância variarem de acordo com os governantes e as circunstâncias sociais e econômicas (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

A queda do Império Otomano era inevitável após a Primeira Guerra Mundial. Os diferentes povos que habitavam seu território, incluindo aqueles que se aliaram aos Aliados para combater os otomanos, desejavam ser livres e formar seus próprios estados-nação. Mas esse desejo seria frustrado porque essas populações passariam do controle de um império para o controle de uma multidão de impérios (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

De acordo com Decolonize Palestine (2023), um pensador austro-húngaro chamado Theodor Herzl estava plantando a semente de um novo movimento político que mudaria a história palestina para sempre. Mais de 200 delegados de toda a Europa participaram da primeira reunião do Congresso Sionista em 1897 na cidade suíça de Basel. Apresentando-se como uma solução para a questão judaica e uma maneira de libertar os judeus do perseguição, o plano do Congresso visava estabelecer um estado judeu na Palestina e organizar o assentamento de sionistas na região (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

O Congresso Sionista foi o primeiro a organizar e dirigir os esforços de colonização de forma centralizada. Isso ocorreu apesar da existência de movimentos sionistas e proto-sionistas anteriores, como o Hibbat Zion (DECOLONIZE PALESTINE, 2023). O sionismo é um movimento político que visa a colonização de povoadores e estabelecer um estado-nação judeu com maioria judaica na Palestina. Mas há um impasse porque a Palestina já era habitada. A maioria das conversas iniciais sobre o movimento sionista se concentrou na questão de como lidar com os palestinos árabes nativos, embora todos concordassem que eles precisariam ser expulsos de alguma forma, seja pelo meio de acordos ou pela força. É importante ressaltar que a formação de um estado com maioria judaica na Palestina significaria o deslocamento significativo da população indígena local.

O sionismo é caracterizado pelo termo "colonialismo de povoadores". O colonialismo de povoadores depende temporariamente de um império, diferente do colonialismo clássico. Em muitas situações, os colonos enfrentam o próprio patrocinador que lhes garantiu a sobrevivência, pois nem mesmo são originários do império que os apoiava. Além disso, os colonos estão interessados não apenas nos recursos das novas terras, mas também na própria terra, tentando estabelecer uma nova pátria na área (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

Embora os sionistas contemporâneos não concordem com a noção de que o sionismo foi uma ideologia colonial, é importante lembrar que, no início do movimento sionista, houve uma franqueza notável em relação à natureza colonial da ideologia. Um exemplo foi a correspondência de Theodor Herzl a Cecil Rhodes em 1902, que era conhecido por seu



envolvimento em atividades coloniais. Herzl argumentou que a Grã-Bretanha reconhecia o valor da "expansão colonial". (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

O Império Otomano foi derrotado na Primeira Guerra Mundial e suas terras foram divididas entre várias potências coloniais europeias. O Reino Unido manteve a Palestina e a Jordânia no Levante, enquanto a França governava a Síria e o Líbano. Os britânicos conquistaram Jerusalém em 1917 e, em 1922, a Palestina se tornou um mandato oficial. A Palestina foi considerada um "Mandato Classe A", o que significava que tinha infraestrutura e capacidades administrativas suficientemente avançadas para ser considerada provisoriamente independente, embora ainda estivesse sob o controle das forças aliadas até que estivesse pronta para a independência plena. Mas isso não aconteceria (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

Segundo Huneidi (2019), o mandato da Palestina ofereceu ao movimento sionista uma chance única de atingir seus objetivos. Os britânicos foram mais receptivos aos objetivos sionistas do que os otomanos, e haviam feito antes a Declaração de Balfour, que prometia a criação de uma "pátria nacional para o povo judeu" na Palestina:

O governo de Sua Majestade vê com bons olhos o estabelecimento de uma pátria nacional para o povo judeu na Palestina e usará seus melhores esforços para facilitar este objetivo, sendo claramente entendido que nada será feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judias existentes na Palestina ou os direitos e status político desfrutados pelos judeus em qualquer outro país. (DECLARAÇÃO DE BALFOUR, 1917)

Apesar das palavras nobres de Lorde Balfour, um império colonial que mata pessoas em todo o mundo não é motivado pelo altruísmo. Os britânicos viam o movimento sionista como um meio de realizar os interesses britânicos do Levante e no canal de Suez, mas não sentiam verdadeira simpatia pelos desafios enfrentados pelos judeus. (SAYEGH, 1965, p. 11-16)

O movimento sionista, impulsionado pela Declaração de Balfour e governadores britânicos favoráveis, intensificou seus esforços de colonização e criou o Yishuv, um novo estado provisório na Palestina. A relação entre o Yishuv e os britânicos teve momentos positivos e negativos, mas os britânicos apoiaram os sionistas de forma explícita e oculta, o que permitiu que eles prosperassem. Ao mesmo tempo, eles mandavam o sionismo crescer e reprimiam rigorosamente qualquer movimento ou organização palestina. Isso permitiu a conquista e destruição em massa de centenas de vilas e bairros palestinos ao final do mandato. Essas circunstâncias e eventos resultaram na fundação de Israel, que eliminou a sociedade

palestina por meio de uma limpeza étnica dos palestinos (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

Pappé (2016, p. 30-48) em seu livro “A limpeza étnica da Palestina” relata que o sionismo ele nasce na Europa com o intuito de tornar-se um movimento de ressurgimento nacional, a maioria dos seus líderes no século XX já aspirava o ressurgimento do povo judeu com a colonização da Palestina, Herzl por outro lado pensava em outras maneiras de idealizar esse ressurgimento porém, após a morte de um dos principais líderes sionistas Theodor Herzl em 1904 o movimento fixou os seus olhos na Palestina consensualmente. O autor ainda relata a manipulação religiosa cometida pelos sionistas em relação aos escritos bíblicos para poderem utilizar como premissa de aquisição do território palestino:

A tradição e religião judaicas claramente instruem os judeus a aguardarem a vinda do Messias prometido no “fim dos tempos”, até que eles possam retornar a Eretz Israel como um povo soberano em uma teocracia judaica, isto é, como os servos obedientes de Deus (essa é a razão de diversas correntes de judeus ultraortodoxos hoje serem antissionistas ou não sionistas). Em outras palavras, o sionismo secularizou e nacionalizou o judaísmo. Para realizar seu projeto, os pensadores sionistas reivindicaram o território bíblico e recriaram-no, de fato o reinventaram como o berço de seu novo movimento nacionalista (PAPPÉ 2016, p.30-31).

Pappé (2016, p. 33) comenta que segundo estudos acadêmicos, a principal idealização da colonização sionista provém de questionamentos e ideais marxistas, retratando o movimento sionista como uma tentativa revolucionária de aplicar o socialismo, porém, essas aspirações conforme o autor são duvidosas e utilizadas para a manipulação dos indivíduos na época.

A estratégia inicial do sionismo foi ocupar-se nas compras de terras na intenção de inserir-se no mercado de trabalho e também criar redes sociais com a população local, na intenção de sustentá-los posteriormente (PAPPÉ 2016, p. 33). Após isso, a carta de Balfour deu abertura para um conflito incessante que remete à situação atual da Palestina. O império britânico abriu uma lacuna deliberada para a população refugiada das perseguições na Europa e essas comunidades judaicas vindas do continente europeu formaram as primeiras milícias terroristas no território palestino. Uma das mais conhecidas foi a liderada por Ben Gurion um dos primeiros dirigentes em território palestino, o Haganá. Ao longo dos anos, essas pequenas milícias e comunidades sionistas em território palestino iniciaram o trabalho de estudos topográficos, relatórios e arquivamento de vilarejos palestinos e preparações militares, aspirando sua independência já garantida (PAPPÉ 2016, p. 35-40).

Ben Gurion possui um papel importante nesta história drástica. Foi o arquiteto da futura nação judaica. Era visto como um líder exemplar, se vestindo como os militares das milícias e seu papel central era na “decisão do destino dos palestinos e do controle completo exercido por ele sobre todas as questões de segurança e de defesa na comunidade judaica da Palestina” (PAPPÉ 2016, p. 43).

Entre 1946 e 1947 o principal ideal durante a limpeza étnica na Palestina segundo Pappé (2016, p. 47) era que os conflitos com os ingleses antes da Segunda Guerra Mundial, terminaram de forma automática, logo, os britânicos após o fim da segunda guerra mundial e porventura, o fato do holocausto, esses sabiam que não conseguiriam lidar com a rebelião judia da mesma maneira que fizeram com os árabes em 1930, assim, os ingleses retiraram suas tropas em 1947, entregando o problema nas mãos da Organização das Nações Unidas (ONU), recém criada.

Sabendo da saída dos ingleses, Ben Gurion decidiu aplicar o Plano C, que, segundo Pappé (2016, p. 48) “era uma versão revisada de dois planos prévios, o A e o B”. O primeiro plano era nomeado de, Plano Elimelech, referência ao comandante do Haganá em Tel-Aviv, em 1937. Esse, a pedido de Ben-Gurion, havia traçado os primeiros planos de tomada da Palestina. O plano B foi delimitado em 1946 porém, o Plano C era a mistura dos dois:

O Plano C almejava preparar as forças militares da comunidade judaica na Palestina para as campanhas ofensivas em que eles se engajariam contra as regiões rural e urbana da Palestina assim que os ingleses saíssem. O propósito de tais ações seria “desencorajar” a população palestina quanto a ataques a assentamentos judeus e retaliar assaltos em casas, estradas e trânsito judeus.

O Plano C mostrava explicitamente que seus feitos no procedimento eram de “matar a direção política palestina; matar agitadores palestinos e seus financiadores; matar palestinos que agiram contra judeus; danificar transportes palestinos; atacar vilarejos palestinos [...]”. Esse plano era agregado com os dados feitos pelos sionistas dos arquivamentos de vilarejo que possuíam dados de ativistas palestinos, dirigentes e o mapa preciso desses vilarejos palestinos. Porém, alguns meses depois foi criado outro plano, o Plano D (Dalet). Esse “selou o destino dos palestinos dentro do território no qual os líderes sionistas botaram os os olhos para seu futuro estado judeu” (PAPPÉ, 2016, p. 48).

O início dos procedimentos de uma limpeza étnica iniciou-se em meados de 1947, nesse momento, a população palestina era considerada “mista”. Palestinos nativos eram dois terços da população comparando com a época do mandato, um terço eram de judeus recém chegados, refugiados e colonos. Nesse momento os palestinos nativos buscavam seus direitos à autodeterminação como prometido pelo mandato britânico, porém, o estatuto do Mandato da

Inglaterra possuía consigo, a Declaração Balfour, prometendo aos movimento sionista o “lar nacional” na Palestina (PAPPÉ, 2016, p.49).

A Inglaterra possuía diversas políticas pró-sionistas porém, naquele momento, a Palestina era habitada por sua maioria árabe ao fim do mandato, esses ocupavam quase todas as terras cultivadas e apenas 5,8% eram dos judeus. O que dificultava mais para o movimento sionista era que as comunidades judaicas eram distantes uma das outras, parecendo guarnições militares rodeadas por vilarejos palestinos. A lógica inglesa era de partilhar a terra metade para a população nativa e metade para o movimento sionista, porém, os ingleses viram extremas dificuldades em projetar as duas entidades que povoavam a região, por bom senso o ideal seria que a maior parte do território deveria ser dos palestinos nativos. Os ingleses trouxeram diversas ideias como por exemplo, um estado binacional que os judeus rejeitaram, cantões palestinos em referência à Suíça em que os palestinos e judeus rejeitaram. Londres decidiu desistir da problemática que os mesmos criaram e em fevereiro de 1947, transferiu a questão palestina à ONU (PAPPÉ 2016, p. 50):

O relatório produzido pela UNSCOP, contemplava que os dois futuros estados seriam idênticos, exceto em sua correlação demográfica interna[...] Em 29 de novembro de 1947, isso virou a resolução 181 da Assembléia Geral. Está claro que, ao aceitar a Resolução da Partilha, a ONU ignorou totalmente a composição étnica da população do país. Tivesse desejado fazer corresponder o território em que os judeus se estabeleceriam[...] A ONU designar-lhes-ia não mais do que 10% da terra. Mas a ONU aceitou as reivindicações nacionalistas do movimento sionista sobre a Palestina e, mais ainda, buscou compensar os judeus pelo Holocausto nazista na Europa (PAPPÉ, p. 51).

A partilha entregou nas mãos do movimento sionistas mais da metade do território em uma divisão injusta à população palestina nativa, após a partilha, Ben-Gurion cria a Consultoria, essa era “uma combinação de figuras da segurança e especialistas em “questões árabes”, esses seriam os futuros guias e fundadores dos organismos atuais como governos de Israel, assuntos de segurança do estado, estratégias e planejamento, entre outros. (PAPPÉ 2016, p. 57)

No dia 15 de maio de 1948 os ingleses oficialmente saíram dos territórios Palestinos e a Agência Judaica imediatamente declarou a fundação do estado judeu na Palestina, que foi reconhecido pelas duas superpotências da época, os EUA e a URSS, as forças árabes entram na Palestina após isso, marcando o primeiro conflito armado. A estratégia dos sionistas era clara e dividida em duas partes, a primeira era a “fragmentação”, desintegrar os sistemas políticos e o poder militar dos palestinos, a segunda era, a “desordem”, trazer a confusão para os países árabes com a crescente escalada dos judeus em territórios palestinos. Inicialmente e

conforme a resolução 181, o povo judeu ficou com as partes do deserto de Negev, os vales orientais e a baixa Galiléia. Ben-Gurion queria mais e não somente aquilo, iniciou a idealizar com outros militares os objetivos de conquistar o país como um todo, enquanto essas idealizações ocorriam, o estado judeu se mantia perto dos assentamentos isolados e remotos com o objetivo de “judaizar” a região para prosseguir com os planos coloniais (PAPPÉ, 2016, p. 62).

Foi a partir do dia 15 de maio de 1948 que o plano D (Dalet) tomou início, junto com a consultoria, militares judeus se preparavam para limpar totalmente povoados imensos de nativos palestinos, foi na primeira operação conhecida como “Operação Nachshon” que fundou as “Forças de Defesa de Israel”, alguns dos diversos vilarejos limpados etnicamente foram: Deir Yassin (9 de abril de 1948); Zaydan; Qalunya; Saris; entre outros) (PAPPÉ, 2016, p.110)

A limpeza étnica funcionava da maneira como foi citada no Plano D, entrar nas vilas e cidades, matar, expulsar, destruir e desarabizar. Muitos palestinos, principalmente, da elite, fugiram antes mesmo desse momento ocorrer, como foi o caso de Haifa, onde estima-se que entre 15 a 20 mil tenham fugido para residências no Líbano e Egito, aguardando que os conflitos parassem para retornar. Os palestinos que permaneceram em Haifa estavam perdidos, mal organizados e com poucos voluntários armados. Foram diversas invasões militares para desocupar Haifa dos palestinos, a última e mais temerosa era de comando de “Mordechai Maklef” que ordenou que os militares judeus, matassem quaisquer árabes que encontrassem no caminho, milhares de palestinos indefesos, fugiram da cidade e da brutalidade militar dos judeus (PAPPÉ, 2016, p. 116).

As inúmeras expulsões forçadas, a limpeza étnica e todas as atrocidades cometidas a partir do dia 15 de maio, são chamadas pelos palestinos de “Nakba”<sup>5</sup>, a partir desse momento precisamos dar um pulo na história e partir para os dias atuais. Houveram inúmeros outros conflitos em territórios palestinos, esses serão citados abaixo para compreendermos o contexto atual dos palestinos e seus territórios além das imensas problemáticas de colonização, opressão e apartheid cometidas pelo governo israelense.

## **6. ACORDOS METODOLÓGICOS**

---

<sup>5</sup> Palavra em árabe que significa "catástrofe".

A presente pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo. A pesquisa qualitativa refere-se à “particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida” (FLICK, 2009, p. 20). Nessa abordagem, os aspectos essenciais dessa pesquisa segundo o autor são “a escolha adequada de métodos e teorias convenientes; reconhecimento da análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos (FLICK, 2009, p. 23).

Para Ferreira (2015, p. 116), a pesquisa qualitativa tem características específicas, logo, é um ser histórico, é qualitativa quando “realidade social é complexa, mutável e determinada por múltiplos fatores, seja, político, cultural, econômico, religioso, físico ou biológico”.

Encontram-se nas pesquisas qualitativas, como colocado por Godoy (1995, p. 61), “[...] variados tipos de investigação, apoiados em diferentes quadros de orientação teórica e metodológica, tais como a etnografia, o materialismo histórico e a fenomenologia”.

A análise qualitativa permite que agreguemos outros pressupostos metodológicos para atingir os objetivos da pesquisa. A interpretação do acontecimento como fato relevante para o mundo, tem como base a afirmação sobre o poder hermenêutico do acontecimento:

[...] abrindo um horizonte de sentido, transportando com ele possibilidades interpretativas, o acontecimento permite, ao que a ele se encontra exposto, descobrir algo de si próprio e da sua situação, aprofundar a compreensão de si e do mundo. (QUÉRÉ, 2005, p. 70).

Nesse contexto, o estudo do acontecimento político empreende no esforço de contextualizar e tentar justificar o motivo pelo qual o assassinato da jornalista Shireen Abu Akleh se tornou um acontecimento relevante internacionalmente. Visto que para marcar o aniversário da morte do jornalista, em 09 de maio de 2023, o Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ) publicou um relatório onde denunciou que pelo menos 20 jornalistas foram assassinados pelas forças de Israel nos últimos 22 anos<sup>6</sup> e 18 deles eram palestinos.

Para que fosse possível efetuar a análise sobre a importância desse acontecimento com um acontecimento político, o quadro 1 sumariza as categorias que conduziram a configuração do conceito no material empírico analisado na fase qualitativa.

---

<sup>6</sup> Committee to Protect Journalists. Deadly Pattern: 20 journalists died by Israeli military fire in 22 years. No one has been held accountable. Disponível em: <https://cpj.org/reports/2023/05/deadly-pattern-20-journalists-died-by-israeli-military-fire-in-22-years-no-one-has-been-held-accountable/>. Acesso em: 18 de jun., 2023.

Quadro 1 - Categorias de análise que contextualizam o Acontecimento Político no assassinato da jornalista Shireen Abu Akleh

Teoria	Conceitos	Descrição	Autores
Acontecimento Político	Ilumina questões de interesse coletivo	O acontecimento estrutura nossa experiência, possibilitando emergir sentidos que podem ser narrados e compreendidos.	WEBER (2011) QUÉRÉ (2005) FRANÇA(2017)
	Espetáculo político-midiático	Permanece como pauta por tempo indeterminado, citado em diferentes discursos, sendo recuperado na grade de programação midiática, ocorrendo em confrontos explícitos e simbólicos.	
	Acontecimentos sociais	Possuem mais autonomia em relação às mídias, pois, necessita da visibilidade para a defesa de interesses, assim, possuem força para movimentar massas por motivos, políticos, passionais e religiosos, sob o impulso da paixão que constringe os poderes constituídos	

Fonte: o autor.

Alia-se ao estudo do acontecimento político as teorias sobre o acontecimento jornalístico, como forma de enfatizar a importância social do fato que foi analisado (Quadro 2).

Quadro 2 - Categorias de análise que contextualizam o Acontecimento Jornalístico no assassinato da jornalista Shireen Abu Akleh

Teoria	Conceitos	Descrição	Autores
Acontecimento jornalístico	Noticiabilidade	É uma avaliação baseada em critérios como relevância, impacto, novidade, proximidade, conflito e emoção.	BENETTI (2010), TRAQUINA (2005), ALSINA (1993)
	Acontecimento	Todo o processo de produção inicia-se por esse conceito logo, um fato deve ocorrer para que possa se tornar notícia.	
	Sujeito	O fato é construído pelo reconhecimento de elementos externos que possam construir tal acontecimento.	

	Ponto de referência	Termo de diferenciação de um acontecimento e de uma notícia, o que pode ser uma notícia para um sistema, pode ser acontecimento para outro.
	Variação do sistema	Existência de um sistema com normas onde é permitido determinar quando ocorre uma variação, precisa de um ponto de referência para comparar o estado inicial e o estado final porém, a variação deve ser perceptível. Toda variação se dá pelo tempo, é entendido como uma ruptura à norma.
	Subjetivação	O sujeito que conhece as normas do sistema, não antecipa a variação produzida, o grau de relação da variação e do sujeito define um acontecimento
	Tempo	Toda variação possui início e fim, caso muito extensa ela perde o caráter de acontecimento, o acontecimento possui um vencimento, porque a variação com o passar do tempo se torna algo normal.
	Construção social	O acontecimento não é um fato bruto, tem relação com estruturas sociais e simbólicas, envolvendo interpretação e a representação dos fatos, dependendo das posições sociais dos indivíduos.

Fonte: o autor

A amostra do presente trabalho foi constituída por 469 textos jornalísticos (APÊNDICE A), coletados com a palavra-chave: Shireen Abu Akleh, nos websites do canal de televisão *Al-Jazeera*, da *Middle East Monitor* (MEMO), da agência de notícias *Palestina Wafa* e dos jornais *The Guardian*, *The New York Times* e *O Globo*. A escolha desses meios de comunicação foi aleatória e tem como estratégia fazer menção à abrangência de como o fato foi reportado tanto no Oriente quanto no Ocidente. No entanto, os países do Ocidente foram escolhidos com algum arbítrio: a) Brasil: país de origem deste trabalho de conclusão; b) Estados Unidos: porque a jornalista possuía cidadania norte-americana e; c) Inglaterra por ser o colonizador histórico da Palestina. O acesso aos mesmos foi feito por acesso livre na internet e via Portal de Periódicos da Capes. Alguns colaboradores internacionais também



coletaram material para a composição da amostra<sup>7</sup>. O resultado da coleta de dados foi a constituição da amostra a partir de um material jornalístico em diversos formatos (matérias, reportagens, notas e demais formatos jornalísticos). O período de coleta foi entre 11 de maio de 2022 até o dia 11 de maio de 2023

De posse dos conceitos apresentados nos acordos metodológicos, este trabalho efetuou a leitura flutuante dos títulos do material jornalístico coletado com o objetivo de extrair temáticas que pudessem contextualizar minimamente o comportamento da agenda midiática. Algumas reportagens foram utilizadas para complementar essa leitura.

Portanto, essa amostra, interpretada à luz das teorias do acontecimento jornalístico e político sobre o fato tentou apresentar os motivos que respondem a questão de pesquisa: Quais as características do acontecimento da morte da jornalista Shireen Abu Akleh que foram capazes de o consolidar como acontecimento jornalístico e político tanto para o Oriente quanto para o Ocidente, tendo em vista que muitos jornalistas perderam a vida em conflitos armados no Oriente Médio. Da mesma forma, as características que o mantiveram no espaço midiático por um período de um ano após o seu assassinato. Os resultados serão apresentados a seguir.

A pesquisa quantitativa se justificou para organizar um banco de dados em que fosse possível efetuar um monitoramento do número de notícias ao longo do tempo. Ou seja, identificar o número de notícias por dia no período analisado (APÊNDICE A e B). Da mesma forma, essa fase possibilitou identificar o que chamamos de picos de notícias publicadas, que serviram de apoio à análise qualitativa da amostra.

## **7. RESULTADOS**

A Palestina durante sua trajetória histórica foi lar de diversas culturas, reinos e impérios que influenciaram e foram influenciados pela mistura cultural e civilizacional que se definiu na área. Esses traços multiculturais são sentidos até os dias de hoje através do idioma, vocabulário e toponímias utilizados pela população palestina nativa, como também nas práticas agrícolas deixadas pelos povos natufianos que consideravam a palestina e o crescente fértil como lar desde 9.000 a.C. (DECOLONIZE PALESTINE, 2023).

---

<sup>7</sup> Nossos agradecimentos à FEPAL (Federação Árabe Palestina do Brasil), à co-fundadora da página Decolonize Palestine, Rawan, à Bacharel em Relações Internacionais Fernanda de Melo, à Dr. Yara Hawari em Política do Oriente Médio pela Universidade de Exeter e aos colegas do curso de mídia da Universidade de Birzeit na Palestina pelo auxílio no fornecimento de materiais para compor esta pesquisa.

Atualmente é conhecida como, “território palestino ocupado” e é dividido em quatro partes: a Cisjordânia, Jerusalém Oriental, Faixa de Gaza e as Colinas de Golã (Colinas Sírias). Segundo o relatório da Anistia Internacional (2022), Israel impõe um sistema de governo opressivo e discriminatório à população palestina e aos territórios palestinos ocupados. Além disso, considera que Israel constitui um sistema de apartheid sob o povo palestino. Recentemente, no dia 5 de Agosto de 2022, a organização reportou um ataque ofensivo à Faixa de Gaza contra a Jihad Islâmica palestina, destruindo 1.700 casas palestinas, ferindo centenas de civis (ANISTIA INTERNACIONAL, 2022, p. 260).

Nesse contexto surgiu a figura de Shireen Abu Akleh, uma jornalista renomada que trabalhou para a rede de televisão sediada no Catar, Al-Jazeera. Ela era uma correspondente de televisão experiente que se tornou um nome conhecido em todo o mundo árabe devido à corajosa cobertura do conflito israelense-palestino. Sua reportagem destemida sobre o conflito recebeu reconhecimento generalizado e solidificou seu status como uma figura proeminente no jornalismo.

Shireen Abu Akleh nasceu em Jerusalém em 3 de abril de 1971 e foi criada por uma família católica melquita em Belém, na Palestina. Desde a infância, seus pais compartilharam histórias sobre a Palestina prévia à fundação de Israel durante o Mandato Britânico. Durante a adolescência ela tomou a decisão de abandonar seus estudos em arquitetura, na Universidade de Ciência e Tecnologia da Jordânia, para seguir uma formação em jornalismo na Universidade Yarmouk, também na Jordânia.

Como jornalista, Shireen Abu Akleh retornou aos Territórios Palestinos, onde começou a trabalhar para várias empresas de mídia. Sua carreira jornalística coincidiu com os Acordos de Oslo de 1993, um acordo de paz bilateral entre o governo de Israel e a Organização pela Libertação Palestina (OLP) que visava promover a autogovernança palestina em troca de paz. Com o reconhecimento internacional de uma solução de dois estados para o conflito israelense-palestino, foi estabelecida, em 1994, uma nova Corporação de Radiodifusão Palestina com financiamento internacional. Através dela, foi criada uma nova estação de rádio chamada estação de rádio Sawt Filasteen (Voz da Palestina), em 1994, onde a jornalista desempenhou um papel fundamental.

Adicionalmente, Shireen Abu Akleh teve experiência de trabalho na UNRWA (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo),

no Canal de Satélite Amman e na rádio Monte Carlo e na MIFTAH (Iniciativa Palestina para a Promoção do Diálogo Global e Democracia)<sup>8</sup>.

Residindo e trabalhando em Jerusalém Oriental, Shireen cobriu importantes eventos relacionados à Palestina, incluindo a Segunda Intifada, em 2000, quando palestinos e árabes em todo o mundo se reuniam em frente às suas televisões em busca das últimas atualizações sobre a violência.

Uma parte significativa de seu trabalho incluiu relatos de funerais de palestinos vítimas de ações das forças israelenses.

Em 1997, ingressou como jornalista na Al Jazeera, destacando-se como uma das primeiras correspondentes de campo mulher da emissora. Com esse feito ganhou reconhecimento por sua atuação no canal de língua árabe. Apenas um ano após o início das operações da rede passou a trabalhar no escritório palestino da emissora, na Cisjordânia, pelo restante de sua carreira.

Sua notável carreira de 25 anos na Al-Jazeera se tornou uma fonte de inspiração para palestinos e árabes<sup>9</sup>, em especial, para mulheres árabes<sup>10</sup>. Muitas mulheres se inspiraram e foram influenciadas por suas reportagens e também pelas aulas de mídia ministradas por Abu Akleh no Centro de Desenvolvimento de Mídia na Universidade Birzeit, na região de Ramallah, na Cisjordânia (GOSTOLI, 2022). Seus bordões, encerramentos de reportagens e sua presença em diversas cidades e vilas palestinas tornaram-a um ícone do público feminino palestinos.

Por ter residência em Jerusalém Oriental, Shireen possuía o privilégio de proporcionar relatos ao mundo árabe de dentro de Israel. A jornalista sempre foi considerada uma pessoa calma, serena e focada em explicar e relatar as situações e acontecimentos ao seu redor de maneira articulada. Reportou a invasão israelense dos campos de refugiados de Jenin e

---

<sup>8</sup> استشهاد الصحافية شيرين أبو عاقلة برصاص الاحتلال في جنين م.م. استشهاد الصحافية شيرين أبو عاقلة برصاص الاحتلال في جنين

Disponível em:

<<https://www.arab48.com/%D9%81%D9%84%D8%B3%D8%B7%D9%8A%D9%86%D9%8A%D8%A7%D8%AA/%D8%A3%D8%AE%D8%A8%D8%A7%D8%B1/2022/05/11/%D8%A5%D8%B5%D8%A7%D8%A8%D8%A7%D8%AA-%D8%AE%D8%B7%D9%8A%D8%B1%D8%A9-%D8%A8%D9%8A%D9%86%D9%87%D8%A7-%D9%84%D8%B5%D8%AD%D8%A7%D9%81%D9%8A%D9%8A%D9%86-%D8%A7%D9%84%D8%A7%D8%AD%D8%AA%D9%84%D8%A7%D9%84-%D9%8A%D9%82%D8%AA%D8%AD%D9%85-%D8%AC%D9%86%D9%8A%D9%86-%D9%88%D8%B3%D8%B7-%D8%A7%D8%B4%D8%AA%D8%A8%D8%A7%D9%83%D8%A7%D8%AA-%D9%85%D8%B3%D9%84%D8%AD%D8%A9>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>9</sup> **A look back at Shireen Abu Akleh: A journalist who inspired generations.** Disponível em:

<<https://www.abouthere.com/node/49561/people/leading-ladies/look-back-shireen-abu-akleh-journalist-who-inspired-generations>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>10</sup> GOSTOLI, Y. **How Shireen Abu Akleh inspired a generation of female reporters.** Disponível em:

<<https://www.trtworld.com/magazine/how-shireen-abu-akleh-inspired-a-generation-of-female-reporters-57110>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

Tulkarm em 2002 e diversos ataques e operações militares israelenses à Faixa de Gaza. Também foi a primeira jornalista árabe autorizada a entrar na Prisão de Ashkelon, em 2005.

Abu Akleh expressou diversas vezes preocupação por estar sendo alvo das Forças de Defesa de Israel (IDF) e de colonos israelenses armados. Em uma entrevista à Al Jazeera, ela afirmou que havia sido repetidamente acusada pelas autoridades israelenses de fotografar áreas de segurança.

Nos últimos anos de vida ela estava estudando hebraico para melhor compreender as narrativas na mídia israelense e havia recentemente obtido um diploma em mídia digital.

No dia 11 de maio de 2022, Shireen Abu Akleh e sua equipe estavam no campo de refugiados em Jenin, na Palestina, (Figura 1 e Figura 2), cobrindo os conflitos da ocupação israelense que ocorriam no local naquele momento. Os jornalistas em zonas de conflito utilizam coletes com a denominação "PRESS" para serem identificados. Mesmo assim, Shireen foi atingida por uma bala em uma área exposta abaixo de sua orelha, matando-a instantaneamente.

Figura 1 - *Printscreen* do mapa do território palestino

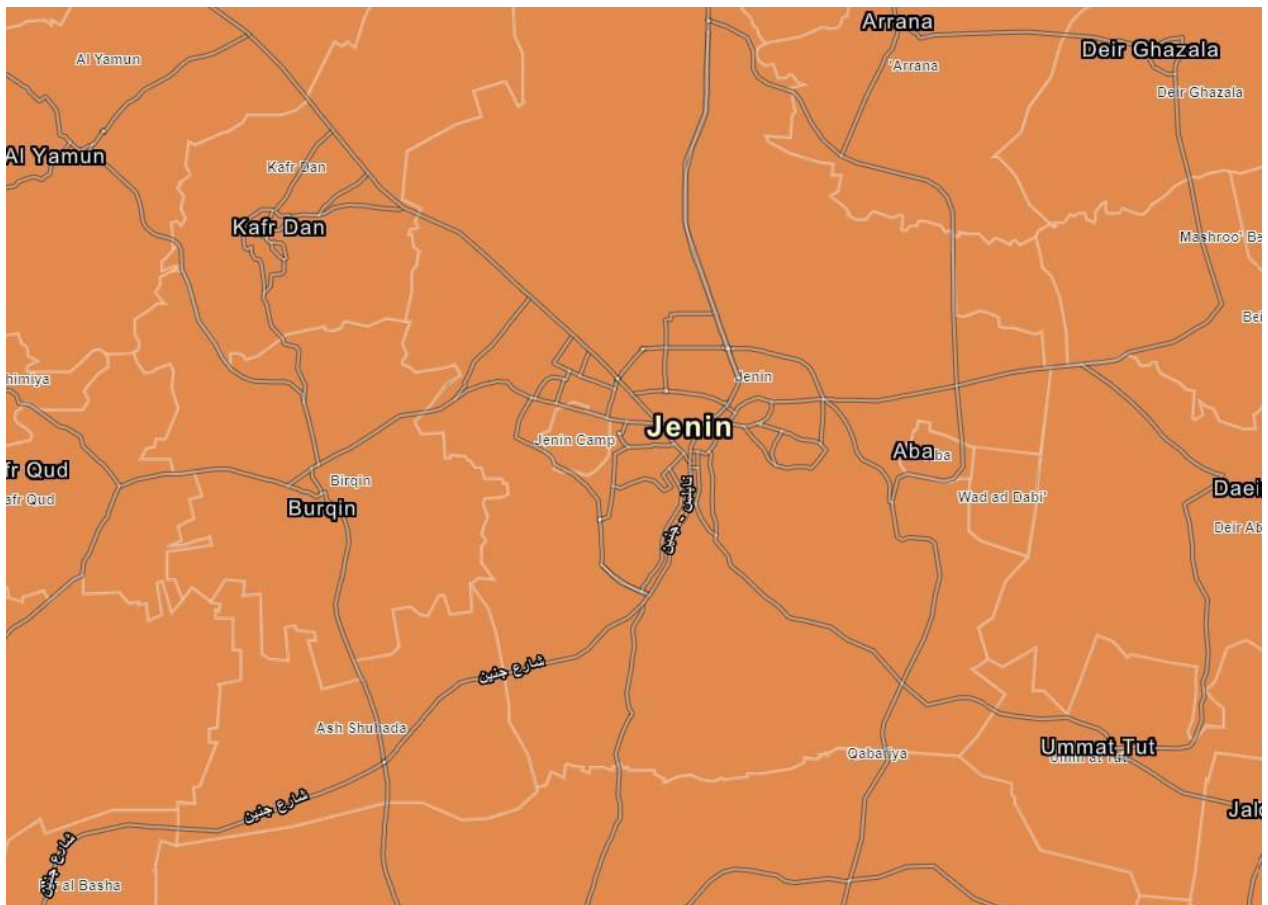


Fonte: ARCGIS WORLD GEOCODING SERVICE (2023)<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Palestine map. Disponível em:

<<https://www.arcgis.com/apps/View/index.html?appid=21770ca22a7748b684f76b455441e395>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

**Figura 2 - Printscreen do mapa do território de Jenin**



Fonte: ARCGIS WORLD GEOCODING SERVICE (2023)<sup>12</sup>

Logo a morte da jornalista, oficiais israelenses lançaram inúmeras declarações, alegando que Abu Akleh foi pega em fogo cruzado entre forças israelenses e atiradores palestinos e que foi atingida por fogo palestino (PATEL, 2022). No entanto, a jornalista Yumna Patel do "Mondoweiss" e diversos jornalistas que estavam presentes em campo testemunharam o assassinato e refutaram as declarações israelenses. Hanysha é uma repórter do Middle East Eye, natural de Jenin, que estava ao lado de Shireen e testemunhou sua morte. Todos os jornalistas que estavam naquela área afirmaram que foram alvos de atiradores israelenses posicionados nos telhados das casas (PATEL, 2022).

Na rede social do Twitter, o gabinete do primeiro-ministro israelense Naftali Bennet afirmou que Shireen foi baleada por tiros palestinos. O Gabinete publicou um vídeo (Figura 3), que mostra combatentes palestinos no Campo de Refugiados de Jenin, atirando em um local não revelado. Na legenda citava que “Palestinos em Jenin filmaram gabando-se ‘Nós

<sup>12</sup> Palestine map. Disponível em:

<<https://www.arcgis.com/apps/View/index.html?appid=21770ca22a7748b684f76b455441e395>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

atingimos um soldado; está deitado no chão’. No entanto, nenhum soldado da IDF foi ferido” (PATEL, 2022, s/p).

**Figura 3 - Printscreen da conta de Twitter do Primeiro Ministro de Israel.**

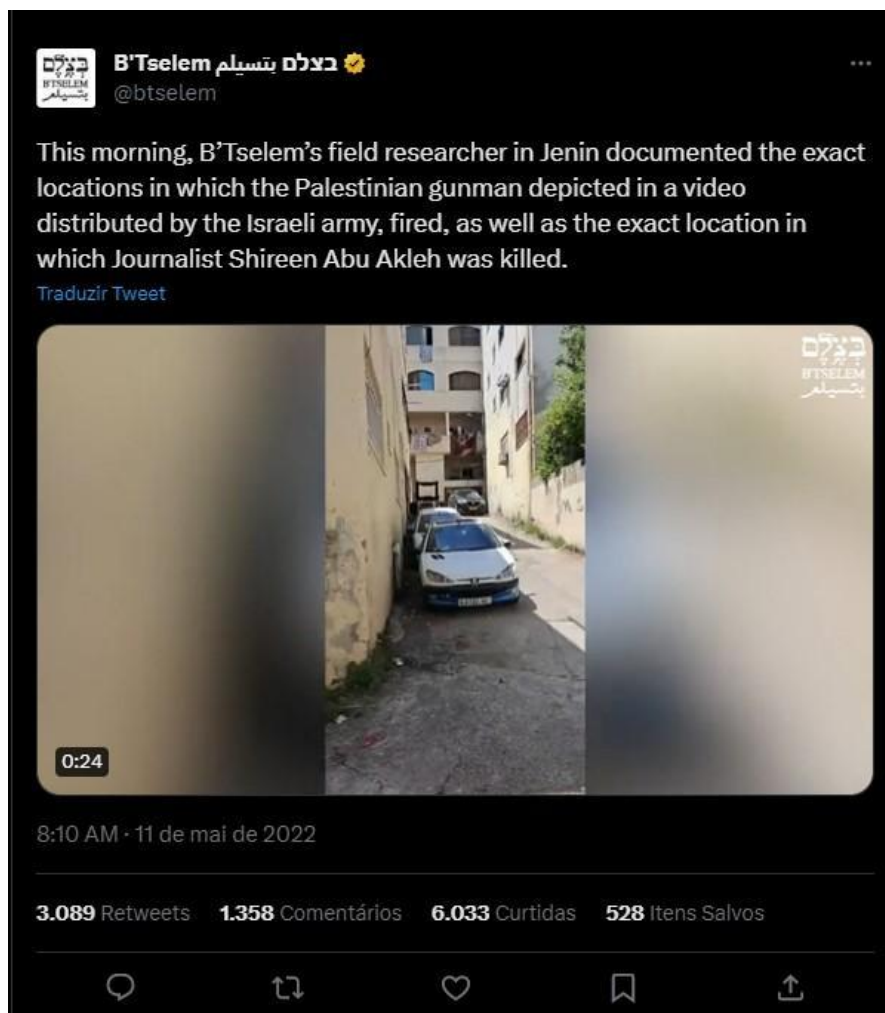


Fonte: TWITTER (2022)<sup>13</sup>

Essas alegações feitas por Israel foram rapidamente refutadas pelo grupo israelense de direitos humanos B'Tselem (Figura 4). O pesquisador de campo da organização documentou os locais exatos onde o atirador palestino foi retratado no vídeo publicado pelo governo israelense, como também, o local exato em que a jornalista foi morta (PATEL, 2022).

<sup>13</sup> PRIME MINISTER OF ISRAEL. **Palestinians in Jenin were even filmed boasting "We hit a soldier; he's lying on the ground"**. However, no IDF soldier was injured, which increases the possibility that Palestinian terrorists were the ones who shot the journalist. [pic.twitter.com/k2ysjqquch](https://twitter.com/IsraeliPM/status/1524294263080693761?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E1524294263080693761%7Ctwgr%5E0db2671b1215b018ac9ba7e7e4f9d4dc55705b7f%7Ctwon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fmondoweiss.net%2F2022%2F05%2Fisrael-kills-veteran-al-jazeera-correspondent-shireen-abu-akleh-in-occupied-west-bank%2F). Disponível em: <[https://twitter.com/IsraeliPM/status/1524294263080693761?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E1524294263080693761%7Ctwgr%5E0db2671b1215b018ac9ba7e7e4f9d4dc55705b7f%7Ctwon%5Es1\\_&ref\\_url=https%3A%2F%2Fmondoweiss.net%2F2022%2F05%2Fisrael-kills-veteran-al-jazeera-correspondent-shireen-abu-akleh-in-occupied-west-bank%2F](https://twitter.com/IsraeliPM/status/1524294263080693761?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E1524294263080693761%7Ctwgr%5E0db2671b1215b018ac9ba7e7e4f9d4dc55705b7f%7Ctwon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fmondoweiss.net%2F2022%2F05%2Fisrael-kills-veteran-al-jazeera-correspondent-shireen-abu-akleh-in-occupied-west-bank%2F)>. Acesso em: 9 jun. 2023.

Figura 4- *Print screen* da Organização de direitos humanos israelense B'Tselem



FONTE: Twitter<sup>14</sup>

A morte de Abu Akleh foi a mais recente de uma longa lista de perseguição e assassinatos de jornalistas cometidos pelas ocupações israelenses nos últimos anos. Segundo o Ministério de Informação Palestino, 55 jornalistas foram mortos pelas forças israelenses à partir dos anos 2000 (MEMO, 2023). Segundo Mitrovica (2022, s/p) ela foi assassinada por

<sup>14</sup> بتسيلم, B. ג. This morning, B'Tselem's field researcher in Jenin documented the exact locations in which the Palestinian gunman depicted in a video distributed by the Israeli army, fired, as well as the exact location in which Journalist Shireen Abu Akleh was killed. pic.twitter.com/6vbejjuf7z. Disponível em: <[https://twitter.com/btselem/status/1524346246743396355?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1524346246743396355%7Ctwgr%5E0db2671b1215b018ac9ba7e7e4f9d4dc55705b7f%7Ctwcon%5Es1\\_&ref\\_url=https%3A%2F%2Fmondoweiss.net%2F2022%2F05%2Fisrael-kills-veteran-al-jazeera-correspondent-shireen-abu-akleh-in-occupied-west-bank%2F](https://twitter.com/btselem/status/1524346246743396355?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1524346246743396355%7Ctwgr%5E0db2671b1215b018ac9ba7e7e4f9d4dc55705b7f%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fmondoweiss.net%2F2022%2F05%2Fisrael-kills-veteran-al-jazeera-correspondent-shireen-abu-akleh-in-occupied-west-bank%2F)>. Acesso em: 9 jun. 2023.



mais uma vez, “contar a verdade sobre como Israel encurralou, espancou, invadiu, despejou, prendeu, traumatizou e aterrorizou palestino por palestino, dia após dia, ano após ano, década após década.”

Mitrovica (2022) cita que, tiveram outras mortes no mesmo dia, porém, Shireen era popular, estava na TV, era admirada e respeitada por dizer a verdade a respeito da crueldade que os palestinos sofrem e suportam todos os dias. Por consequência disso, seu assassinato estava circulando em televisões estadunidenses e européias. Outro fato que tornou o assassinato da jornalista interesse na agenda midiática dos países ocidentais era que ela tinha cidadania americana.

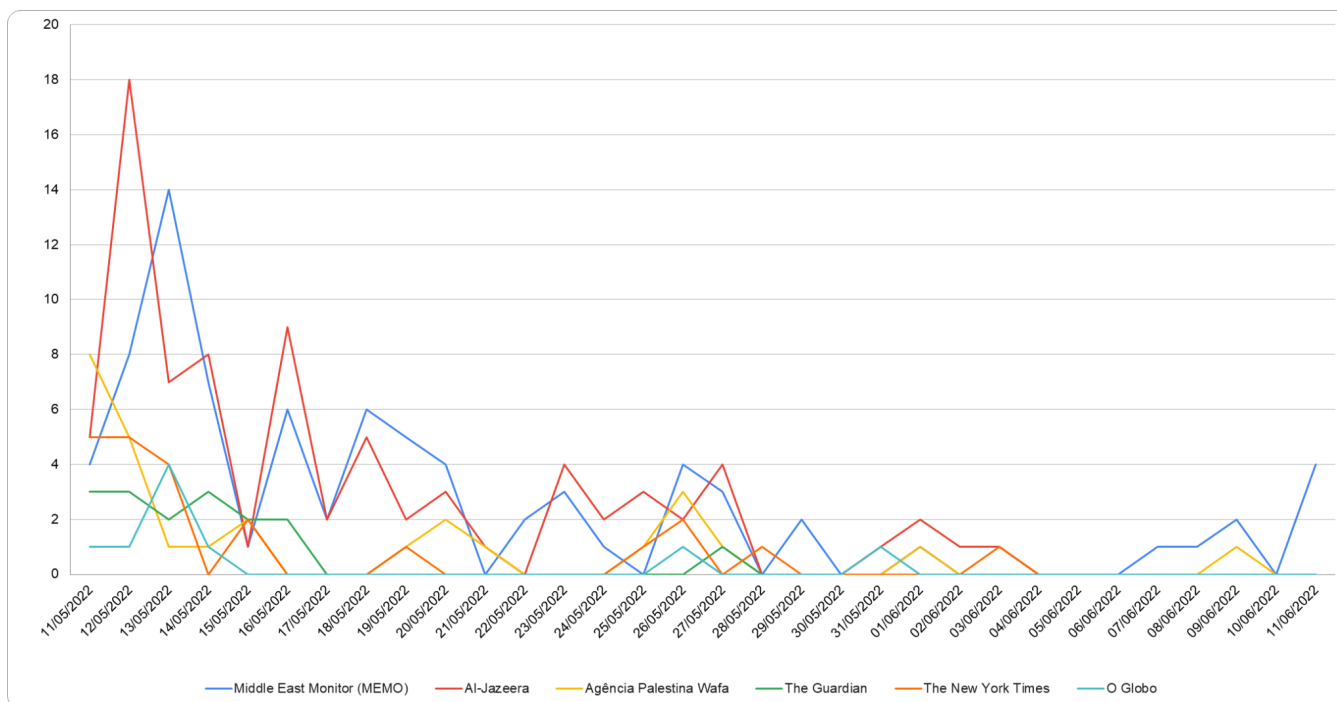
O assassinato de Abu Akleh expõe a impunidade quando se trata da morte de jornalistas e funcionários da mídia. Nesse acontecimento Israel se ofereceu para conduzir uma investigação mas a iniciativa foi rejeitada pelas autoridades palestinas. O motivo foi o histórico de investigações israelenses imputadas como mecanismos para encobrir provas, como afirmou o diretor das questões israelo-palestinas, Omar Shakira, da Human Rights Watch (AL-JAZEERA, 2022).

## 7.1 A MORTE DE SHIREEN ABU AKLEH COMO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO

Para Natali (2004) as guerras são colocadas no topo da cadeia hierárquica das notícias com mais visibilidade pois, expõem claramente, a tragédia e dor humana visual que ao longo do tempo se constroem em um espetáculo midiático. Assim, os conflitos no Oriente Médio estão caracterizados como de alta noticiabilidade.

O assassinato de Abu Akleh atraiu a atenção da imprensa internacional, atendendo ao critério de seleção desta notícia, visto que pelo menos 20 mortes de jornalistas foram registradas pelo *Comitê de proteção à Jornalistas*, e dezoito eram palestinos (CPJ, 2023). Quanto à permanência, pode-se observar uma distribuição acentuada de notícias publicadas nos primeiros dias da morte da jornalista e, ao longo do tempo, a tendência de concentração das mesmas nos jornais do oriente médio se confirma, revelando que o impacto e proximidade estavam presentes na sustentação do fato como acontecimento jornalístico, como mostra o gráfico 1.

**Gráfico 1 - Distribuição das notícias publicadas sobre a morte de Shireen Abu Akleh**



Fonte: o autor

O gráfico ilustra a distribuição das notícias publicadas a partir de 11 de maio de 2022 até o dia 11 de junho de 2022, quando o percentual cumulativo de matérias atingiu 50,5% do total, com 237 matérias publicadas nas mídias analisadas (APÊNDICE B). A sustentação da agenda nos remete à importância dela como figura pública e de interesse público sobre o fato. Isso pode ser observado no material jornalístico coletado (APÊNDICE A). Apesar da menor produção de notícias no agendamento do Ocidente, podemos perceber que Shireen Abu Akleh também manteve seu espaço por um longo período nas mídias ocidentais, pois a jornalista possuía representatividade pública com jornalistas palestinos-americanos devido sua dupla cidadania.

É possível perceber que nesse primeiro mês de publicação de material jornalístico o acontecimento como espetáculo político midiático se instaura por dois motivos que geraram dois acontecimentos: a) a violência do assassinato e b) O ataque ao funeral de Shireen Abu Akleh. Verificamos a concentração de 147 matérias publicadas (31,3%) nos primeiros sete dias. No dia um, considerado como o fato em si, onde a notícia se constitui, segundo Alsina (1993), deve contemplar os elementos de noticiabilidade, acima citados. Cabe citar que a disponibilidade de material a respeito da morte dessa jornalista foi facilitada por ter sido

testemunhada por órgãos governamentais e veículos de comunicação orientais que trabalharam para chamar a atenção internacional ao fato.

As mídias que mais noticiaram o fato foram, a Agência Palestina Wafa (8 matérias), seguida o instituto MEMO e o jornal New York Times (5 matérias, respectivamente), o site do canal Al-Jazeera (4 matérias), o site do jornal The Guardian (3 matérias) e o site do jornal O Globo (1 matéria).

O auge da cobertura jornalística ocorreu no segundo dia, quando o Instituto MEMO publicou 18 matérias, remetendo a aspectos do primeiro acontecimento: a morte da jornalista e a apresentação de dados de violência sobre a liberdade de expressão. Aqui, Shireen Abu Akleh, representa uma classe de outras vítimas que reportavam os conflitos armados na região. As críticas se concentraram no campo político, onde as narrativas de acusação à Israel e seus representantes são contundentes<sup>15</sup>, principalmente nos artigos de opinião dos jornalistas que oferecem um conteúdo mais rigorosos, expressivos <sup>16</sup>. Além das matérias destacadas acima, foram analisados outras matérias condizentes ao fato estudado neste trabalho que, apresentam todos os ideais características do acontecimento jornalístico, sua construção e o

---

<sup>15</sup> **Israel is trying to exonerate itself after murdering journalist Shireen Abu Akleh.** Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-israel-is-trying-to-exonerate-itself-after-murdering-journalist-shireen-abu-akleh/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>16</sup> **RIDLEY, Y. Israel must be held to account for Shireen's murder.** Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-israel-must-be-held-to-account-for-shireens-murder/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

fenômeno que elevou o status da morte da jornalista como um acontecimento jornalístico importante<sup>17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27</sup>.

No terceiro dia o canal de TV Al-Jazeera publicou 14 matérias, versando sobre o ataque israelense ao funeral de Shireen Abu Akleh<sup>28</sup>, que este trabalho sustenta como segundo acontecimento jornalístico, tendo em vista a força que carrega em termos político, sociais e culturais, consolidando a morte dessa jornalista como acontecimento jornalístico histórico. Por ser um fato atrelado à morte de uma figura pública e o ato de violência agregado, o ataque ao seu funeral expôs a violência de guerra, dos conflitos e confrontos aos quais Shireen estava exposta e reportou nos 25 anos de carreira. A sensação de paixão, fúria e interesse no fato em si seguiram estabelecidos neste segundo acontecimento. Os materiais coletados nesse dia, remetem à análises de especialistas da ONU que condenaram o assassinato de Abu Akleh<sup>29</sup>,

---

<sup>17</sup> HAWARI, Y. **Today we mourn, tomorrow we'll pick up the pieces of our struggle**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/opinions/2022/5/13/today-we-mourn-tomorrow-well-pick-up-the-pieces-of-our-struggle>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>18</sup> NAJJAR, F. **The Palestinian flag: A target for 'erasure' by Israeli forces**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/13/why-is-israel-afraid-of-the-palestinian-flag>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>19</sup> **B'Tselem: Israel narrative about killing Shireen Abu Akleh "untrue"**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-btselem-israel-narrative-about-killing-shireen-abu-akleh-untrue/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>20</sup> **Israel does not rule out that it's to blame to Abu Akleh's death, report says**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-israel-does-not-rule-out-that-its-to-blame-to-abu-akleh-death-report-says/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>21</sup> **Saudi prince criticises Western reporting on killing of Shireen Abu Akleh**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-saudi-prince-criticises-western-reporting-on-killing-of-shireen-abu-akleh/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>22</sup> **Killing of Palestinian journalist widely condemned in Africa**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-killing-of-palestinian-journalist-widely-condemned-in-africa/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>23</sup> **Shireen Abu Akleh's killing is a "possible war crime", says UN Rapporteur on Palestine**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-shireen-abu-akleh-killing-is-a-possible-war-crime-says-un-rapporteur-on-palestine/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>24</sup> **US Congresswoman slams Israel over killing of Palestinian journalist**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-us-congresswoman-slams-israel-over-killing-of-palestinian-journalist/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>25</sup> ABUSIDU, E. **Latin America condemns assassination of Shireen Abu Akleh**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-latin-america-condemns-assassination-of-shireen-abu-akleh/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>26</sup> **Qatar projects image of slain Palestinian reporter on skyscraper**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-qatar-projects-image-of-slain-palestinian-reporter-on-skyscraper/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>27</sup> **Palestine President blames Israel for Al-Jazeera reporter's killing**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-palestine-president-blames-israel-for-al-jazeera-reporters-killing/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>28</sup> AL JAZEERA. **Photos: Israeli forces attack Shireen Abu Akleh's funeral**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/gallery/2022/5/13/journalist-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

<sup>29</sup> IBRAHIM, A.; STEPANSKY, J. **UN experts condemn Shireen Abu Akleh's killing: Latest updates**. Disponível em:

sobre o sepultamento da jornalista assassinada<sup>30</sup>, sobre a investigação de uma soldado no assassinato de Abu Akleh<sup>31</sup>.

Podemos perceber também que os sujeitos nessas coberturas são o povo palestino, a jornalista assassinada, as organizações internacionais que foram responsabilizadas para investigar o crime cometido à Abu Akleh, os países e indivíduos que reagiram e se posicionaram em relação a esses eventos. Podemos observar esses sujeitos em todas as matérias destacadas nas notas de rodapé, por exemplo. Quando pegamos a matéria sobre o banimento da vigília em solidariedade a Shireen na Alemanha é possível reconhecer os protagonistas desse fato: os manifestantes, os oficiais de segurança do país que impediram a vigília, as figuras políticas envolvidas na solicitação desse banimento, entre outros<sup>32</sup>.

Entende-se, portanto, que tanto o assassinato como o ataque ao cortejo fúnebre de Shireen são pontos de referência nas produções das notícias, pois, diferenciam-se dos outros acontecimentos. Essas características surgem da teoria para que possamos diferenciar o acontecimento de uma notícia. Assim, observando as matérias produzidas sobre as condenações contra os ataques ao funeral sejam eles pela empresa Al-Jazeera<sup>33</sup> ou também como exemplo os cidadão de Gaza repudiando o fato<sup>34</sup> pode-se analisar que o assassinato e o ataque ao funeral possuem pontos de referências muito relevantes para a construção da notícia, ou seja, possuem grande impacto no contexto das questões de opressão palestina dentro do conflito israelo-palestino. Destaca-se no material coletado que a Al-Jazeera publica uma matéria simbolizando ou homenageando a jornalista, apresentando seus ensinamentos de vida e pós-morte, na intenção de manter a sua representatividade a luz daqueles que se inspiram nessa jornalista<sup>35</sup>.

---

<<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/13/mourners-bid-farewell-to-journalist-shireen-abu-akleh-live-news>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>30</sup> AL JAZEERA. **Slain Al Jazeera journalist Shireen Abu Akleh laid to rest**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/13/slain-al-jazeera-journalist-shireen-abu-akleh-laid-to-rest>>. Acesso em: 9 jun. 2023b.

<sup>31</sup> **Israel ‘investigating soldier’ in journalist Abu Akleh’s killing**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/13/israel-investigating-shireen-abu-aklehs-killing-idf-sources>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>32</sup> AL JAZEERA. **Germany bans vigil in memory of journalist killed by Israel**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/13/germany-bans-vigil-in-memory-of-journalist-killed-by-israel>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>33</sup> AL JAZEERA. **Al Jazeera condemns Israeli attack on Shireen Abu Akleh’s funeral**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/13/al-jazeera-condemns-israeli-attack-on-shireen-abu-aklehs-funeral>>. Acesso em: 9 jun. 2023b.

<sup>34</sup> **Gaza takes a stand against Israel’s targeting of journalist**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220512-gaza-takes-a-stand-against-israels-targeting-of-journalist/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>35</sup> HUMAID, M. **Lessons from Shireen Abu Akleh’s life, and death**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/13/lessons-from-shireen-abu-akleh-life-death>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

No dia 16 de maio o Instituto MEMO e a TV Al-Jazeera deram destaque ao fato, publicando 9 e 6 matérias, respectivamente, oferecendo um conteúdo sobre críticas de autoridades à Israel, bem como pedidos de justiça. Da mesma forma, noticiaram o desrespeito na violenta ação de soldados israelenses durante o funeral da jornalista, entre outros assuntos.<sup>36 37 38 39 40 41 42 43 44</sup>

No que se refere à construção social do acontecimento, podemos notar de forma evidente, as condolências de Sinwar à Al-Jazeera<sup>45</sup>, por exemplo, que mostram o posicionamento do líder do Hamas em relação ao assassinato de Shireen, ou seja, Sinwar posiciona seu grupo em relação ao ocorrido, mostrando solidariedade e uma visão específica sobre o assassinato que reflete nos ideais e crenças do Hamas, bem como suas perspectivas ao conflito israelo-palestino.

Além disso, podemos destacar aqui, a crítica feita pela rainha Noor da Jordânia<sup>46</sup> aos ataques do funeral de Abu Akleh, revelando uma perspectiva de um membro da realeza jordaniana. Interessante notar que, por consequência disso, a rainha Noor possui uma posição privilegiada e influente na sociedade, assim, utiliza do seu espaço social para fazer as críticas

---

<sup>36</sup>EL-FETOUH, A. A. **Shireen may be gone, but the truth remains: Israel is a brutal occupation state.** Disponível em:

<<https://www.middleeastmonitor.com/20220516-shireen-may-be-gone-but-the-truth-remains-israel-is-a-brutal-occupation-state/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>37</sup>**Israel sniper who killed Shireen did not see her, report says.** Disponível em:

<<https://www.middleeastmonitor.com/20220516-israel-sniper-who-killed-shireen-did-not-see-her-report-says/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>38</sup>**Jordan announces journalism scholarship in honour of Shireen Abu Akleh.** Disponível em:

<<https://www.middleeastmonitor.com/20220516-jordan-announces-journalism-scholarship-in-honour-of-shireen-abu-akleh/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>39</sup>**French hospital accuses Israel of attacking journalist's funeral.** Disponível em:

<<https://www.middleeastmonitor.com/20220516-french-hospital-accuses-israel-of-attacking-journalists-funeral/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>40</sup>**Israel proved its stupidity by attacking Abu Akleh's funeral, says Sheikh Raed Salah.** Disponível em:

<<https://www.middleeastmonitor.com/20220516-israel-proved-its-stupidity-by-attacking-abu-aklehs-funeral-says-sheikh-raed-salah/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>41</sup>AL JAZEERA. **The life and legacy of Shireen Abu Akleh.** Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/podcasts/2022/5/16/the-life-and-legacy-of-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 9 jun. 2023d.

<sup>42</sup>AL JAZEERA. **Church leaders slam Israeli police attack on Abu Akleh's funeral.** Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/16/church-leaders-slam-israeli-police-attack-on-abu-aklehs-funeral>>. Acesso em: 9 jun. 2023e.

<sup>43</sup>AL JAZEERA. **UK MPs call for independent probe into Abu Akleh killing.** Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/16/uk-mps-call-for-independent-probe-into-abu-akleh-killing>>. Acesso em: 9 jun. 2023f.

<sup>44</sup>**Shireen Abu Akleh's assassination.** Disponível em: <<https://liberties.aljazeera.com/en/16984/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>45</sup>**Sinwar offers condolences to Al Jazeera in its Gaza office.** Disponível em:

<<https://www.middleeastmonitor.com/20220516-sinwar-offers-condolences-to-al-jazeera-in-its-gaza-office/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>46</sup>**Jordan's Queen Noor shares criticism of Israeli attack on Abu Akleh's funeral.** Disponível em:

<<https://www.middleeastmonitor.com/20220516-jordans-queen-noor-shares-criticism-of-israeli-attack-on-abu-aklehs-funeral/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

que refletem na sociedade, no campo político e no debate da agenda pública e essas críticas podem também ser entendidas como representação do posicionamento do governo ou da elite jordaniana e suas reflexões diplomáticas e interesses políticos.

Podemos perceber uma variação do sistema noticioso, quando analisado o mapeamento dos protestos em solidariedade à jornalista Shireen Abu Akleh<sup>47</sup>, nota-se uma mobilização e reação provindas do fato, ou seja, os protestos evidenciam um engajamento ativo da sociedade, expressando sua indignação e demandando justiça. Essa manifestação coletiva é uma variação significativa em relação à rotina social, indicando um impacto emocional e uma resposta coletiva ao acontecimento.

Os artigos de opinião que demandam uma investigação independente<sup>48</sup> e que defendem que Shireen deveria receber o Prêmio Nobel da Paz<sup>49</sup>. Eles também representam uma variação no discurso, pois divergem da narrativa oficial e colocam em xeque a versão apresentada pelas autoridades ou pelos meios de comunicação dominantes. Ao questionar a versão estabelecida e propor uma reflexão crítica, esses artigos introduzem uma perspectiva alternativa, ampliando o debate e desafiando a visão predominante.

É evidente, mais uma vez, que a cobertura jornalística de um acontecimento é influenciada pelas perspectivas, interesses e posicionamentos dos diferentes atores sociais envolvidos. No caso do assassinato e dos ataques ao funeral de Shireen Abu Akleh, um acontecimento de grande magnitude, é notável como esses eventos despertaram um amplo espectro de reações e mobilizações na sociedade.

A complexidade social desse acontecimento abrange uma gama de questões que vão além do fato em si. Os diferentes atores sociais, como líderes políticos, ativistas, jornalistas e até mesmo membros da realeza, contribuíram para a construção social desse acontecimento por meio de suas declarações, posicionamentos e ações. Essas vozes diversas representam interesses e perspectivas variadas, criando um cenário em que a interpretação do acontecimento é multifacetada.

A Tabela do APÊNDICE B, permite fazer uma comparação entre as empresas de comunicação sediadas no oriente e as do ocidente sobre o acontecimento da morte da

---

<sup>47</sup>AL JAZEERA. **Mapping Shireen Abu Akleh solidarity protests**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/16/mapping-shireen-abu-akleh-solidarity-protests>>. Acesso em: 9 jun. 2023c.

<sup>48</sup>BLACK, I. **Shireen Abu Akleh: An independent and international investigation must be held into her killing**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220516-shireen-abu-akleh-an-independent-and-international-investigation-must-be-held-into-her-killing/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

<sup>49</sup>MITROVICA, A. **Shireen Abu Akleh should be awarded the Nobel Peace Prize**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/opinions/2022/5/16/shireen-abu-akleh-should-be-awarded-the-nobel-peace-prize>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

jornalista Shireen Abu Akleh. Foram 469 matérias, sendo 351 (74,8%) em mídias do oriente e 118 matérias (25,2%) em mídias do ocidente. Isso representa 2,9 vezes mais matérias nas mídias orientais, pois a jornalista era uma correspondente veterana de uma das maiores emissoras de televisão do Oriente Médio, a Al-Jazeera. No entanto, o fato de estar presente nos outros jornais demonstra a importância e intensidade de um acontecimento, ademais aspectos como relevância e acessibilidade influenciam a cobertura jornalística.

Já entre as mídias do ocidente, o site do jornal The New York Times (NYT) publicou 57 matérias (12,2%), o The Guardian 38 matérias (8,1%) e o site do jornal brasileiro O Globo, 23 matérias (4,9%). Apesar da amostra não ter a pretensão de representar, efetivamente, a mídia ocidental como conceito, ela permite verificar a participação dos Estados Unidos na cobertura do acontecimento jornalístico, tendo em vista que é a segunda nacionalidade da jornalista, a partir do jornal NYT. Da mesma forma, o monitoramento da Europa, a partir da cobertura jornalística do jornal The Guardian, e no Brasil, a partir do jornal O Globo.

No período que compreende 50,5% da cobertura jornalística (até 11/6/2022), é possível verificar, ainda, que as mídias do oriente publicaram 190 matérias (40,5%), enquanto que do ocidente 47 matérias (10,2%). É possível verificar que após os dias de ápice do acontecimento, a agenda midiática do Oriente reportava as exigências de Macron às provas do assassinato da jornalista<sup>50</sup>, reportagem sobre as conquistas realizadas pela jornalista foram feitas pela rede de televisão al-jazeera<sup>51</sup>, na mesma emissora uma reportagem cronológica com os principais fatos foi publicada<sup>52</sup>, entrevistas com a família da jornalista<sup>53</sup>, as coberturas dos pedidos de urgência nas provas das investigações do assassinato da jornalista<sup>54</sup>, os ataques

---

<sup>50</sup> AL JAZEERA. Macron urges rapid Israeli probe into Shireen Abu Akleh's killing. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/17/macron-urges-rapid-israeli-probe-into-shireen-abu-aklehs-killing>>. Acesso em: 19 jun. 2023a.

<sup>51</sup> Al Jazeera's Shireen Abu Akleh's journalistic achievements. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/18/al-jazeeras-shireen-abu-aklehs-journalistic-achievements>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

<sup>52</sup> AL JAZEERA. Shireen Abu Akleh – what happened? Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/program/start-here/2022/5/18/shireen-abu-akleh-what-happened-start-here>>. Acesso em: 19 jun. 2023b.

<sup>53</sup> Shireen Abu Akleh's family seeks international probe into her murder. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220525-shireen-abu-aklehs-family-seeks-international-probe-into-her-murder/>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

<sup>54</sup> Israel will not investigate killing of Palestinian journalist. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220519-israel-will-not-investigate-killing-of-palestinian-journalist/>>. Acesso em: 19 jun. 2023.



israelenses a outro funeral de jornalista assassinado<sup>55</sup> cobertura realizada pela MEMO, entre outros assuntos.

Nas mídias ocidentais, o The Guardian publicou as condenações do conselho de segurança da ONU<sup>56</sup>, artigos de opinião sobre o assassinato de Shireen Abu Akleh<sup>57</sup>, o caso do assassinato sendo levado a corte criminal internacional<sup>58</sup>, entre outros assuntos. O The New York Times publicou o requerimento palestino acusando Israel do assassinato da jornalista, uma matéria sobre quem matou Shireen Abu Akleh e um artigo de opinião sobre o assassinato de Shireen Abu Akleh e qual jornalista seria o próximo. No O Globo, foi publicado uma matéria sobre a conclusão da investigação do assassinato que acusou Israel.

Foram analisados também os períodos de pico do agendamento dentro de um ano após a morte da jornalista Shireen Abu Akleh (em destaque no APÊNDICE B). No que corresponde o dia 24/06/2022 a Al-Jazeera publicou duas matérias, a primeira foi a confirmação da ONU sobre os tiros que mataram Shireen Abu Akleh<sup>59</sup> e os pedidos de senadores estadunidenses às provas do assassinato de Abu Akleh<sup>60</sup>. No Instituto MEMO foi publicado uma matéria sobre a negação de Israel pelas evidências apresentadas pela ONU<sup>61</sup>, a Agência Palestina Wafa, publicou uma matéria dizendo que 20 senadores estadunidenses exigiram que Biden atuasse diretamente nas investigações do assassinato de Abu Akleh<sup>62</sup>. Nos veículos ocidentais o The Guardian publicou uma matéria citando que a ONU disse que Shireen foi morta por bala israelense certa<sup>63</sup>, o The New York Times não produziu matérias

---

<sup>55</sup> Israel attacks funeral of second slain Palestinian reporter. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220602-israel-attacks-funeral-of-second-slain-palestinian-reporter/>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

<sup>56</sup> FRANCE-PRESSE, A. **Shireen Abu Aqleh: UN security council condemns killing of journalist**. The guardian, 14 maio 2022a.

<sup>57</sup> TSURKOV, E. **Israel knows it will get away with the attack on Shireen Abu Aqleh's funeral**. The guardian, 16 maio 2022.

<sup>58</sup> WINTOUR, P. **Shireen Abu Aqleh: killing of reporter referred to international criminal court**. The guardian, 27 maio 2022.

<sup>59</sup> AL JAZEERA. UN: **Israelis fired shots that killed journalist Shireen Abu Akleh**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/6/24/un-israelis-fired-shots-that-killed-journalist-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>60</sup> AL JAZEERA. **Senators urge direct US involvement in Abu Akleh killing probe**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/6/24/us-senators-urge-direct-us-involvement-in-abu-akleh-killing-probe>>. Acesso em: 15 jun. 2023b.

<sup>61</sup> **Israel army rejects UN probe on Al Jazeera journalist killing**. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220624-israel-army-rejects-un-probe-on-al-jazeera-journalist-killing/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>62</sup> **Over 20 senators tell Biden to get US 'directly involved' in Shireen Abu Akleh investigation**. Disponível em: <<https://english.wafa.ps/Pages/Details/129809>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>63</sup> FRANCE-PRESSE, A. **Shireen Abu Aqleh killed by 'seemingly well-aimed' Israeli bullet, UN says**. The guardian, 24 jun. 2022.

no dia e o O Globo, publicou uma matéria sobre a conclusão da ONU a respeito do assassinato de Abu Akleh<sup>64</sup>. (APÊNDICE A).

No que corresponde o dia 04/07/2022, a Al-Jazeera publicou três matérias relevantes sobre o caso, a primeira delas abordou a suposição da ONU de que o tiro que matou Abu Akleh era israelense<sup>65</sup>, o que revela a importância e a influência de organizações internacionais na investigação desse tipo de crime. A segunda matéria abordou a lavagem cerebral israelense apoiada pelos Estados Unidos, destacando uma possível relação entre as práticas de manipulação de informações e a repercussão do assassinato.<sup>66</sup> Por fim, a terceira matéria trouxe as críticas da família de Abu Akleh às investigações, evidenciando a insatisfação com a condução do caso e a busca por justiça.<sup>67</sup>

O Instituto MEMO, publicou quatro matérias, a primeira matéria mencionou Israel testando a bala que matou a repórter, uma informação negada pelos palestinos<sup>68</sup>. Essa notícia destaca a controvérsia em torno das investigações e a falta de consenso sobre os fatos. A segunda matéria destacou a análise da bala por peritos forenses dos EUA, trazendo a expertise internacional para o caso<sup>69</sup>. A terceira matéria abordou o apoio da Federação Internacional de Jornalistas no processo contra Israel, mostrando a solidariedade da comunidade jornalística internacional.<sup>70</sup> Por fim, a quarta matéria tratou da não conclusão da origem da bala pelo Departamento de Estado dos EUA, revelando a falta de respostas definitivas sobre o

---

<sup>64</sup> ONU conclui que jornalista Shireen Abu Akleh foi morta por tiro das forças israelenses. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/06/onu-conclui-que-jornalista-shireen-abu-akleh-foi-morta-por-tiro-das-forcas-israelenses.ghtml>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>65</sup> AL JAZEERA. US says Israeli shot 'likely responsible' for death of Abu Akleh. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/7/4/us-shireen-abu-akleh-killing-investigation-israel-likely-responsible>>. Acesso em: 15 jun. 2023c.

<sup>66</sup> AL JAZEERA. 'US-backed Israeli whitewash': Abu Akleh probe sparks anger. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/7/4/shireen-abu-akleh-killing-investigation-us-report-israel-reaction>>. Acesso em: 15 jun. 2023d.

<sup>67</sup> 'We will fight for justice': Abu Akleh family slams killing probe. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/7/4/shireen-abu-akleh-family-slams-killing-probe-us-israel>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>68</sup> Israel says it will test bullet that killed reporter, Palestinians disagree. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220704-israel-says-it-will-test-bullet-that-killed-reporter-palestinians-disagree/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>69</sup> US forensic experts examine bullet that killed Al Jazeera journalist in Jerusalem. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220704-us-forensic-experts-examine-bullet-that-killed-al-jazeera-journalist-in-jerusalem/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>70</sup> ICC: International Federation of Journalists to be lawsuit partner against Israel. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220704-icc-international-federation-of-journalists-to-be-lawsuit-partner-against-israel/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ocorrido.<sup>71</sup> A agência Palestina Wafa publicou uma matéria no dia sobre, o Porta-voz presidencial considera Israel totalmente responsável pela morte de Shireen Abu Akleh<sup>72</sup>.

Nas mídias ocidentais o The Guardian publicou uma matéria destacando que um tiroteio israelense provavelmente matou a jornalista, de acordo com investigadores dos EUA.<sup>73</sup> Essa notícia enfatiza a visão dos investigadores e traz uma perspectiva mais objetiva sobre o caso. o The New York Times publicou duas matérias relevantes. A primeira mencionou que a bala estava muito danificada para provar quem matou a jornalista, evidenciando as dificuldades na investigação forense.<sup>74</sup> A segunda matéria trouxe um briefing com as últimas atualizações sobre o caso, fornecendo informações atualizadas aos leitores.<sup>75</sup> Além disso, o jornal O Globo publicou uma matéria destacando que as forças de Israel "provavelmente" mataram a jornalista palestina, com base na análise da bala. Essa notícia ressalta a posição do jornal em relação ao acontecimento.<sup>76</sup>

Na análise dos títulos das matérias publicadas sobre o acontecimento jornalístico em questão, as categorias teóricas estão presentes visto que a noticiabilidade, os critérios de relevância, de impacto, novidade e de proximidade, foram considerados na seleção e na abordagem das matérias nos dias de pico de material publicado, renovando argumentos de sustentação desse acontecimento jornalístico na mídia internacional.

No que corresponde o dia 05/07/2022, a Al-Jazeera publicou uma matéria sobre a crítica da linha dos EUA sobre assassinato de Abu Akleh<sup>77</sup>. O Instituto MEMO publicou quatro matérias sobre, crítica da Autoridade Palestina aos resultados forenses dos EUA<sup>78</sup>, a

---

<sup>71</sup> US State Dept: No conclusion reached on origin of bullet that killed Palestinian-American journalist. Disponível em:

<<https://www.middleeastmonitor.com/20220704-us-state-dept-no-conclusion-reached-on-origin-of-bullet-that-killed-palestinian-american-journalist/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>72</sup> Presidential spokesman holds Israel fully responsible for the killing of Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://english.wafa.ps/Pages/Details/129953>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>73</sup> Shireen Abu Aqleh: Israeli gunfire probably killed journalist, say US investigators. The guardian, 4 jul. 2022.

<sup>74</sup> KINGSLEY, P.; JAKES, L. Bullet too damaged to prove who killed Palestinian American journalist, U.s. says. The New York times, 4 jul. 2022.

<sup>75</sup> NIERENBERG, A. Your Tuesday briefing: A mass shooting near Chicago. The New York times, 4 jul. 2022.

<sup>76</sup> Forças de Israel "provavelmente" mataram jornalista palestina, dizem EUA após análise de bala. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/07/forcas-de-israel-provavelmente-mataram-jornalista-palestina-dizem-eua-apos-analisarem-bala.ghtml>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>77</sup> HARB, A. 'Not about justice': Advocates slam US line on Abu Akleh killing. Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/news/2022/7/5/not-about-justice-advocates-slam-us-line-on-abu-akleh-killing>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>78</sup> PA slams US forensic test results for Abu Akleh's murder. Disponível em:

<<https://www.middleeastmonitor.com/20220705-pa-slams-us-forensic-test-results-for-abu-aklehs-murder/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

rejeição do Hamas às conclusões da investigação dos EUA<sup>79</sup> e dois artigos de opinião sobre a impunidade israelense impulsionada pelo branqueamento estadunidense sobre o assassinato<sup>80</sup> e sobre a ambiguidade dos EUA sobre o assassinato de Abu Akleh<sup>81</sup>. A Agência Palestina Wafa, publicou uma matéria sobre a rejeição palestina em descartar a responsabilidade israelense no assassinato de Abu Akleh<sup>82</sup>. Nos veículos ocidentais, o The Guardian, não publicou matéria no dia, o The New York Times publicou três matérias sobre a indignação palestina após os EUA dizer que jornalista foi morta por acidente<sup>83</sup>, um briefing com acontecimentos semanais<sup>84</sup> e um artigo com tudo o que ocorreu dentro do senado americano<sup>85</sup>. O jornal O Globo não publicou matéria no dia.

Nesse espaço da análise é necessário pontuar a importância de analisar um acontecimento jornalístico e sua capacidade de moldar os acontecimentos políticos, cada veículo de comunicação reflete os interesses e agendas de diferentes atores políticos mas, para que isso ocorra é necessário primordialmente haver um acontecimento proeminente para que instituições, governos, políticos, figuras públicas, entre outros atores, possam moldar e influenciar a narrativa da percepção do público em relação à um fato.

Nota-se a relação entre Israel, Palestina e Estados Unidos onde cada um desses busca narrar e construir uma percepção do fato para a agenda pública, podemos visualizar isso em diferentes matérias como por exemplo, a ambiguidade dos EUA sobre o assassinato, a rejeição do Hamas às conclusões da investigação estadunidense, entre outras evidenciando os interesses políticos tanto das grandes potenciais em supostamente ocultar as acusações como também daqueles considerados minorias que chamam a atenção do público relatando as injustiças, o não reconhecimento do assassinato, entre outros fatores.

---

<sup>79</sup> Hamas rejects findings of US probe into Shireen Abu Akleh's murder. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220705-hamas-rejects-findings-of-us-probe-into-shireen-abu-aklehs-murder/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>80</sup> WADI, R. Israel's impunity is boosted by the US whitewash of Shireen Abu Akleh's killing. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220705-israels-impunity-is-boosted-by-the-us-whitewash-of-shireen-abu-aklehs-killing/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>81</sup> AHMED, N. US ambiguity over Abu Akleh's killing ensures Israel's impunity remains unchallenged. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220705-us-ambiguity-over-abu-aklehs-killing-ensures-israels-impunity-remains-unchallenged/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>82</sup> Palestine rejects US dismissal of Israel as the party responsible for killing journalist Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://english.wafa.ps/Pages/Details/129960>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>83</sup> KINGSLEY, P. Palestinian outrage after U.s. says journalist was killed by accident. The New York times, 5 jul. 2022.

<sup>84</sup> FROST, N. Your Wednesday briefing. The New York times, 6 jul. 2022.

<sup>85</sup> LEONHARDT, D. A bluer picture. The New York times, 5 jul. 2022.

No que corresponde o dia 13/07/2022, a Al-Jazeera publicou 3 matérias sobre, família de Shireen Abu Akleh, quer uma reunião com Joe Biden<sup>86</sup> considerada relevante e impactante, uma vez que envolve o desejo da família de Shireen Abu Akleh de se reunir com o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. A proximidade com a figura do presidente e o tema relacionado à Palestina também podem despertar interesse no público. O fato de a família desejar uma reunião é o acontecimento subjacente. Reunião com a família de Shireen Abu Akleh não está na agenda de Biden<sup>87</sup>, pode ser considerada relevante e impactante, pois informa que a reunião não está planejada na agenda do presidente Biden. A negação do encontro gera um conflito de interesses entre a família e o governo dos EUA, o que pode gerar emoção e interesse por parte do público. e Shireen Abu Akleh: Uma Voz pela Palestina<sup>88</sup>, essa por sua vez é relevante pelo fato de despertar as emoções nos indivíduos na intenção de lembrar quem era a jornalista Shireen Abu Akleh, trazendo as questões de proximidade regional, cultural e étnica.

O Instituto MEMO, publicou duas matérias sobre, EUA pedem responsabilização no caso de Abu Akleh antes da visita de Biden ao Oriente Médio<sup>89</sup>, essa matéria desperta o interesse público porque o tema envolve política externa e as futuras ações do governo dos EUA, trazem impacto e chamam a atenção do público. Gaza pede justiça para Abu Akleh enquanto Biden desembarca em Israel<sup>90</sup>, o apelo por justiça em Gaza é um assunto de grande importância para a região e para a comunidade internacional, considerando o histórico de conflitos e tensões no Oriente Médio. Além disso, a presença do presidente Biden em Israel durante esse apelo adiciona um elemento de proximidade, aumentando o interesse e a importância do acontecimento. a Agência Palestina Wafa não publicou matérias no dia.

Nas mídias ocidentais, o The Guardian não publicou matérias na data, o The New York Times três matérias sobre, Biden evita um pedido para encontrar a família de um jornalista assassinado em sua viagem, arriscando a ira palestina, Biden em Israel em viagem

---

<sup>86</sup> AKLEH, L. A. We, Shireen Abu Akleh's family, want a meeting with Joe Biden. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/opinions/2022/7/13/we-shireen-abu-aklehs-family-want-a-meeting-with-joe-biden>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>87</sup> Meeting with Shireen Abu Akleh's family not on Biden's schedule. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/7/13/meeting-with-abu-aklehs-family-not-on-bidens-schedule>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>88</sup> AL JAZEERA. Shireen Abu akleh: A voice for Palestine. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/program/between-us/2022/7/13/shireen-abu-akleh-a-voice-for-palestine-2>>. Acesso em: 15 jun. 2023e.

<sup>89</sup> US calls for "accountability" in Abu Akleh case ahead of Biden Middle East visit. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220713-us-calls-for-accountability-in-abu-akleh-case-ahead-of-biden-middle-east-visit/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>90</sup> ASAD, M. Gaza calls for justice for Abu Akleh as Biden lands in Israel. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220713-gaza-calls-for-justice-for-abu-akleh-as-biden-lands-in-israel/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ao Oriente Médio<sup>91</sup> está relacionada à construção social, uma vez que envolve a interpretação e representação dos fatos. Dependendo das perspectivas e posições sociais dos indivíduos, a decisão de Biden pode ser vista de maneiras diferentes, gerando debates e discussões em torno da postura dos Estados Unidos em relação aos direitos humanos e às demandas palestinas. Biden tranquiliza israelenses sobre negociações nucleares com o Irã<sup>92</sup> e Joe Biden tem um problema saudita<sup>93</sup>. O jornal O Globo publicou uma matéria sobre, Biden inicia viagem ao Oriente Médio com menções ao Irã e foco no petróleo, a relevância dessa matéria se dá pelo envolvimento de temas políticos e econômicos de grande importância global. As menções ao Irã indicam a preocupação com a política externa e as relações internacionais na região, considerando a importância estratégica do Irã no cenário geopolítico. Além disso, o foco no petróleo destaca a relevância econômica e energética da região do Oriente Médio para o mundo<sup>94</sup>.

No que corresponde o dia 15/07/2022, a Al-Jazeera publicou uma matéria sobre, Biden afirma que os EUA assumirão a responsabilidade pelo assassinato de Abu Akleh, essa notícia traz uma importante atualização sobre o caso, evidenciando a relevância e a repercussão internacional do acontecimento. A declaração de Biden sobre a responsabilidade dos EUA indica um reconhecimento do papel do país nesse incidente e pode ter consequências políticas e diplomáticas significativas. A publicação dessa matéria demonstra a noticiabilidade do acontecimento, uma vez que se trata de uma declaração oficial de um líder mundial, e reflete a atenção contínua dada ao caso do assassinato de Abu Akleh. O Instituto MEMO e a Agência Palestina Wafa não publicaram matérias no dia.

Nas mídias ocidentais, o The Guardian não publicou matérias no dia, o The New York Times produziu quatro matérias abordando diferentes aspectos da visita do presidente Joe Biden ao Oriente Médio. A primeira matéria, intitulada "Enquanto os israelenses elogiam Biden, alguns palestinos protestam contra sua visita", destaca as reações divergentes entre os israelenses, que demonstram apoio a Biden, e alguns palestinos, que protestavam contra sua presença na região. Esse contraste de opiniões revela o conflito e a emoção presentes no contexto político e social do Oriente Médio.

---

<sup>91</sup> KINGSLEY, P.; YAZBEK, H. Biden sidesteps a request to meet the family of a slain journalist on his trip, risking Palestinian anger. The New York times, 13 jul. 2022.

<sup>92</sup> BAKER, P. On Mideast trip, Biden reassures Israelis on Iran nuclear talks. The New York times, 13 jul. 2022.

<sup>93</sup> FAROUK, Y. Opinion. The New York times, 13 jul. 2022.

<sup>94</sup> Biden inicia viagem ao Oriente Médio com menções ao Irã e foco no petróleo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/07/sem-aperto-de-maos-biden-inicia-viagem-ao-orient-medio-com-mencoes-ao-ira-e-foco-no-petroleo.ghtml>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

A segunda matéria, intitulada "O que Biden acertou em sua viagem ao Oriente Médio", analisa os aspectos positivos e os pontos de destaque da visita de Biden à região. Nessa matéria, são destacados os possíveis avanços nas negociações e os temas abordados pelo presidente durante sua estadia, enfatizando sua importância e relevância como acontecimento jornalístico.

A terceira matéria, intitulada "Mensagem de Biden para o Oriente Médio: boas notícias para Israel, pequenos passos para os palestinos", aborda a mensagem transmitida por Biden durante sua visita, enfatizando seu impacto na perspectiva de Israel e dos palestinos. Essa matéria evidencia a questão da proximidade e da representação das diferentes partes envolvidas no conflito, destacando sua relevância para a cobertura jornalística.

A quarta matéria, intitulada "Biden em Israel e na Arábia Saudita: Biden diz que disse ao príncipe saudita que o culpava pelo assassinato de Khashoggi", destaca um momento específico da visita de Biden, no qual ele expressou sua opinião sobre o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi e sua responsabilidade atribuída ao príncipe saudita. Essa declaração do presidente norte-americano tem implicações políticas e diplomáticas importantes e contribuiu para a noticiabilidade do acontecimento.

Por sua vez, o jornal O Globo publicou uma matéria com o título "Na Cisjordânia, Biden diz que 'as bases não estão maduras' para conversas entre israelenses e palestinos". Essa matéria destacou a posição de Biden durante sua visita à Cisjordânia, indicando que, naquele momento, as condições não eram propícias para a retomada das negociações entre israelenses e palestinos. Essa declaração do presidente norte-americano revela a situação política e os desafios enfrentados na região, contribuindo para a compreensão do acontecimento jornalístico.

Essas matérias publicadas pelo The New York Times e pelo jornal O Globo abordam diferentes aspectos da visita de Biden ao Oriente Médio, refletindo a noticiabilidade do acontecimento, a diversidade de pontos de vista e a representação dos fatos de acordo com as posições sociais e políticas dos veículos de comunicação.

No que corresponde o dia 18/08/2022, a Al-Jazeera publicou seis matérias, a primeira matéria consistiu em uma fotografia de um mural comemorativo dos 100 dias após o assassinato de Abu Akleh<sup>95</sup>. Essa imagem pode transmitir simbolicamente a memória da jornalista e servir como uma forma de homenagem e protesto contra sua morte., A segunda

---

<sup>95</sup> AL JAZEERA. Photos: Murals mark 100 days since Shireen Abu Akleh's killing. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/gallery/2022/8/18/photos-murals-mark-100-days-since-shireen-abu-aklehs-killing>>. Acesso em: 15 jun. 2023f.

matéria intitulada "Al Jazeera comemora 100 dias desde o assassinato de Abu Akleh" destaca a própria Al-Jazeera reconhecendo o marco dos 100 dias desde o assassinato de Abu Akleh. Isso demonstra o compromisso da Al-Jazeera em manter viva a memória do acontecimento e seu engajamento em cobrir o caso<sup>96</sup>.

A terceira matéria, intitulada "Assassinato de Abu Akleh: 100 dias depois, a família ainda luta por justiça", enfatiza a persistência da família de Abu Akleh em buscar justiça mesmo após 100 dias do ocorrido. Essa matéria destaca a continuidade do impacto emocional e o engajamento dos familiares em encontrar respostas e responsabilidades pelo assassinato<sup>97</sup>. A quarta matéria, intitulada "Infográfico: Como a jornalista Shireen Abu Akleh foi homenageada", utiliza um infográfico para apresentar as diversas formas de homenagens prestadas à jornalista Shireen Abu Akleh após 100 dias do seu assassinato. Esse recurso visual permite uma compreensão mais acessível e impactante das homenagens recebidas por Abu Akleh<sup>98</sup>. A quinta matéria, intitulada "100 dias após o assassinato de Shireen: Israel se safava novamente", parece abordar a perspectiva crítica da Al-Jazeera sobre a impunidade ou a falta de justiça em relação ao assassinato de Abu Akleh. O título sugere a frustração da Al-Jazeera com a ausência de responsabilização pelas autoridades israelenses<sup>99</sup>.

A sexta matéria, intitulada "Jornalistas palestinos: como é trabalhar sob a ocupação", destaca as dificuldades enfrentadas pelos jornalistas palestinos no exercício de seu trabalho sob a ocupação. Essa matéria pode estabelecer um contexto mais amplo para compreender o assassinato de Abu Akleh e as condições em que os jornalistas palestinos atuam<sup>100</sup>.

Essas matérias publicadas pela Al-Jazeera revelam a importância do caso de Abu Akleh e sua continuidade como um acontecimento jornalístico relevante. Ao abordar diferentes aspectos relacionados ao assassinato e às consequências para a família, as homenagens, as críticas a Israel e as condições dos jornalistas palestinos, a Al-Jazeera busca manter o assunto em evidência e promover a conscientização sobre a violência contra

---

<sup>96</sup> AL JAZEERA. Al Jazeera commemorates 100 days since Abu Akleh's killing. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/8/18/ajmn-marks-100-day-anniversary-of-shireen-abu-aklehs-killing>>. Acesso em: 15 jun. 2023g.

<sup>97</sup> ALSAAFIN, L. Abu Akleh killing: 100 days on, family still fighting for justice. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/8/18/100-days-since-the-killing-of-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>98</sup> Infographic: How journalist Shireen Abu Akleh has been honoured. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/8/18/infographic-how-shireen-abu-akleh-has-been-honoured>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>99</sup> ADWAN, I. 100 days after Shireen's killing: Israel gets away with it again. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/opinions/2022/8/18/100-days-after-shireens-killing-israel-has-gotten-away-again>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>100</sup> AL JAZEERA. Palestinian journalists: What's it like working under occupation? Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/program/the-stream/2022/8/18/palestinian-journalists-whats-it-like-working-under-occupation>>. Acesso em: 15 jun. 2023h.



jornalistas na região. O Instituto MEMO e a Agência Palestina Wafa não publicaram matérias na data. Nos veículos ocidentais, o The Guardian, o The New York Times e o jornal O Globo não publicaram matérias no dia.

No que corresponde ao dia 05/09/2022, as matérias refletem a continuidade do interesse e da cobertura jornalística em torno desse acontecimento. A Al-Jazeera publicou quatro matérias relacionadas ao tema. A primeira matéria, intitulada "Israel diz que 'alta possibilidade' de seu exército ter matado Shireen Abu Akleh"<sup>101</sup>, destaca as declarações das autoridades israelenses sobre a provável responsabilidade do exército israelense no assassinato de Abu Akleh. Essa declaração reforça a importância e o impacto do caso.

A segunda matéria, intitulada "Inquérito israelense sobre assassinato de Shireen Abu Akleh atrai condenação"<sup>102</sup>, aborda a reação negativa gerada pelas conclusões do inquérito realizado por autoridades israelenses. Essa matéria destaca a indignação e a reprovação de diversos setores em relação à forma como a investigação foi conduzida.

A terceira matéria, intitulada "Justiça para Shireen: A investigação americana - Parte 2"<sup>103</sup>, revela o interesse da Al-Jazeera em explorar as investigações conduzidas por outros países, neste caso, os Estados Unidos. Essa matéria sugere que a busca por justiça não se limita apenas às investigações israelenses, mas também envolve esforços internacionais.

A quarta matéria, intitulada "Al Jazeera denuncia as descobertas da investigação israelense no assassinato de Abu Akleh"<sup>104</sup>, destaca o posicionamento crítico da Al-Jazeera em relação às conclusões do inquérito israelense. Essa denúncia evidencia a importância do caso e o papel da Al-Jazeera como um veículo comprometido em expor informações e promover discussões sobre o acontecimento.

O Instituto MEMO publicou uma matéria intitulada "Israel: 'altamente provável' Abu Akleh foi morto por nosso soldado"<sup>105</sup>. Essa matéria revela a perspectiva do Instituto MEMO sobre o caso, apontando a alta probabilidade de envolvimento de um soldado israelense no

---

<sup>101</sup> Israel says 'high possibility' its army killed Shireen Abu Akleh. Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/news/2022/9/5/israel-probe-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>102</sup> AL JAZEERA. Israeli inquiry into Shireen Abu Akleh killing draws condemnation. Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/news/2022/9/5/israeli-probe-on-slain-journalist-shireen-abu-akleh-sparks-anger>>. Acesso em: 15 jun. 2023i.

<sup>103</sup> AL JAZEERA. Justice for Shireen: The American investigation – part 2. Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/podcasts/2022/9/5/justice-for-shireen-the-american-investigation-part-2>>. Acesso em: 15 jun. 2023j.

<sup>104</sup> AL JAZEERA. Al Jazeera denounces Israeli probe findings in Abu Akleh killing. Disponível em:

<<https://www.aljazeera.com/news/2022/9/5/al-jazeera-condemns-findings-of-israels-report-on-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023k.

<sup>105</sup> Israel: "Highly probable" Abu Akleh was killed by our soldier. Disponível em:

<<https://www.middleeastmonitor.com/20220905-israel-highly-probably-abu-akleh-was-killed-by-our-soldier/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

assassinato de Abu Akleh. Isso demonstra o interesse do Instituto MEMO em acompanhar e informar sobre as investigações em curso. A Agência Palestina Wafa não publicou matérias no dia.

Em relação aos veículos de mídia ocidentais, o The Guardian publicou uma matéria sobre as declarações de Israel, sugerindo que o soldado provavelmente matou Shireen Abu Akleh por acidente<sup>106</sup>. Essa matéria destaca uma possível explicação oficial para o ocorrido e o debate em torno dessa versão dos fatos.

O The New York Times também publicou duas matérias relacionadas ao caso, abordando a declaração de Israel de que a jornalista provavelmente foi baleada por um soldado israelense<sup>107</sup> e um briefing com incluía informações adicionais ao caso<sup>108</sup>. Essas matérias contribuem para a cobertura internacional do acontecimento e para a divulgação das diferentes perspectivas e informações disponíveis.

O jornal O Globo publicou uma matéria intitulada "Israel admite pela primeira vez que jornalista palestina foi morta por soldado israelense". Essa matéria destaca o reconhecimento oficial de Israel sobre a responsabilidade de um soldado israelense no assassinato de Abu Akleh. Esse reconhecimento marca um ponto importante no desenrolar do caso<sup>109</sup>.

Esses títulos mostram a noticiabilidade do acontecimento, destacando sua relevância e impacto. Os 100 dias após o assassinato de Abu Akleh são marcados por homenagens, reflexões e a luta contínua da família por justiça. As matérias destacam a importância simbólica desse período e a persistência do caso na mídia. Além disso, a abordagem sobre o trabalho dos jornalistas palestinos sob a ocupação oferece uma perspectiva importante sobre as dificuldades enfrentadas por eles no exercício de sua profissão.

Os títulos das matérias refletem a continuidade da cobertura do caso e as recentes informações e desenvolvimentos. As investigações israelenses sobre o assassinato de Abu Akleh atraem condenações e questionamentos, enquanto a Al Jazeera denuncia as descobertas dessa investigação. Israel admite, pela primeira vez, que um soldado israelense matou uma jornalista palestina, gerando impacto e repercussão. A menção a Liz Truss, escolhida para

---

<sup>106</sup> ASSOCIATED PRESS. Israel says soldier probably killed Shireen Abu Aqleh by accident. The guardian, 5 set. 2022.

<sup>107</sup> YAZBEK, H.; KINGSLEY, P. In shift, Israel says journalist was most likely shot by Israeli soldier. The New York times, 5 set. 2022.

<sup>108</sup> NIERENBERG, A. Your Tuesday briefing: Liz truss selected to lead Britain. The New York times, 5 set. 2022b.

<sup>109</sup> Israel admite pela primeira vez que jornalista palestina foi morta por soldado israelense. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/09/israel-admite-pela-primeira-vez-que-jornalista-palestina-foi-morta-por-soldado-israelense.ghtml>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

liderar a Grã-Bretanha, mostra a interseção entre o acontecimento do assassinato e outros eventos políticos relevantes.

Essas matérias demonstram a noticiabilidade do caso, a variação do sistema na forma como diferentes veículos de comunicação abordam o acontecimento, bem como a subjetivação presente nas interpretações e representações dos fatos. Além disso, a dimensão temporal é evidente, pois os títulos mencionam o período de 100 dias e o desenvolvimento das investigações ao longo do tempo. A construção social também é relevante, já que o assassinato de Abu Akleh está inserido em estruturas sociais e simbólicas, envolvendo interpretações e posicionamentos diversos.

No que corresponde o dia 06/09/2022, a Al-Jazeera publicou três matérias, a primeira intitulada como “As narrativas mutáveis de Israel sobre o assassinato de Shireen Abu Akleh<sup>110</sup>”, a matéria aborda o acontecimento em torno da jornalista assassinada, a mudança das narrativas acrescenta elementos de novidade e conflito nesse fato, explorando as diferentes versões apresentadas por Israel sobre o assassinato de Shireen Abu Akleh, isso pode gerar questionamentos sobre a credibilidade e a transparência das autoridades israelenses, levantando preocupações sobre a verdade dos fatos.

A segunda matéria intitulada “Shireen Abu Akleh: como a equipe de Biden redefiniu a 'responsabilidade'<sup>111</sup>”, aumenta o interesse do público já que analisa como a equipe do Biden está lidando com a questão da responsabilidade pelo assassinato de Shireen Abu Akleh, podendo indicar uma mudança na abordagem dos Estados Unidos em relação a casos de violência contra jornalistas, levando a possíveis implicações políticas e diplomáticas.

O terceiro é um artigo de opinião, intitulado como “pode haver responsabilidade pelo assassinato de Shireen Abu Akleh<sup>112</sup>”, podemos inferir que a matéria provavelmente discute a possibilidade de responsabilização por parte de algum indivíduo ou grupo em relação ao assassinato de Shireen Abu Akleh. O tema do assassinato de Shireen Abu Akleh é relevante e tem impacto, pois envolve a perda de uma vida e possíveis questões de justiça e responsabilidade. A possibilidade de responsabilização acrescenta uma camada de conflito e interesse. O assassinato de Shireen Abu Akleh é o evento que deu origem a essa matéria e é o

---

<sup>110</sup> AL JAZEERA. Israel's shifting narratives on the killing of Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/9/6/israels-shifting-narratives-on-the-killing-of-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023l.

<sup>111</sup> HARB, A. Shireen Abu Akleh: How Biden team redefined 'accountability'. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/9/6/shireen-abu-akleh-how-biden-team-redefined-accountability>>. Acesso em: 15 jun. 2023b.

<sup>112</sup> INSIDE STORY. Can there be accountability for Shireen Abu Akleh's killing? Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/program/inside-story/2022/9/6/can-there-be-accountability-for-shireen-abu-aklehs-killing>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ponto central do acontecimento jornalístico. O sujeito desse acontecimento pode ser tanto a vítima, Shireen Abu Akleh, quanto os possíveis responsáveis pelo assassinato. A identificação dos sujeitos envolvidos é fundamental para construir a narrativa jornalística. Nesse caso, o ponto de referência pode ser a investigação em andamento, as evidências disponíveis ou as normas de responsabilidade legal. A matéria provavelmente explora esses pontos de referência para avaliar a possibilidade de responsabilidade. Há subjetivação, já que, o sujeito que conhece as normas do sistema, nesse caso, pode ser o autor da matéria, que analisa os fatos e argumenta sobre a possibilidade de responsabilização. A opinião do autor pode influenciar a perspectiva apresentada.

O Instituto MEMO publicou duas matérias, a primeira intitulada de como, “família de Abu Akleh rejeita relatório do exército israelense sobre assassinato de jornalista<sup>113</sup>”, podemos entender que a matéria aborda a posição da família de Abu Akleh em relação ao relatório apresentado pelo exército israelense sobre o assassinato do jornalista. A noticiabilidade aqui é a rejeição da família de Abu Akleh ao relatório do exército israelense sobre o assassinato do jornalista é um acontecimento relevante e emocional. Envolve uma disputa entre a família e as autoridades israelenses, o que pode despertar o interesse do público. O acontecimento é o assassinato do jornalista Abu Akleh e a subsequente divulgação do relatório pelo exército israelense. A rejeição da família ao relatório é um elemento importante nesse acontecimento. O sujeito principal desta matéria é a família de Abu Akleh, que expressa sua discordância em relação ao relatório do exército israelense. Os membros da família desempenham um papel fundamental na construção da narrativa jornalística. O tempo decorrido desde o assassinato e a divulgação do relatório é um fator relevante. Caso considere que a família de Abu Akleh rejeita o relatório após um período considerável, pode haver questionamentos sobre a demora ou a adequação da investigação.

A segunda matéria intitulada de, “Israel e os EUA são cúmplices de ambiguidade e impunidade<sup>114</sup>”, podemos inferir que o artigo de opinião discute a relação entre Israel e os Estados Unidos, abordando a acusação de que ambos os países são coniventes com a ambiguidade e impunidade em algum contexto específico. O tema da conivência entre Israel e os EUA em relação à ambiguidade e impunidade é relevante e pode ter um impacto

---

<sup>113</sup> Abu Akleh family rejects Israeli army report on journalist’s killing. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220906-abu-akleh-family-rejects-israeli-army-report-on-journalists-killing/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>114</sup> AHMED, N. US ambiguity over Abu Akleh’s killing ensures Israel’s impunity remains unchallenged. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20220705-us-ambiguity-over-abu-aklehs-killing-ensures-israels-impunity-remains-unchallenged/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

significativo, especialmente considerando as relações políticas e diplomáticas entre os dois países. O artigo pode explorar essa temática de forma a atrair a atenção dos leitores e gerar debate. O acontecimento subjacente ao artigo é a alegada conivência entre Israel e os Estados Unidos em relação à ambiguidade e impunidade. É importante que o artigo forneça contexto e exemplos concretos para sustentar essa afirmação. O artigo pode analisar a relação entre Israel e os Estados Unidos dentro do contexto mais amplo das estruturas sociais, políticas e simbólicas envolvidas. Pode explorar como essa relação é percebida por diferentes atores sociais e como ela influencia as dinâmicas geopolíticas. a Agência Palestina Wafa publicou uma matéria sobre, B'Tselem sobre o relatório israelense sobre o assassinato de Shireen Abu Akleh: não é uma investigação, é uma lavagem branca<sup>115</sup>. Nas mídias ocidentais The Guardian, The New York Times e O Globo, não foram publicadas matérias no respectivo dia.

No que corresponde o dia 06/12/2022, a Al-Jazeera publicou três matérias, A primeira matéria é intitulada de, “o que há no dossiê da Al Jazeera para o TPI sobre o assassinato de Abu Akleh?<sup>116</sup>”, a noticiabilidade dessa matéria é alta devido à relevância e ao impacto do evento. O assassinato de Abu Akleh, que resultou na abertura de um dossiê pela Al Jazeera para o Tribunal Penal Internacional (TPI), é um acontecimento que desperta interesse e curiosidade, especialmente no contexto da justiça internacional e dos crimes de guerra. Nesse caso, o sujeito do acontecimento é Abu Akleh, a vítima do assassinato, cuja morte desencadeou uma série de eventos e investigações. O fato de a Al- Jazeera ter compilado um dossiê sobre o caso mostra como os elementos externos podem contribuir para a construção do acontecimento jornalístico. O ponto de referência é estabelecido pela relação entre o dossiê da Al Jazeera e o TPI. A Al Jazeera decidiu apresentar o dossiê ao TPI, considerando-o uma evidência relevante e importante para a investigação do assassinato de Abu Akleh. Essa ação transforma o acontecimento em uma notícia, uma vez que é compartilhada com o público por meio da reportagem.

Podemos identificar a variação do sistema nessa matéria através da evolução do caso, desde o assassinato de Abu Akleh até a compilação do dossiê pela Al Jazeera. Essa variação é perceptível e representa uma ruptura em relação à norma, despertando o interesse da mídia e do público em geral. A subjetivação é evidente no envolvimento da Al Jazeera na produção do dossiê. Como sujeitos que conhecem as normas do sistema jornalístico, eles determinam a

---

<sup>115</sup> B'Tselem on the Israeli report on the killing of Shireen Abu Akleh: It's not an investigation, it's whitewash. Disponível em: <<https://english.wafa.ps/Pages/Details/130750>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>116</sup> EKIN, A. What is in Al Jazeera dossier for the ICC on Abu Akleh's killing? Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/12/6/what-is-in-al-jazeera-dossier-for-the-icc-on-abu-aklehs-killing>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

importância do dossiê como um acontecimento e decidem compartilhá-lo com o TPI. O grau de relação entre a variação (compilação do dossiê) e o sujeito (Al Jazeera) contribui para a definição do acontecimento.

A segunda matéria intitulada de “Al Jazeera leva o assassinato de Shireen Abu Akleh ao TPI<sup>117</sup>”, enfatiza a ação da Al Jazeera ao levar o caso do assassinato de Shireen Abu Akleh ao Tribunal Penal Internacional (TPI). Esse acontecimento tem uma alta noticiabilidade devido à relevância e ao impacto do evento, pois envolve a busca por justiça em relação a um crime grave. O sujeito central do acontecimento é a própria Al Jazeera, que toma a iniciativa de levar o caso ao TPI. Ao reconhecer a importância do assassinato de Shireen Abu Akleh, a emissora de notícias desempenha um papel fundamental na construção do acontecimento jornalístico.

O ponto de referência é estabelecido pela ação da Al Jazeera ao encaminhar o caso ao TPI. Esse gesto transforma o acontecimento em uma notícia, uma vez que é compartilhado publicamente por meio da reportagem. A ação de levar o caso ao tribunal diferencia-o de um simples acontecimento e o coloca em destaque no cenário jurídico internacional. A variação do sistema é claramente perceptível nesse caso, pois houve uma mudança significativa na trajetória do acontecimento. O assassinato de Shireen Abu Akleh e sua subsequente apresentação ao TPI representam uma ruptura em relação à norma, chamando a atenção da mídia e do público para o caso.

A subjetivação é evidente na escolha da Al Jazeera de levar o caso ao TPI. Como sujeitos que conhecem as normas do sistema jornalístico e têm acesso às informações sobre o assassinato, eles desempenham um papel ativo na definição do acontecimento. Sua decisão de buscar justiça para o crime contribui para a definição do acontecimento jornalístico. O tempo é um elemento importante nessa matéria, pois o acontecimento se desenvolve ao longo do tempo. Desde o assassinato de Shireen Abu Akleh até a ação da Al Jazeera de levar o caso ao TPI, há um período de tempo que desencadeia e impulsiona o acontecimento. No entanto, é preciso considerar que, se a duração do acontecimento se estender muito, ele pode perder o caráter de acontecimento e se tornar algo normal.

A terceira matéria é intitulada como, “EUA se opõem à pressão da Al Jazeera para levar o caso Abu Akleh ao TPI<sup>118</sup>”, destaca a oposição dos Estados Unidos à pressão exercida

---

<sup>117</sup> EKIN, A. Al Jazeera takes the killing of Shireen Abu Akleh to the ICC. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/12/6/al-jazeera-takes-the-killing-of-shireen-abu-akleh-to-the-icc>>. Acesso em: 15 jun. 2023b.

<sup>118</sup> US opposes Al Jazeera’s push to take the Abu Akleh case to ICC. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/12/6/us-opposes-al-jazeeras-push-to-take-the-abu-akleh-case-to-icc>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

pela Al Jazeera para levar o caso Abu Akleh ao Tribunal Penal Internacional (TPI). Esse acontecimento possui uma noticiabilidade significativa, uma vez que envolve uma disputa entre diferentes atores políticos e jurídicos em relação à investigação de um crime. Nesse caso, os sujeitos do acontecimento são os Estados Unidos e a Al Jazeera. Enquanto a Al Jazeera busca levar o caso ao TPI, os Estados Unidos se opõem a essa iniciativa. Essa divergência de posições cria um conflito que torna o acontecimento jornalisticamente relevante. O ponto de referência é estabelecido pela ação da Al Jazeera em pressionar pela investigação do caso Abu Akleh no TPI. Essa ação é percebida como uma notícia, uma vez que é compartilhada com o público por meio da reportagem. A oposição dos Estados Unidos a essa pressão cria uma tensão adicional e destaca a importância do acontecimento.

Podemos identificar a variação do sistema nessa matéria através do embate entre a Al Jazeera e os Estados Unidos. A pressão exercida pela emissora de notícias para levar o caso ao TPI representa uma ruptura em relação à norma, uma vez que busca envolver uma instância internacional para investigar o crime. A reação dos Estados Unidos contrapõe essa variação, gerando um conflito que amplifica o interesse em torno do acontecimento.

A construção social do acontecimento é um aspecto fundamental nesta matéria. A oposição dos Estados Unidos à pressão da Al Jazeera reflete a existência de estruturas sociais e simbólicas que moldam as interpretações e representações dos fatos. Dependendo das posições sociais dos indivíduos envolvidos, o acontecimento pode ser percebido e narrado de maneiras distintas.

O Instituto MEMO publicou uma matéria sobre, “Israel encaminhado ao ICC pela Al Jazeera por matar Shireen Abu Akleh<sup>119</sup>”, onde foi relatado que a Al Jazeera levou o caso do assassinato de Shireen Abu Akleh ao Tribunal Penal Internacional (ICC), acusando Israel como responsável pelo crime. O título indica um acontecimento de grande relevância e noticiabilidade, envolvendo um conflito político e jurídico. O sujeito central é a Al Jazeera, que desempenha um papel importante ao encaminhar o caso ao ICC. O ponto de referência é estabelecido pelo envolvimento de Israel e a acusação de responsabilidade pelo assassinato. A variação do sistema é claramente perceptível, já que a Al Jazeera denuncia Israel ao ICC, representando uma ruptura com a norma e gerando interesse público. A subjetivação se manifesta na posição da Al Jazeera, que conhece as normas do sistema jornalístico e considera a ação de levar o caso ao ICC como relevante e necessária. O tempo desempenha um papel

---

<sup>119</sup> Israel referred to ICC by Al Jazeera for killing Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20221206-israel-referred-to-icc-by-al-jazeera-for-killing-shireen-abu-akleh/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

fundamental, pois o assassinato de Shireen Abu Akleh é apresentado como um evento passado, mas a denúncia ao ICC ocorre no presente. A construção social é evidente, uma vez que o Instituto MEMO assume uma perspectiva específica ao relatar o acontecimento, destacando Israel como responsável pelo assassinato.

A Agência Palestina Wafa publicou uma matéria intitulada como, “Al Jazeera denuncia as forças de ocupação israelenses ao TPI pelo assassinato do jornalista Shireen Abu Akleh<sup>120</sup>”. Nesta matéria publicada pela Agência Palestina Wafa, é abordada a denúncia da Al Jazeera contra as forças de ocupação israelenses ao Tribunal Penal Internacional (TPI) pelo assassinato do jornalista Shireen Abu Akleh. O título indica um acontecimento de grande importância e noticiabilidade, envolvendo um conflito entre a Al Jazeera e as forças de ocupação israelenses. O sujeito central é a Al Jazeera, que desempenha um papel ativo ao denunciar as forças de ocupação ao TPI. O ponto de referência é estabelecido pela denúncia específica relacionada ao assassinato de Shireen Abu Akleh. A variação do sistema é evidente, uma vez que a denúncia representa uma ruptura com a norma e busca responsabilizar as forças de ocupação pelo crime. A subjetivação é perceptível na ação da Al Jazeera, que reconhece a importância do caso e busca justiça para o jornalista assassinado. O tempo é relevante, pois o assassinato de Shireen Abu Akleh é apresentado como um evento passado, mas a denúncia ao TPI ocorre no presente. A construção social é evidente, já que a Agência Palestina Wafa assume uma perspectiva específica ao destacar a denúncia da Al Jazeera e enfatizar as forças de ocupação israelenses como alvo.

Nesta matéria publicada pela Agência Palestina Wafa, é abordada a denúncia da Al Jazeera contra as forças de ocupação israelenses ao Tribunal Penal Internacional (TPI) pelo assassinato do jornalista Shireen Abu Akleh. O título indica um acontecimento de grande importância e noticiabilidade, envolvendo um conflito entre a Al Jazeera e as forças de ocupação israelenses. O sujeito central é a Al Jazeera, que desempenha um papel ativo ao denunciar as forças de ocupação ao TPI. O ponto de referência é estabelecido pela denúncia específica relacionada ao assassinato de Shireen Abu Akleh. A variação do sistema é evidente, uma vez que a denúncia representa uma ruptura com a norma e busca responsabilizar as forças de ocupação pelo crime. A subjetivação é perceptível na ação da Al Jazeera, que reconhece a importância do caso e busca justiça para o jornalista assassinado. O tempo é relevante, pois o assassinato de Shireen Abu Akleh é apresentado como um evento passado, mas a denúncia ao TPI ocorre no presente. A construção social é evidente, já que a

---

<sup>120</sup> Al Jazeera refers Israeli occupation forces to the ICC over the killing of journalist Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://english.wafa.ps/Pages/Details/132233>>. Acesso em: 15 jun. 2023.



Agência Palestina Wafa assume uma perspectiva específica ao destacar a denúncia da Al Jazeera e enfatizar as forças de ocupação israelenses como alvo.

Nas mídias ocidentais o The Guardian publicou uma matéria intitulada como, “Shireen Abu Akleh: Al Jazeera apresenta novas evidências ao ICC<sup>121</sup>”. Nesta matéria publicada pelo The Guardian, é relatado que a Al Jazeera apresentou novas evidências ao Tribunal Penal Internacional (ICC) relacionadas ao caso de Shireen Abu Akleh. O título destaca a apresentação de evidências como um acontecimento relevante, indicando uma possível evolução no caso. O sujeito central é a Al Jazeera, que desempenha o papel de apresentar as novas evidências. O ponto de referência é estabelecido pelas evidências em si, que são consideradas importantes o suficiente para serem mencionadas no título da matéria. A variação do sistema é perceptível, uma vez que a apresentação de novas evidências representa uma mudança significativa no desenvolvimento do caso. A subjetivação é evidente na ação da Al Jazeera, que reconhece a importância das evidências e busca fortalecer o caso. O tempo é relevante, pois as novas evidências são apresentadas no presente, indicando uma atualização no andamento do acontecimento. A construção social é influente, uma vez que o The Guardian assume uma perspectiva jornalística ao relatar o acontecimento para o ocidente gerando novidades no que corresponde aos processos de investigação.

O The New York Times não publicou matérias no respectivo dia e o jornal O Globo publicou uma matéria intitulada como, “Al-Jazeera denuncia morte de jornalista palestina ao Tribunal Penal Internacional<sup>122</sup>”, Nesta matéria publicada pelo jornal O Globo, é destacada a denúncia da Al Jazeera ao Tribunal Penal Internacional (TPI) em relação à morte da jornalista palestina Shireen Abu Akleh. O título enfatiza a denúncia como um acontecimento relevante, relacionado ao caso específico da morte da jornalista. O sujeito central é a Al Jazeera, que desempenha o papel de denunciar a morte ao TPI. O ponto de referência é estabelecido pela denúncia em si, que é considerada importante o suficiente para ser mencionada no título. A variação do sistema é evidente, uma vez que a denúncia representa uma ruptura com a norma e busca responsabilizar os responsáveis pela morte. A subjetivação é perceptível na ação da Al Jazeera, que reconhece a importância do caso e busca justiça para a jornalista falecida. O tempo é relevante, pois a morte de Shireen Abu Akleh é apresentada como um evento passado, mas a denúncia ao TPI ocorre no presente. A construção social é influente, uma vez que o jornal O Globo assume uma perspectiva jornalística ao relatar o acontecimento.

---

<sup>121</sup> MCKERNAN, B. Shireen Abu Akleh: Al Jazeera submits new evidence to ICC. The guardian, 6 dez. 2022.

<sup>122</sup> Al-Jazeera denuncia morte de jornalista palestina ao Tribunal Penal Internacional. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/12/al-jazeera-denuncia-morte-de-jornalista-palestina-ao-tribunal-penal-internacional.ghhtml>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

No que corresponde o dia 11/05/2023, a Al-Jazeera publicou dez matérias sobre, “Al-Jazeera renova promessa de buscar justiça para Shireen Abu Akleh<sup>123</sup>”, Esta matéria da Al Jazeera destaca a renovação do compromisso da emissora em buscar justiça para Shireen Abu Akleh. O título transmite a determinação contínua da Al Jazeera em acompanhar o caso e responsabilizar os responsáveis pelo assassinato da jornalista. A relevância está presente devido à importância do caso, ao longo período das investigações que poderiam ter sido encerradas porém pelos interesses políticos e ideológicos da diplomacia estadunidense e israelense, continua em aberto, o papel da Al Jazeera em cobri-lo mostra que a empresa reafirma o valor de Shireen Abu Akleh e reconhece a mesma como uma figura de importância que após um ano de sua morte seguiu injustiçada. O sujeito central é a Al Jazeera, que reafirma seu compromisso com a justiça. O ponto de referência é estabelecido pela renovação da promessa, mostrando que a Al Jazeera está ativa na busca por respostas. A variação do sistema é perceptível, pois a renovação da promessa representa uma mudança ou atualização na abordagem do caso. A subjetivação é evidente na ação da Al Jazeera, que conhece as normas do sistema jornalístico e se engaja na busca por justiça. O tempo é relevante, pois a renovação da promessa ocorre no presente, indicando que o caso ainda continua em aberto. A construção social é influente, uma vez que a Al Jazeera assume uma posição de expor que as investigações provavelmente foram esquecidas, assim, renovando o interesse público no fato, relembrando a sociedade que a justiça ainda não foi feita.

A segunda matéria publicada é intitulada como, “Pedra fundamental lançada para o museu de imprensa Shireen Abu Akleh na Palestina<sup>124</sup>”, O título destaca o marco simbólico desse evento, que visa honrar a memória e o legado da jornalista. A relevância está relacionada à importância da liberdade de imprensa e à memória de Shireen Abu Akleh. O sujeito central é o museu de imprensa e o ato de lançar a pedra fundamental. O ponto de referência aqui se concentra na homenagem à memória da jornalista Shireen Abu Akleh. A construção social se destaca aqui, pelo fato de que destaca a significância contínua do acontecimento e do trabalho da imprensa de lembrá-lo, também faz parte desse critério a questão de simbolização da pedra fundamental em homenagem à jornalista Shireen Abu Akleh, revelando sua importância para o jornalismo mantendo seu legado vivo.

---

<sup>123</sup> Al Jazeera renews pledge to seek justice for Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/5/11/al-jazeera-renews-pledge-to-seek-justice-for-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>124</sup> AL TAHHAN, Z. Cornerstone laid for Shireen Abu Akleh press museum in Palestine. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/5/11/cornerstone-laid-for-shireen-abu-akleh-press-museum-in-palestine>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

“O assassinato esquecido de Shireen Abu Akleh<sup>125</sup>”, nesta matéria, a Al-Jazeera aborda o tema do assassinato de Shireen Abu Akleh e destaca a percepção de que seu caso está sendo esquecido ou negligenciado. O título chama a atenção para a falta de atenção contínua ao caso e a importância de manter viva a memória da jornalista. A relevância está relacionada à necessidade de manter a conscientização sobre o assassinato para o público global e que se exija justiça. O sujeito central é o assassinato de Shireen Abu Akleh e sua condição de ser "esquecido". O ponto de referência é estabelecido pela falta de atenção contínua ao caso, destacando que o acontecimento ainda é significativo e não deve ser esquecido. No contexto social, destaca-se a questão da simbolização dessa jornalista para o público da rede Al-Jazeera, trazendo uma interpretação da marginalização do fato, da precária situação e desinteresse diplomático nas investigações que provavelmente não acusaram o real atuante do crime por fins políticos ou ideológicos, porém, sabendo que o fato não é bruto, podemos perceber que por conta dessas injustiças ele ainda é lembrado no espectro do público para retornar um ano depois a agenda da mídia.

“Um ano depois, família, amigos e fãs homenageiam Shireen Abu Akleh<sup>126</sup>”, nesta matéria, a Al Jazeera relata como a família, amigos e fãs se unem para homenagear Shireen Abu Akleh, um ano após sua morte. O título destaca a importância desse ato de lembrança e honra à jornalista. A relevância está relacionada ao impacto duradouro que Shireen teve em sua vida e nas pessoas ao seu redor. O sujeito central são a família, amigos e fãs de Shireen Abu Akleh, que se unem em uma homenagem significativa. O ponto de referência é estabelecido pelo período de um ano após sua morte, que marca um marco significativo no processo de luto e memória. A variação do sistema é perceptível, pois a homenagem representa uma ruptura com a ausência física de Shireen e demonstra o impacto contínuo de sua vida. A subjetivação é evidente nas ações da família, amigos e fãs, que conhecem a importância de Shireen e buscam honrar sua memória. O tempo é relevante, pois a homenagem ocorre após um ano de sua morte, mostrando que a lembrança de Shireen permanece viva. A construção social é influente, pois ressalta o papel das relações pessoais e do afeto na preservação da memória de Shireen Abu Akleh.

---

<sup>125</sup> MITROVICA, A. Shireen Abu Akleh's forgotten murder. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/opinions/2023/5/11/shireen-abu-aklehs-forgotten-murder>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>126</sup> AL JAZEERA. One year on, family, friends, and fans honour Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/5/11/one-year-on-family-friends-and-fans-honour-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Na matéria, “Jornalistas dos EUA renovam pedidos de justiça para Shireen Abu Akleh<sup>127</sup>”, a Al Jazeera destacou a ação dos jornalistas dos EUA, que renovam os pedidos de justiça para Shireen Abu Akleh. O título enfatiza o envolvimento dos jornalistas e a importância de manter a busca por responsabilização no caso. A relevância está relacionada à solidariedade e engajamento dos profissionais da imprensa na busca por justiça. O sujeito central são os jornalistas dos EUA, que se unem para reafirmar a importância do caso de Shireen Abu Akleh. O ponto de referência é estabelecido pela renovação dos pedidos de justiça, mostrando que o caso ainda é considerado relevante e deve ser tratado de forma adequada. A variação do sistema é perceptível, pois a renovação dos pedidos de justiça representa uma atualização e reafirmação do compromisso com o caso. A subjetivação é evidente nas ações dos jornalistas, que conhecem as normas do sistema jornalístico e se engajam na busca por justiça. O tempo é relevante, pois os pedidos de justiça são renovados no presente, indicando que o caso está em andamento. A construção social é influente, pois destaca a solidariedade e a importância da imprensa na busca pela verdade.

Na matéria “Um ano depois, sem justiça no TPI para Shireen Abu Akleh<sup>128</sup>”, a Al Jazeera destaca a ausência de justiça no Tribunal Penal Internacional (TPI) para o caso de Shireen Abu Akleh, um ano após sua morte. O título evidencia a falta de progresso no processo legal e a frustração resultante. A relevância está relacionada à busca por responsabilização e à importância de um sistema judicial eficaz. O sujeito central é o TPI e a ausência de justiça no caso de Shireen Abu Akleh. O ponto de referência é estabelecido pelo período de um ano após sua morte, que destaca a falta de avanço significativo no processo legal. A variação do sistema é perceptível, pois a ausência de justiça representa uma ruptura com as expectativas e demandas por responsabilização. A subjetivação é evidente na frustração dos envolvidos, que conhecem as normas do sistema judicial e esperam um desfecho justo. O tempo é relevante, pois o aniversário de um ano após a morte de Shireen destaca a falta de progresso no caso. A construção social é influente, pois revela as limitações do sistema jurídico e o impacto na percepção da justiça.

---

<sup>127</sup> HARB, A. US journalists renew calls for justice for Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/5/11/us-journalists-renew-calls-for-justice-for-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>128</sup> MARSII, F. One year on, no justice at ICC for Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/5/11/one-year-on-no-justice-at-icc-for-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Na matéria “Assassinato de Shireen Abu Akleh: defensores denunciam postura “horrrível” dos EUA<sup>129</sup>”, a Al Jazeera relata como defensores dos direitos humanos denunciam a postura considerada “horrrível” dos EUA em relação ao assassinato de Shireen Abu Akleh. O título ressalta a crítica à atitude dos EUA diante do caso. A relevância está relacionada à responsabilidade e à exigência de transparência por parte dos governos. O sujeito central são os defensores dos direitos humanos, que denunciam a postura dos EUA. O ponto de referência é estabelecido pela postura considerada “horrrível” dos EUA, destacando a insatisfação e a necessidade de prestação de contas. A variação do sistema é perceptível, pois a denúncia da postura dos EUA representa uma quebra de expectativas e uma demanda por uma resposta adequada. A subjetivação é evidente na ação dos defensores dos direitos humanos, que conhecem as normas e os valores que devem ser defendidos. O tempo é relevante, pois a denúncia ocorre no presente, indicando que a postura dos EUA ainda é um tema atual. A construção social é influente, pois revela a importância do papel dos defensores dos direitos humanos na fiscalização e no questionamento das ações dos governos.

“Linha do tempo: como a posição dos EUA mudou no assassinato de Shireen Abu Akleh”<sup>130</sup>, aqui, a Al Jazeera apresentou uma linha do tempo que mostra como a posição dos EUA mudou ao longo do tempo no caso do assassinato de Shireen Abu Akleh. O título enfatizou a postura dos EUA ao caso do assassinato de Shireen Abu Akleh e como suas posições ao fato em si e as investigações mudaram ao longo do período em que esse acontecimento estava no seu ápice. A noticiabilidade está presente devido ao aspecto de novidade e à importância do entendimento da posição dos EUA no contexto internacional e principalmente no que se refere às suas decisões nas investigações do assassinato da jornalista. O sujeito central é a posição dos EUA em relação ao assassinato de Shireen Abu Akleh. O ponto de referência é estabelecido pela linha do tempo, que ilustra as mudanças e as variações na postura dos EUA. A variação do sistema é perceptível, pois a mudança de posição dos EUA representa uma transformação na abordagem do caso.

A subjetivação é evidente na análise e na apresentação da linha do tempo pela Al Jazeera, que busca fornecer um panorama objetivo da posição dos EUA. O tempo é relevante, pois a linha do tempo mostra a mudança ao longo do tempo, destacando os diferentes estágios do envolvimento dos EUA. A construção social é influente, pois revela a importância da

---

<sup>129</sup> HARB, A. Shireen Abu Akleh killing: Advocates decry ‘abhorrent’ US stance. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/5/11/shireen-abu-akleh-killing-advocates-decry-abhorrent-us-stance>>. Acesso em: 15 jun. 2023b.

<sup>130</sup> HARB, A. Timeline: How US stance shifted on killing of Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2023/5/11/timeline-how-us-stance-shifted-on-killing-of-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023c.

diplomacia e da política internacional no caso de Shireen Abu Akleh, aqui na matéria focada em ordem cronológica a posição que os EUA tiveram desde o início do acontecimento, que demonstrava um apoio positivo na busca do culpado pelo crime e no apoio às investigações independentes, com o passar dos meses, percebe-se como a narrativa foi mudando conforme Biden e os atores políticos dos Estados Unidos quando excluem o assassinato de Shireen Abu Akleh de relatórios anuais ou determinam o assassinato como involuntário, por essas razões, o interesse do público pode voltar ao acontecimento de Shireen pois, afeta questões de simbologia, representatividade e entre outras características que construíram esse fato até este momento.

Em “Shireen Abu Akleh, repórter da Al Jazeera e filha da Palestina<sup>131</sup>” a equipe de jornalistas da Al-Jazeera produzem uma homenagem à jornalista Shireen Abu Akleh para marcar um ano de sua morte. O veículo de comunicação destacou sua atuação proeminente como repórter e correspondente e trouxe consigo as questões de identidade palestina que a jornalista carregou consigo até seus últimos dias. A relevância da matéria está relacionada em prestar novamente uma homenagem porém, do tamanho merecido por Shireen Abu Akleh, nessa matéria são narradas suas histórias de carreira, seus trabalhos, relatando sua conexão à resistência palestina em conjunto com seu papel como jornalista em expor as verdades da realidade em que a mesma vivenciava. O sujeito central dessa matéria é a Shireen Abu Akleh, já que, a reportagem em si possuía o objetivo de contar sua história para o mundo, o ponto de referência deste produto jornalístico consiste na construção cronológica da carreira de Shireen Abu Akleh, também o direcionamento da narração e interpretação da sua carreira fazem parte desse tópico.

A última matéria produzida pela Al-Jazeera é um podcast, intitulado de, “haverá justiça para Shireen Abu Akleh?<sup>132</sup>”, os apresentadores exploram a questão central relacionada ao caso do assassinato de Shireen Abu Akleh. O título sugere uma abordagem investigativa e reflexiva sobre a busca por justiça em relação ao crime cometido contra Shireen. A escolha do título é impactante e instiga os ouvintes a refletirem sobre a possibilidade de alcançar a justiça nesse caso específico. Ele também demonstra a importância de abordar e discutir questões de justiça, especialmente quando se trata de crimes cometidos contra jornalistas e figuras engajadas em causas significativas, como a Palestina.

---

<sup>131</sup> Shireen Abu akleh, Al Jazeera reporter and daughter of Palestine. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/features/longform/2023/5/11/shireen-abu-akleh-al-jazeera-reporter-and-daughter-of-palestine>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>132</sup> AL JAZEERA. Will there ever be justice for Shireen Abu Akleh? Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/podcasts/2023/5/11/will-there-ever-be-justice-for-shireen-abu-akleh>>. Acesso em: 15 jun. 2023b.

O sujeito central aqui, é a jornalista Shireen Abu Akleh e os apresentadores que discutem o fato e suas narrativas nesse longo período que o acontecimento permaneceu no cenário social, pode se destacar aqui o ponto de referência que distingue o acontecimento de uma notícia, primeiramente o acontecimento discutido no podcast é o caso do assassinato da jornalista Shireen Abu Akleh e as diversas investigações não concluídas sobre o fato. A notícia em si discutida no podcast é sobre a questão em conjunto no título da matéria “haverá justiça?”, expondo que ainda não houve finalização do caso e que podem levar a ser debatidos as questões dos inúmeros pedidos da família de Shireen Abu Akleh por justiça e resposta ao crime.

O Instituto MEMO publicou duas matérias, a primeira intitulada como, “Israel não assumiu responsabilidade pela morte de 20 jornalistas, segundo relatório<sup>133</sup>”. Nesta matéria, o Instituto MEMO destaca um relatório que aponta que Israel não assumiu a responsabilidade pela morte de 20 jornalistas. A relevância do artigo reside na denúncia da falta de responsabilização por parte de Israel em relação às mortes desses profissionais da mídia. O título evidencia a falta de prestação de contas por parte das autoridades israelenses e sugere a importância de investigações imparciais e justas. O fato em questão é a falta de responsabilização por parte de Israel pelas mortes dos jornalistas mencionados no relatório. Israel é o sujeito dessa matéria pelo fato da responsabilização aos crimes de jornalistas serem direcionados a ele, tornando-o um acontecimento. O ponto de referência é a falta de responsabilização por parte de Israel, o que é considerado uma questão importante para o Instituto MEMO.

A segunda matéria intitulada como, “Shireen Abu Akleh: amigos e familiares visitam local de descanso um ano depois<sup>134</sup>”, possui relevância emocional e simbólica, já que aborda a visita de amigos e familiares ao local onde Shireen Abu Akleh foi enterrada, um ano após seu falecimento. O fato em questão é a visita de amigos e familiares ao local de descanso de Shireen, o que representa um momento de homenagem e memória. Os amigos e familiares são os sujeitos que realizam essa visita, transformando-a em um acontecimento jornalístico. O ponto de referência é o aniversário de um ano do falecimento de Shireen Abu Akleh, que marca esse momento de visita ao local de descanso.

---

<sup>133</sup> Israel has taken no accountability for killing 20 journalists, report finds. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20230511-israel-has-taken-no-accountability-for-killing-20-journalists-report-finds/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>134</sup> Shireen Abu Akleh: friends and family visit resting place one year on. Disponível em: <<https://www.middleeastmonitor.com/20230511-shireen-abu-akleh-friends-and-family-visit-resting-place-one-year-on/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

A Agência Palestina Wafa publicou duas matérias sobre, “Lembrando Shireen Abu Akleh: Um ano depois<sup>135</sup>”, a matéria possui relevância emocional e temporal, pois aborda a lembrança de Shireen Abu Akleh um ano após seu falecimento. O fato em questão é o ato de lembrar Shireen Abu Akleh, destacando seu papel como jornalista e mantendo seu legado vivo. A Agência Palestina Wafa é o sujeito que traz à tona essa lembrança, transformando-a em um acontecimento jornalístico. O ponto de referência é o aniversário de um ano do falecimento de Shireen Abu Akleh, que motiva essa reflexão e lembrança.

A segunda matéria é intitulada como, “Mídia oficial ganha o primeiro prêmio Shireen Abu Akleh da Birzeit University<sup>136</sup>”. O fato em questão é a premiação da mídia oficial com o primeiro prêmio Shireen Abu Akleh, destacando seu papel em defesa das causas palestinas. Os sujeitos são a Universidade de Birzeit e o “prêmio Shireen Abu Akleh”. O ponto de referência é a criação de um prêmio pela Birzeit University, que reconhece a contribuição da mídia e dos jornalistas.

Nas mídias ocidentais, o The Guardian publicou duas matérias. A “Shireen Abu Akleh: amigos e familiares pedem justiça no aniversário do assassinato<sup>137</sup>”, possui relevância emocional e temporal, pois destaca o apelo por justiça feito por amigos e familiares de Shireen Abu Akleh no aniversário de seu assassinato. O fato em questão é o apelo por justiça realizado por amigos e familiares de Shireen, evidenciando a busca por responsabilização pelos responsáveis pelo seu assassinato. O grupo de amigos e familiares é o sujeito que faz esse apelo, transformando-o em um acontecimento jornalístico. O ponto de referência é o aniversário do assassinato de Shireen Abu Akleh, que motiva esse apelo por justiça.

A matéria “O assassinato de Shireen Abu Akleh – e mais um dia comum na Cisjordânia<sup>138</sup>”, apresenta relevância ao destacar o contraste entre o assassinato de Shireen Abu Akleh e a rotina cotidiana na Cisjordânia. O fato em questão é o assassinato de Shireen Abu Akleh, que é colocado em contraste com o dia a dia da região. Shireen Abu Akleh é o sujeito que aborda essa temática, transformando-a em um acontecimento jornalístico. O ponto de referência é a realidade da Cisjordânia, destacando como o assassinato de Shireen se insere nesse contexto.

---

<sup>135</sup> Remembering Shireen Abu Akleh: One year later. Disponível em:

<<https://english.wafa.ps/Pages/Details/135738>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>136</sup> Official media wins Birzeit University’s first Shireen Abu Akleh award. Disponível em:

<<https://english.wafa.ps/Pages/Details/135749>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

<sup>137</sup> MCKERNAN, B. Shireen Abu Akleh: friends and family call for justice on anniversary of killing. The guardian, 11 maio 2023.

<sup>138</sup> SAFI, M. et al. The killing of Shireen Abu Akleh – and another ordinary day in the West Bank. The guardian, 11 maio 2023.



O The New York Times e o jornal O Globo não publicaram matérias.

Por fim, é válido lembrar que, o acontecimento jornalístico é um processo que envolve critérios de noticiabilidade, relevância, impacto, novidade, proximidade, conflito e emoção. Ele se baseia em um fato que ocorre e que, pode se tornar notícia. Esse fato é reconhecido, construído e narrado por elementos externos que constroem o acontecimento. Portanto, como analisado, as matérias acima destacam em seus títulos algumas dessas características e aspectos no assassinato de Shireen Abu Akleh. A sequência de fatos noticiados estruturaram esse acontecimento jornalístico e revelaram questões como a construção social da notícia e a importância das estruturas sociais e simbólicas na interpretação e representação dos fatos.

## 7.2 O ASSASSINATO DE SHIREEN ABU AKLEH COMO ACONTECIMENTO POLÍTICO

O assassinato de Shireen Abu Akleh intensificou a desconfiança e a instabilidade política na região. A Palestina, que já sofria com tensões e conflitos, viu-se envolta em uma atmosfera ainda mais tensa. Grupos políticos rivais atribuíram a responsabilidade a diferentes atores, levando a um aumento na polarização e acentuando as divisões entre palestinos e israelenses. Manifestações massivas foram organizadas, exigindo justiça e responsabilização pelo assassinato. As autoridades palestinas enfrentaram pressões internas e externas para esclarecer o crime.

Este acontecimento e suas marcas de violência tiveram um efeito significativo sobre a violência na região. Os ataques retaliatórios aumentaram, com grupos extremistas usando o incidente como justificativa para lançar mais ataques e ampliar a hostilidade. Tanto a Palestina quanto Israel sofreram com atentados e confrontos intensificados, agravando ainda mais as tensões existentes.

Abu Akleh não foi apenas um evento localizado, mas teve implicações internacionais significativas. Organizações de direitos humanos e jornalistas ao redor do mundo condenaram veementemente o ato, pedindo investigações imparciais e justiça para a vítima.

A liberdade de imprensa e a segurança dos jornalistas tornaram-se temas de discussão global, e pressões foram exercidas sobre governos e autoridades para garantir a proteção dos profissionais da mídia em zonas de conflito. A importância da liberdade de expressão e a segurança dos jornalistas foram destacadas, reacendendo os debates sobre a necessidade de

proteger os profissionais da mídia em zonas de conflito. Em um momento em que a busca pela paz e estabilidade é fundamental, o assassinato de Shireen Abu Akleh serviu como um lembrete trágico dos desafios enfrentados pela Palestina e pela comunidade internacional como um todo.

Os fenômenos causados pelo acontecimento do assassinato de Shireen Abu Akleh afetam o cenário do contexto social. O acontecimento político estudado, portanto, construiu simbologias, narrações e interpretações, tanto individuais quanto coletivas, e essas características promoveram a mobilização das massas, exigindo direitos, ações de instituições e atores políticos, entre outros.

Weber (2011) destaca que o acontecimento precisa ter um significado extremamente poderoso para provocar impactos sociais e que possa se impor nos meios de comunicação, atraindo as instituições políticas, transformando um fato em um espetáculo político-midiático, de modo que mobiliza a atenção pública. Nesse sentido, todas as narrativas possuem interesses e viés político ou ideológico e por essas narrativas construídas pelo jornalismo, a sociedade se molda e interpreta esses fatores tensionam os entendimentos de um acontecimento para um cenário de espetáculo.

Quando analisamos o momento da morte e os ataques ao cortejo fúnebre, percebemos que tratou-se de um espetáculo político-midiático que se instaurou na agenda midiática estudada. Imagens do ataque do funeral, como ilustra a **Figura 3**, circularam amplamente nos meios analisados. Essa representatividade exaltou os sentimentos de fúria e a construção da paixão pela jornalista que se tornou um símbolo, movimentando a coletividade que exigia a atenção devida ao caso.

Essas questões podem ser explicadas pelo fato de que os palestinos e o próprio território da Palestina presenciam uma ocupação tenebrosa provinda por Israel e muitas das vezes suas demandas não são colocadas nas agendas jornalísticas globais. Porém, no cenário de Shireen Abu Akleh, podemos presenciar atentamente o quanto a morte dessa jornalista afetou não somente o oriental mas também, chamou a atenção do ocidente.

**Figura 3- Foto do ataque ao funeral de Shireen Abu Akleh pelas forças de ocupação israelenese**



Fonte: (AL-JAZEERA, 2022)

Shireen Abu Akleh teve um dos maiores funerais da história Palestina, equiparado ao cortejo fúnebre de Yasser Arafat, um dos líderes do partido Fatah na Palestina<sup>139</sup>. A jornalista presenciou diversos marcos e produziu reportagens de eventos históricos para os palestinos, provavelmente pelo seu caráter forte, seus comentários críticos e sua aparição monótona na TV que serviram como pontos chave para que a mesma atingisse um *status* de reconhecimento e representatividade.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte que é o principal fator analisado aqui é considerada um dos fatores mais relevantes para uma notícia, quando se trata do acontecimento político (WEBER, 2011, p. 191), visto que “[...] o acontecimento público causa impactos, desordens, mobiliza indivíduos,

---

<sup>139</sup> PATEL, Y. Thousands attend state procession for slain Palestinian journalist Shireen Abu Akleh. Disponível em: <<https://mondoweiss.net/2022/05/thousands-attend-state-procession-for-slain-palestinian-journalist-shireen-abu-akleh/>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

pois sua ocorrência está atrelada à vida, à morte ou ao interesse público”. Logicamente, para que a morte de uma representatividade chegue à agenda midiática ela precisa de um grande impulso do público e demonstrar interesse dos órgãos políticos para que os veículos de comunicação comecem a olhar para o fato.

Quando a mídia nota que o acontecimento é relevante e quando o mesmo possui relação com as questões do acontecimento social, quando percebe-se a exigência e os pedidos por justiça, as manifestações em solidariedade, entre outros fatores, Shireen Abu Akleh se transforma em um símbolo palestino. Os atores midiáticos começam a utilizar esse fato para moldar a realidade, muitas vezes, modificando intrinsecamente aspectos políticos, relações diplomáticas, instigando posicionamentos de grandes líderes ou grandes potências que se moldam através das críticas e narrativas produzidas pelos meios de comunicação. Ademais, este acontecimento se desdobrou em dois, à medida que os ataques a um dos maiores funerais da história da Palestina foram reportados. Dessa forma, percebemos como os acontecimentos se sobrepõem, e agravam as percepções acerca do caso.

A análise dos resultados envolveram a consideração dos critérios de noticiabilidade, a relevância das informações apresentadas e o impacto emocional do fato, reportado nos textos publicados. Além disso, a presença de novidade de cada acontecimento relatado, a proximidade e a construção simbólica de uma figura tão proeminente como Shireen Abu Akleh com o público, configurou o acontecimento jornalístico.

Por conseguinte a identificação dos temas e atributos dos conteúdos coletados fazem parte do processo de entendimento dos estudos do modelo cruzado. Durante a análise percebeu-se que os atributos e temas eram focados principalmente no assassinato, na violência contra jornalistas na Palestina, a investigação do caso, a revolta da família pela não conclusão das investigações, do militar israelense como suspeito, a ocupação da Palestina, entre outros.

No entanto, é importante ressaltar as limitações encontradas durante a realização deste estudo. Um dos principais desafios foi a impossibilidade de realizar uma análise de conteúdo mais aprofundada das fontes coletadas, o que poderia ter enriquecido a compreensão das narrativas e discursos presentes na cobertura midiática.

Outra limitação a ser mencionada é a falta de acesso a determinadas fontes de informação que poderiam ter contribuído para uma análise mais completa. O acesso restrito a algumas plataformas de mídia e a barreiras linguísticas podem ter limitado a compreensão de nuances e perspectivas adicionais presentes na cobertura midiática sobre o caso de Shireen.

A área de comunicação desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea, influenciando a forma como percebemos e compreendemos o mundo ao

nosso redor. No entanto, é essencial que essa área de estudo amplie seu olhar e inclua o oriente como objeto de pesquisa, tanto para aprofundar e tensionar a falta de informações sobre essa região, quanto para explorar mais o fenômeno do orientalismo midiático e suas consequências no âmbito social.

O oriente tem sido historicamente retratado de maneira estereotipada e simplificada pela mídia ocidental, perpetuando uma visão limitada e distorcida dessa região. Essa representação reducionista do oriente pode levar a uma compreensão superficial e enviesada, afetando negativamente a percepção e as relações entre diferentes culturas e povos.

Ao finalizar esta pesquisa, ficou evidente a importância de explorar ainda mais o papel da mídia na formação da agenda pública e nas consequências sociais relacionadas ao caso da jornalista Shireen Abu Akleh. Apesar das limitações deste estudo, surgem diversas sugestões para pesquisas futuras que podem contribuir significativamente para a compreensão ampla e aprofundada desse tema.

Por tudo o que foi analisado, este trabalho une-se a todos os documentos sobre a morte de Shireen Abu Akleh. Tal fato representou um ataque direto à liberdade de imprensa e à liberdade de expressão. Como jornalista palestina, ela estava envolvida na cobertura de questões sensíveis e conflitos na região, e seu assassinato carregou também o peso simbólico de todos os jornalistas mortos em áreas de conflitos na região e no mundo.

Além disso, a cobertura contínua da morte de Shireen Abu Akleh pode servir como um lembrete constante dos desafios enfrentados pelos palestinos e da situação política e social na região. Sua morte pode ter desencadeado debates sobre a opressão, os conflitos e as violações de direitos humanos na Palestina.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. P. **Ética e Responsabilidade Social na Cobertura Jornalística**. Rio de Janeiro: Editora XYZ, 2018.

AGUIAR, Pedro. **Por uma História do Jornalismo Internacional no Brasil**. In: VI Encontro Nacional de História da Mídia. Anais, 2008. Niterói: Rede Alfredo de Carvalho, 2008. Disponível em: Acesso em: 10 set. 2022.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós Comunicación, 1993.

BANAJI, Shakuntala. **Racismo e Orientalismo**: o papel da mídia. In: CORRÊA, Laura Guimarães (org.). **Vozes Negras em Comunicação: Mídia, racismos, resistências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 37 - 51.

BENETTI, Márcia et al. O jornalismo como acontecimento. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, p. 143-164, 2010.

CPJ. Committee to Protect Journalists. **Deadly Pattern**: 20 journalists died by Israeli military fire in 22 years. No one has been held accountable.(Report). Disponível em: <https://cpj.org/reports/2023/05/deadly-pattern-20-journalists-died-by-israeli-military-fire-in-2-2-years-no-one-has-been-held-accountable/#introduction>. Acesso em: 18 jun., 2023.

ESPINOSA DE LOS MONTEROS, Guillermo G. **Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero**. Foro Internacional, n.152-153, México: Hemeroteca Virtual Unam,1998. p. 415-426. Disponível em: <https://forointernacional.colmex.mx/index.php/fi/article/view/1490/1480>

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. *Revista Mosaico-Revista de História*, v. 8, n. 2, p. 113-121, 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO.**Novo Manual da Redação**. 6.ed. São Paulo, 1996.

FRANÇA, V. V.; LOPES, S. C. **Análise do acontecimento**: possibilidades metodológicas. **MATRIZES**, [S.I.], v. 11, n. 3, p. 71-87, 2017.

GALTUNG, J. (1998). **Peace journalism: A challenge**. *Journalism studies*, 1(2), 171-186.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Isabelle Macedo. **O Papel dos Excluídos**: o Terceiro Mundo no noticiário **internacional**. monografia de graduação em Jornalismo defendida no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Niterói: IACS/UFF, 2000.

HUNEIDI, SAHAR. **The Hidden History of the Balfour Declaration**. 1st ed., OR Books, 2019. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/j.ctvcmxpx1>. Acesso em: 21 Mai. 2023.

INTERNATIONAL, Amnesty. **Israel's apartheid against Palestinians: a cruel system of domination and a crime against humanity**. 2022. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2022/02/israels-apartheid-against-palestinians-a-cruel-system-of-domination-and-a-crime-against-humanity/>. Acesso em: 1 fev. 2022.

INTERNATIONAL, Amnesty. **Human rights in Israel and Occupied Palestinian Territories**. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/location/middle-east-and-north-africa/israel-and-occupied-palestinian-territories/report-israel-and-occupied-palestinian-territories/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

**LOOK BACK at Shireen Abu Akleh: A Journalist Who Inspired Generations**. 2022. Leading Ladies. Disponível em: <https://www.abouthere.com/node/49561/people/leading-ladies/look-back-shireen-abu-akleh-journalist-who-inspired-generations>. Acesso em: 03 jun. 2023.

MITROVICA, Andrew. Some truths about Shireen Abu Akleh's murder. www.aljazeera.com. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2022/5/12/some-truths-about-shireen-abu-aklehs-murder>. Acesso em: 15 jun. 2023.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

ONU. **Israeli settlements in the Occupied Palestinian Territory, including East Jerusalem, and the Occupied Syrian Golan**. S/A: Onu, 2022. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/israeli-settlements-in-the-opt-including-east-jerusalem-and-the-occupied-syrian-golan-secretary-general-report-a-77-493/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

PATEL, Y. **Israel kills veteran Al Jazeera correspondent Shireen Abu Akleh in occupied West Bank**. Disponível em: <https://mondoweiss.net/2022/05/israel-kills-veteran-al-jazeera-correspondent-shireen-abu-akleh-in-occupied-west-bank/>. Acesso em: 9 jun. 2023.

PAPPÉ, Ilan. **A limpeza Étnica da Palestina**. Editora Sundermann: São Paulo, 2016.

PEREIRA, L. G. **Representações do Oriente Médio na imprensa: uma análise da editoria internacional nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo**. 2021.

QUÉRÉ, Louis. (2005). “**Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento**”, Trajectos, 6, pp. 85-94.

QUÉRÉ, Louis. (2011). “**A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública**”, Revista Caleidoscópio 10, Edições Universitárias Lusófona, pp.13-37.

REPORTERS WITHOU BORDERS. Middle east - north Africa. Disponível em: <<https://rsf.org/en/region/middle-east-north-africa>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. **Balanço 2022: jornalistas detidos, mortos, reféns e desaparecidos em todo o mundo**. Paris: Catherine Monnet, 2022. Acesso em: 05 jun. 2023.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2011.

SAYEGH, Fayez A.. **Zionist Colonialism in Palestine**. Beirute, Líbano: Research Center: Palestine Liberation Organization, 1965.

**Shireen Abu Akleh and the journalists killed by Israeli forces**. www.aljazeera.com. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2022/5/12/infographic-the-journalists-killed-by-israeli-forces-since-2000>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gili, 1983.

VIANA, Bruno César Brito; LIMA, Maria Érica de Oliveira. **Além das fronteiras**: Uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional. In: Anais... XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – INTERCOM, 2012, Recife. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1606-1.pdf>

WEBER, M. H. Do acontecimento público ao espetáculo político-midiático. Caleidoscópio, (Lisboa), v. 10, p. 189-203,2011.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Presença, 1985.